

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS:
QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE**

Marília de Rosso Krug

**O ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA
PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE APRENDIZAGEM:
A PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO EIXO ARTICULADOR**

Santa Maria, RS
2016

Marilia de Rosso Krug

**O ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE APRENDIZAGEM: A PROMOÇÃO DA
SAÚDE COMO EIXO ARTICULADOR**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação em Ciências**.

Orientador: Prof. Dr. Félix Alexandre Antunes Soares

Santa Maria, RS
2016

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Krug, Marília de Rosso

O ensino colaborativo como proposta pedagógica para o desenvolvimento de projetos de aprendizagem: a promoção da saúde como eixo articulador. / Marília de Rosso Krug.-2016.

100 p.; 30cm

Orientador: Félix Alexandre Antunes Soares
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, RS, 2016

1. Promoção da saúde 2. Projetos de aprendizagem 3. Trabalho colaborativo 4. Ensino I. Soares, Félix Alexandre Antunes II. Título.

© 2016

Todos os direitos autorais reservados a Marília de Rosso Krug. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: mkrug@unicruz.edu.br

Marilia de Rosso krug

**O ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O
DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE APRENDIZAGEM: A PROMOÇÃO DA
SAÚDE COMO EIXO ARTICULADOR**

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação em Ciências**.

Aprovada em 18 de março de 2016:

Félix Alexandre Antunes Sores, Dr. (UFSM)
(Presidente/orientador)

Elgion Lúcio da Silva Loreto, Dr. (UFSM)

Daniela Lopes dos Santos, Dr^a. (UFSM)

Robson Luiz Puntel, Dr. (UNIPAMPA)

Jaqueline Copetti, Dr^a. (UNIPAMPA)

Santa Maria, RS
2016

DEDICATÓRIA

Aos meus pais saudosa memória, Guilherme de Rosso e Jaci Dias de Rosso, que me deram a vida e ensinaram-me a vivê-la com dignidade, acompanharam-me e apoiaram-me até o momento que para eles foi possível. Dedico, principalmente, a você, meu pai, cujo sonho era ter um filho doutor. Pena que não está aqui comigo para comemorarmos esse momento.

AGRADECIMENTOS

Eis que chegou o momento de expressar sinceros agradecimentos aos familiares, amigos e colegas, principalmente aos que se revelaram ao longo desse tempo. Dessa forma, dedico algumas palavras àqueles que dela fizeram parte direta ou indiretamente ou, ainda, pelo fato de simplesmente existirem.

À Universidade Federal de Santa Maria, em especial ao Professor Félix Alexandre Antunes Soares, meu orientador. Agradeço profundamente pela confiança, acompanhamento, direcionamento, sugestões e apoio necessários na realização deste curso de desenvolvimento profissional. Aos colegas do GENSQ, Ana Paula Santos de Lima, Carolina Braz Carlan, Daniela Sastre Rossi Visintainer, Ediane Machado Wollmann, Márcia Righi, Phillip Vilanova Ilha e Viviane Dalmolin, companheiros de trabalho que me deram apoio nessa longa travessia, assim como pela confiança e por dividirem comigo momentos de descontração, estudos, experiências e conquistas. ‘GENSQ PARA SEMPRE’, Aos colegas e professores do Programa de Pós Graduação Educação Ciências: Química da Vida e Saúde, agradeço o auxílio, as oportunidades de leitura, trocas, reflexões e crescimento durante nossa convivência.

Aos gestores da Instituição que trabalho, Universidade de Cruz Alta - UNICRUZ, pelo incentivo à qualificação profissional. Aos colegas do Curso de Educação Física, agradeço a compreensão e a disposição de auxiliar na organização de horários e condições para que eu pudesse seguir adiante. Um agradecimento especial aos acadêmicos do curso de Educação Física, Karine Bueno do Nascimento, Bianca Bueno do Nascimento, Aline de Oliveira Martins, Rui Guilherme Fernandes Pedroso e Paulo Henrique de Oliveira Pedrotti, que ao longo de três anos colaboraram em todas as ações desenvolvidas na escola e que culminaram com a realização dessa tese. Tenho certeza que sem vocês todo o caminho trilhado teria sido muito mais difícil.

Não poderia deixar de agradecer aos sujeitos da pesquisa, que participaram dessa trajetória: os Professores da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen, em especial a professora Tatiana Pezerico, o meu muito obrigado, pela compreensão dos objetivos desse estudo e competente participação nos distintos momentos de desenvolvimento do projeto, obrigada por compartilhar teu espaço de trabalho e por acreditar em nós e também por suas observações e sugestões. Agradeço, também, aos alunos do ensino médio da escola, pela cooperação e calorosa recepção. Vocês são exemplos de coragem. Sou grata por contribuírem com a tese!

Agradeço afetuosamente à amiga Isadora Cardore Virgolin pelo incentivo que sempre dedicou às minhas empreitadas e pelos longos momentos de diálogos, trocas profissionais e confidências pessoais.

A minha amada família: meu marido, Hugo, o ‘Amor’, pessoa com quem amo compartilhar a vida, cuja paciência é a sua principal virtude. Obrigada, por sempre me incentivar e me dar força e coragem, me apoiando em todos os momentos. Obrigada pelo carinho e por ser tão amoroso durante nossos trinta e três anos de convívio; meu filho Rodrigo, meu eterno ‘bebê’, por seu carinho, sinceridade e auxílio em todos os momentos que precisei. Através do aprendizado desse exercício de ser mãe, posso afirmar que essa é a melhor experiência que uma mulher pode ter; a minha nora querida, MÔane exemplo de dedicação, esforço e profissionalismo, sempre atenciosa e carinhosa. Agradeço a vocês pela presença, pela compreensão e companheirismo e, principalmente, pelas discussões acaloradas, reflexivas, inovadoras e inspiradoras a cada momento em que a família se reuniu.

Há muito mais a quem agradecer. A todos aqueles que, embora não nomeados, me brindaram com seus inestimáveis apoios em distintos momentos e por suas presenças afetivas em inesquecíveis encontros de estudos e sociais, o meu reconhecido e carinhoso muito obrigado! E podem ter certeza que TODOS que, de algum modo estiveram me apoiando, **ESTARÃO SEMPRE GUARDADOS NAS MINHAS LEMBRANÇAS.**

RESUMO

O ENSINO COLABORATIVO COMO PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O DESENVOLVIMENTO DE PROJETOS DE APRENDIZAGEM: A PROMOÇÃO DA SAÚDE COMO EIXO ARTICULADOR

AUTORA: Marília de Rosso Krug
ORIENTADOR: Félix Alexandre Antunes Soares

A metodologia de projetos tem sido nos últimos anos o ideal de muitos professores que pretendem melhorar o processo educativo, tentando introduzir mudanças, envolvendo conhecimentos e reflexões sobre a prática pedagógica, no entanto, apesar desse ideal, os professores demonstram dificuldades para a sua implementação. Dessa forma buscou-se com este estudo analisar a percepção de professores, alunos e alunos de graduação sobre as perspectivas do ensino colaborativo no desenvolvimento de projetos de aprendizagem tendo a promoção da saúde como eixo articulador. A modalidade de pesquisa que orientou esse trabalho foi à pesquisa-ação colaborativa, tendo como participantes do estudo professores e alunos do ensino fundamental e médio de uma escola estadual do município de Cruz Alta - RS e acadêmicos do curso de Educação Física - Licenciatura da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ. O estudo foi realizado em três momentos distintos: identificação da realidade; planejamento, desenvolvimento e avaliação de um projeto de aprendizagem no contexto do ensino fundamental e um no contexto do ensino médio. Para a obtenção das informações quanto à efetividade da metodologia utilizada, foi utilizado diversos instrumentos, tais como: questionários, entrevistas, observação participante e diário de campo, sendo os mesmos interpretados pela análise de conteúdo. Após analisar os resultados, foi possível perceber que a metodologia de projetos de aprendizagem pode se constituir como uma importante estratégia para: o aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, na percepção dos professores; o crescimento profissional, a motivação e a preparação para o futuro, na percepção dos universitários; e, o melhor entendimento do assunto, a motivação para o aprender, uma maior valorização da escola e a importância do trabalho em equipe para os alunos do ensino médio. Observou-se, também, que intervenções colaborativas, que ocorram dentro da sala de aula, se constituem como importante estratégia para os professores reestruturarem suas práticas vigentes e vencerem a dificuldade “tempo” para sua formação. Dessa forma, concluímos que a perspectiva adotada de integração dos conteúdos específicos (promoção da saúde) com os conteúdos pedagógicos (trabalho colaborativo e metodologia de projetos) e a realidade da sala de aula foi uma opção adequada de trabalho.

Palavras-chave: Promoção da saúde. Projetos de aprendizagem. Trabalho colaborativo. Ensino.

ABSTRACT

THE COLLABORATIVE LEARNING AS A TEACHING PROPOSAL FOR THE DEVELOPMENT OF LEARNING PROJECTS: HEALTH PROMOTION AS THE MAIN SUBJECT

AUTHOR; Marilia de Rosso Krug
ADVISER: Félix Alexandre Antunes Soares

In the past few years, the methodology of projects has been the ideal of many teachers who intend to improve the educational process, trying to apply changes, involving knowledge and thoughts about the teaching practice. However, despite this ideal, teachers are experiencing difficulties in its implementation. In this way, through this research, we sought to analyze the perception of teachers, students and graduation students about the prospect of the collaborative learning in the development of learning projects having health promotion as the main subject. We started it with an educational practice guided by the collaborative learning precepts, having a school from the state's public system as the strategic scenario. The kind of research that guided this work was the collaborative research-action, having as participant teachers and students from elementary and high school of a state's public school of Cruz Alta – Rio Grande do Sul, and academics of the physical education graduation course of Cruz Alta's University – UNICRUZ. The study was performed in three distinct moments: Identification of the school reality; planning, developing, and evaluating a learning project at the elementary school context and at the high school context. To obtain the information concerning the methodology's effectiveness, different instruments were used, such as: surveys, interviews, participant observation and field journal. The data was interpreted by its content analysis. After analyzing the results, it was revealed that the methodology of learning projects can constitute as an important strategy for: learning to work in an interdisciplinary way, the perception of teachers; professional growth, motivation and preparation for the future, in the perception of the graduation student; and a better understanding of the subject, the motivation to learn, a greater appreciation of the school and the importance of teamwork for high school students. There was also that collaborative interventions that occur in the classroom, constitute an important strategy for teachers to restructure their existing practices and overcome the difficulty "time" for their training. Thus, we conclude that the adopted perspective of integration of specific content (health promotion) with educational content (collaborative work and project methodology) and the reality of the classroom was an appropriate choice of work.

Keywords: Health promotion. Learning projects. Collaborative learning. Education.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	APRESENTAÇÃO.....	10
1.2	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
1.2.1	Promoção da saúde: conceito e concepções	11
1.2.2	A prática de saúde na escola e a metodologia de projetos como proposta pedagógica	15
1.2.3	O ensino colaborativo, permeado pela metodologia de projetos, como proposta para a formação de professores	19
1.3	O PROBLEMA DE PESQUISA.....	23
1.4	OBJETIVOS.....	24
1.4.1	Objetivo geral	24
1.4.2	Objetivos específicos	24
1.5	MATERIAIS E MÉTODOS.....	24
2	DESENVOLVIMENTO	27
2.1	ARTIGO 1 – Saúde no contexto escolar: um estudo com professores do ensino básico de uma escola estadual da cidade de Cruz Alta-RS.....	27
2.2	ARTIGO 2 – Promoção da saúde na escola: um estudo com professores do ensino médio.....	42
2.3	ARTIGO 3 – Projetos temáticos como alternativa para a promoção da saúde no ensino fundamental.....	51
2.4	ARTIGO 4 – Projetos de aprendizagem: percepções de professores e alunos quanto sua eficácia como estratégia de ensino.....	65
3	DISCUSSÃO	82
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
	REFERÊNCIAS	93

1 INTRODUÇÃO

1.1 APRESENTAÇÃO

O Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, em nível de doutorado, tem por objetivo proporcionar formação e ambiente propício à atividade criadora a graduados na área de Educação ou Ciências, através de pesquisas e estudos avançados que permitam elevar ao grau de Doutor em Educação em Ciências. Atendendo a esse propósito é que se apresenta a presente tese, cuja temática refere-se ao ensino colaborativo como proposta pedagógica para a formação docente, tendo os projetos de aprendizagem como metodologia e a promoção da saúde como eixo articulador. A referida tese faz parte da linha de pesquisa “Educação científica: processos de ensino e aprendizagem na escola, na universidade e no laboratório de pesquisa”, do curso supracitado.

Inicialmente, apresentamos as questões relacionadas ao estado da arte em que se insere a temática da pesquisa. Apresentamos, também, os principais elementos que compõem o capítulo, de modo que se compreenda como emergiu o tema e o problema de pesquisa e os objetivos que orientam o estudo.

No segundo capítulo, intitulado desenvolvimento, foram apresentados quatro artigos. O primeiro e segundo artigos analisam como os professores do ensino fundamental (artigo 1) e do ensino médio (artigo 2) de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Cruz Alta - RS, concebem o ensino de saúde na escola, a forma como trabalham e como consideram seu preparo para o ensino dessa temática. Esses estudos nortearam as propostas dos projetos de aprendizagem desenvolvidos na escola cujos resultados estão apresentados no artigo três, desenvolvido no contexto do ensino fundamental, e no artigo quatro, desenvolvido no contexto do ensino médio.

No terceiro capítulo, denominado discussão, fazemos um resgate dos principais aspectos apontados nos estudos realizados e que fundamentaram nossos resultados apontando os possíveis caminhos para a promoção da saúde na escola.

O quarto capítulo da tese, intitulado considerações finais, trouxe uma síntese dos principais resultados obtidos, bem como as possibilidades futuras de estudos para aprofundar os conhecimentos sobre as contribuições da temática apresentada.

1.2 REFERENCIAL TEÓRICO

1.2.1 Promoção da saúde: conceito e concepções

No mundo, existem milhões de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza e de exclusão social, impedidas de exercerem seus direitos civis e políticos para determinarem o seu próprio destino. Por outro lado, no que se refere às condições de morbimortalidade, observa-se a permanência de doenças infecto-contagiosas em muitas regiões, o aumento de ocorrência de moléstias crônico-degenerativas, o aparecimento e ressurgimento de outras doenças e, ainda, a ocorrência de situações que anteriormente não eram consideradas como problemas de saúde como, por exemplo, o uso e abuso de drogas, a violência, o estresse, entre outros (SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA, s.d.).

Embora os avanços ocorridos no último século sejam inegáveis e importantes no que se refere à assistência e à recuperação da saúde, o que se tem discutido, principalmente nas duas últimas décadas, é que se faz necessária a implementação de outras estratégias para se conquistar uma melhor condição de saúde e de qualidade de vida, visando não somente a recuperação e proteção, mas principalmente a promoção da saúde.

O movimento de promoção de saúde vem ganhando força, com a realização de uma série de conferências internacionais que reforçam suas práticas. Em 1986, na primeira Conferência Internacional de promoção de saúde, foi publicada a Carta de Ottawa, que ampliou o significado da concepção de promoção de saúde de um conjunto de ações voltadas para a prevenção das doenças e riscos individuais, para uma visão que considerava a influência dos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais sobre as condições de vida e saúde. Assim, a saúde passou a ser compreendida enquanto qualidade de vida e não apenas como ausência de doença, determinando que os problemas de saúde sejam enfrentados valendo-se de ações intersetoriais, visto que extrapolam a responsabilidade exclusiva do setor saúde (WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO, 1986).

A Carta de Ottawa propõe cinco campos de ações para a promoção de saúde da coletividade, sendo eles: os ambientes de assistência à saúde, que são os facilitadores das escolhas saudáveis, objetivando promover saúde por intermédio da criação de condições de vida e trabalho que conduzam à saúde e ao bem-estar; a construção de políticas públicas saudáveis, implicando abertura de espaços nas agendas dos formuladores de políticas públicas de todos os setores, tornando as escolhas saudáveis as mais fáceis; o fortalecimento da ação comunitária, priorizando a participação de indivíduos e comunidades nas tomadas de decisões

de questões que dizem respeito à sua saúde; o desenvolvimento de habilidades pessoais, enfatizando a divulgação de informações sobre a saúde e educação para a saúde, nas escolas, universidades, locais de trabalho e qualquer espaço coletivo de forma a permitir que as pessoas tenham mais controle sobre sua saúde; e, a reorientação dos serviços de saúde, de um enfoque curativo para um enfoque preventivo de promoção de saúde, com a formação de profissionais capazes de acompanhar esta mudança (WHO, 1986).

Dessa maneira, a promoção de saúde passou a ser vista como uma estratégia mediadora entre pessoas e ambiente, visando aumentar a participação dos sujeitos e da coletividade na modificação dos determinantes do processo saúde doença, como emprego, renda, educação, cultura, lazer e hábitos de vida, devendo proporcionar aos povos meios necessários para melhorar sua saúde, cabendo ao estado à responsabilidade de reduzir as diferenças, assegurar a igualdade de oportunidades e promover os meios que permitam a todos desenvolver um melhor controle sobre ela. Para isso, a Política Nacional de Promoção da Saúde (BRASIL, 2014) recomenda a elaboração intersetorial de estratégias de modo participativo e inclusivo, conformando redes de corresponsabilidades para possibilitar a integralidade das práticas em saúde. Assim, a promoção de saúde deve ser assumida como responsabilidade de todos os setores e exige o comprometimento de toda a sociedade, numa ação coordenada de todos os implicados: governo, organizações não governamentais, meios de comunicação e população (BUSS; CARVALHO, 2009).

Acreditamos que a promoção de saúde, vista desta forma, representa uma possibilidade de mudança radical no modo atual de conceber e praticar saúde. Mas, para chegar lá, será preciso revisitar criticamente seus fundamentos e práticas. Nesta perspectiva, compactuamos com Bressam e Medeiros (2014) quando apontam para a importância da educação como uma estratégia de fortalecimento da participação social a partir do empoderamento, entendido como a prática de compartilhar poder de decisão, a construção de saberes e práticas e formas de participação. Nesse cenário, a escola tem representado um importante local abrigando amplas possibilidades de iniciativas para o desenvolvimento de atividades de promoção da saúde (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2013).

Nesse sentido, enfocamos em nosso estudo a promoção de saúde no ambiente escolar, que também pode ser entendida como “educação em saúde”.

A educação em saúde é compreendida como qualquer combinação intencional de experiências de aprendizagem com objetivo de facilitar medidas comportamentais ou ações sobre os determinantes sociais da saúde a serem adotadas por pessoas, ou comunidades (ASSIS et al. 2010). É ainda percebida como a expressão do processo teórico-prático

planejado e embasada a fim de se obter os resultados desejados que visa integrar vários saberes sejam eles científicos, populares ou do senso comum, proporcionando aos atores envolvidos a percepção crítica e a participação responsável e autônoma (DINIZ; FIGUEIREDO; SCHALL, 2009), devendo favorecer uma ação mais reflexiva e crítica sobre o conceito de saúde, com investigações de demandas e temas pertinentes à comunidade escolar e particularmente aos escolares.

Essas discussões vêm se fortalecendo desde a última Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (BRASIL, 1996) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN (BRASIL, 1997) que passaram a considerar a saúde como um tema transversal, caracterizando assim a necessidade de assegurar uma ação integrada e intencional entre os campos da educação e da saúde, já que ambos se pautam nos princípios de formação da consciência crítica e no protagonismo social, tornando-se parte obrigatória de todas as disciplinas da educação básica.

Configura-se nos PCN um sentido reconstruído do tema saúde, buscando superar o conceito sustentado apenas na perspectiva biológica e informativa, levando em consideração os múltiplos enfoques e influências que, conjuntamente, determinam, explicam, caracterizam, problematizam, enfim, compõem o cenário da saúde, ou seja, os aspectos socioeconômicos, culturais, afetivos e psicológicos. Desse modo, a educação em saúde deve: favorecer o processo de conscientização quanto ao direito à saúde; e, instrumentalizar para a intervenção individual e coletiva sobre os condicionantes do processo saúde/doença (BRASIL, 1997). Por conseguinte, torna-se relevante conhecer as concepções de saúde dos professores, bem como a forma como esse tema vem sendo abordado na escola.

No contexto do ensino fundamental, destacamos o estudo de Marinho e Silva (2012) que investigaram a concepção de saúde de professores dos anos iniciais do município de Rio Grande/RS e perceberam que para alguns professores, trabalhar com as questões de saúde ficava como uma coisa a parte, ou seja, os professores associaram, em grande parte, ao ensino de Ciências e as questões de higiene e alimentação. Segundo os autores, pensando nessas situações isoladas para desenvolver assuntos de saúde na escola, eles podem acabar ocasionando um reducionismo no ensino enfocando a temática somente quando surge a oportunidade. Nesse mesmo contexto, Krug et al. (2014) investigaram como os professores e alunos dos anos iniciais, de uma escola estadual da cidade de Cruz Alta/RS concebiam o ensino de saúde na escola e observaram que tanto os professores, quanto os alunos tinham uma concepção de saúde, reduzida, vinculada especialmente ao autocuidado, sendo esta vertente, segundo Silva (2001), a que pauta a maioria dos programas de saúde escolar.

Marinho, Silva e Ferreira (2015) em um estudo realizado, também, com professores dos anos iniciais observaram que existe um domínio de uma concepção de saúde biomédica no imaginário dos professores, visto que as ações higienistas e o trabalho focado em doenças se destacam em meio às atividades dos docentes. Os referidos autores entendem que esse modelo de saúde se alicerça em um paradigma biomédico, calcado em um modelo hegemônico – o curativismo – que perdurou por muito tempo.

No contexto do ensino fundamental, anos finais e ensino médio, Costa, Gomes e Zancul (2012) evidenciaram dificuldades para o ensino dessa temática entre os professores. Os referidos autores investigaram as concepções de professores de Ciências e de Biologia atuantes em escolas públicas e privadas de Brasília (DF) e da Região Administrativa de Brasília (DF) acerca da educação em saúde na escola e encontraram resultados que demonstraram que os professores têm pouca formação para trabalhar este tema em sala de aula e desconhecimento sobre a temática, apesar de considerá-la muito importante.

Estudos realizados no contexto do ensino superior, também, têm evidenciado dificuldades de compreensões mais ampliadas de saúde. Stanga e Rezer (2015) ao estudarem as concepções de saúde entre os professores da universidade de Chapecó/SC, identificaram que os professores, ainda, tem como referência o modelo biomédico, que vincula o conhecimento na educação superior de maneira muito impactante. Segundo os referidos autores as discussões sobre saúde são raras, pois não há espaços oficiais que permitam tal reflexão. Além disso, os professores têm que cumprir uma alta carga horária de trabalho, fatores estes que se configuram como elementos que prejudicam discussões de ordem teórica. Dessa forma, torna-se de fundamental importância a revisão dos currículos no contexto da formação inicial de professores para que tais discussões sejam incluídas.

A partir das concepções dos professores, apresentadas, percebe-se que a educação em saúde manifesta-se como algo na periferia do currículo. Segundo Marinho, Silva e Ferreira (2015) isso ocorre em função da consolidação dos campos disciplinares na escola e da estrutura das disciplinas nos currículos dos cursos para formação de professores. Ainda é possível inferir que o tratamento das questões de saúde na escola carecem de sistematização, de ações e práticas, pois o que ocorre é a realização de atividades esporádicas quando, eventualmente, percebe-se alguma problemática, tornando o tratamento do tema uma coisa separada da organização das aulas. Costa, Gomes e Zancul (2012) salientam que a situação da educação em saúde nas escolas, de maneira geral, é bem complexa, o que se visualiza são professores mal preparados para tratar a temática, pouca preocupação das universidades e dos

cursos de licenciatura na formação dos licenciandos e a falta de incentivo das escolas de ensino fundamental e ensino médio.

Nossas análises indicam que a discussão sobre o papel dos professores, como educadores em saúde na escola, é urgente e necessária e que é essencial debater tal aspecto na formação e na atuação desses profissionais. Outras questões, que se apresentam como desafios para pensarmos as mudanças necessárias no ensino de temas relacionados à educação em saúde, são as ações que possam contribuir para que essa atividade traga benefícios efetivos na atuação docente para o ensino. É necessário compreendermos a educação como promotora de processos de mudanças de comportamento e de formação de atitudes que devem ser coordenadas e mediadas pelos educadores. Cabe destacar, que o papel da escola vem se tornando cada vez mais significativa na formação de hábitos saudáveis, devendo ter espaço para educadores e alunos discutirem sobre essa temática.

1.2.2 A prática de saúde na escola e a metodologia de projetos como proposta pedagógica

A escola é um espaço de relações, bem como um espaço propício para o desenvolvimento crítico e político. Ela contribui para a elaboração de valores pessoais, crenças, conceitos e maneiras de conhecer o mundo, interferindo diretamente na produção social da saúde, razão pela qual tem sido amplamente utilizada como espaço facilitador às abordagens de questões relacionadas à saúde. O reconhecimento é expresso, inclusive, pelo interesse do estado que incluiu a saúde como temática transversal nos PCN (MARINHO; SILVA, 2012).

Entretanto, o cenário latino-americano revela, ainda, a persistência de iniciativas centradas na doença e em suas formas de transmissão, de ações de triagens e de construção de perfis epidemiológicos e de estratégias educativas relacionadas à transmissão de conhecimentos sobre prevenção, higiene e primeiros socorros. Em grande medida tem sido atividades, que desconsiderando o contexto local e o espaço da vida, apresentam uma lista de regras de controle de risco nem sempre possíveis de serem vivenciadas que acabam por culpabilizar a população pelo seu não cumprimento (CASEMIRO; FONSECA; SECCO, 2013). Desta maneira, e considerando que promover saúde envolve escolhas, o que demanda novas formas de potencializar a autonomia e a saúde dos sujeitos é necessário, na perspectiva de Bressam e Medeiros (2014), refletir sobre duas questões fundamentais e interligadas: uma

é a necessidade da reflexão filosófica e a outra é a consequente reconfiguração da educação nas práticas de saúde.

Em relação às práticas de saúde na escola os autores Cardoso; Reis e Iervolino (2008) e Oliveira (2006) têm evidenciado que as metodologias tradicionalmente utilizadas apresentam dificuldades para trabalhar com esse tema por não priorizarem a participação e interação dos atores do processo. Segundo os referidos autores, a partir dessas metodologias os alunos acumulam saberes, mas não conseguem aplicar seus conhecimentos em situações reais do dia a dia. Casemiro, Fonseca e Secco (2013) salientam que as práticas de saúde na escola requerem a definição de iniciativas interdisciplinares selecionadas a partir de diagnóstico local da realidade, com identificação dos problemas reais e das soluções viáveis em cada escola, de forma a contribuir para a autonomia e o apoderamento dos sujeitos diante dos direitos fundamentais relacionados ao tema da saúde escolar.

No Brasil, presenciamos esse movimento com mais intensidade na ocasião da publicação dos PCN, pelo Ministério da Educação (MEC). O referido documento traz para o ensino básico a ideia de “extrapolar” as disciplinas ao trabalhar temas “voltados para a vida”, que estariam mais relacionados com o cotidiano dos estudantes, sugerindo que o tema seja trabalhado de forma transversal e interdisciplinar (BRASIL, 1998). Entretanto, segundo Ricardo e Zylbersztajn (2002), um dos grandes problemas da metodologia de trabalho interdisciplinar, sugerida pelos PCN, foi a forma muito abrupta como ela foi proposta, sem a preparação dos professores, sem distribuição de carga horária e de conteúdos. Também, segundo os referidos autores faltaram discussões acerca de novas metodologias que possibilitassem um trabalho interdisciplinar e contextualizado.

Fazenda (2011) salienta que o exercício da interdisciplinaridade pode facilitar o enfrentamento da crise do conhecimento e das ciências, porém ressalta que é necessário que se compreenda a dinâmica vivida por essa crise e que se perceba a importância e os impasses a serem superados num projeto que a contemple. Na perspectiva de Goulart et al. (2011), a interdisciplinaridade acontece naturalmente se houver sensibilidade para o contexto, mas sua prática e sistematização demandam trabalho didático de um ou mais professores. Entretanto, por falta de tempo, interesse ou preparo, o exercício docente, na maioria das vezes, ignora a intervenção de outras disciplinas na realidade ou no tema que está sendo trabalhado com os alunos.

Os professores do ensino fundamental reconhecem a importância de um trabalho interdisciplinar no ensino de saúde na escola, no entanto, indicam para a falta de tempo e conhecimento necessário sobre essa estratégia de ensino como as principais dificuldades,

mostrando as deficiências da formação inicial, assim como a sobrecarga de trabalho como fatores limitantes (KRUG et al., 2014). Essas dificuldades não ocorrem somente no nível de ensino fundamental, Augusto e Caldeira (2007), ao investigarem professores do ensino médio na cidade de Bauru-SP, revelaram, além dessas, outras dificuldades para essa forma de trabalho, entre elas, as dificuldades de relacionamento com a administração escolar e a ausência de coordenação pedagógica entre as ações docentes, além do desinteresse e indisciplina dos alunos.

Um outro aspecto a ser evidenciado é o despreparo dos professores para trabalhar com a temática saúde nas escolas. Nessa perspectiva, apontamos para o estudo de Santos e Bogus (2007) realizado com professores das escolas de São Paulo, que investigaram o conhecimento, entendimento e concepções de professores para o ensino de saúde e promoção de saúde no ambiente escolar, onde os resultados mostraram que os mesmos sentem-se despreparados para serem educadores de saúde. Apenas 60% sentiam-se preparados, mas transferiam a obrigação do ensino dessa temática para o professor de Ciências e o desenvolvimento de ações para a direção e coordenador pedagógico. Krug et al. (2015a), em estudo realizado com professores da rede pública estadual da cidade de Cruz Alta - RS, também, verificaram que estes não se sentiam preparados nem para observar e nem para orientar seus alunos em relação à saúde.

A partir desse cenário, percebe-se a necessidade de formação de professores tanto no que se refere ao trabalho com o tema saúde, quanto às metodologias mais apropriadas para ensino dessa temática na escola, ou seja, uma metodologia em que o professor tenha o papel de sujeito que dinamiza o processo educativo e o aluno de participante ativo na construção do conhecimento. Foi nesse contexto que iniciaram as discussões sobre o que hoje se destaca como princípios da metodologia de projetos.

O método de projetos surge com Kilpatrick, que, em 1918, publica o artigo intitulado “The Project Method”. Nesse artigo, o autor propõe o método de projeto como uma forma de ensino e de aprendizagem mais próxima das necessidades e interesses dos alunos, já que considerava a educação escolar da época demasiado teórica, abstrata e sem sentido e utilidade para eles (FERREIRA, 2013).

Entretanto, os caminhos para o ensino por projetos se abriram, somente, a partir do movimento chamado de Escola Nova, final do século XIX, na Europa, que ocorreu num cenário de avanço das ciências, principalmente a Biologia e a Psicologia, e de mudanças sociais, sob a influência da industrialização e urbanização. No Brasil o diálogo sobre tal prática teve início na década de 30, com Anísio Teixeira e Lourenço Filho, ambos idealistas da Escola Nova.

Pode-se apontar que, já no século XVIII, com Pestalozzi (1746-1827) e Fröebel (1782-1825), encontram-se os precursores da Escola Nova, porém alguns teóricos delimitam com Rousseau o começo do ideário desse movimento. Mas há um consenso de que os seus principais precursores foram os educadores Ovide Decroly, na França, que criou os “Centros de Interesse”; Maria Montessori, na Itália; John Dewey, nos Estados Unidos, que preconizou a sala de aula como uma “comunidade em miniatura”; William Kilpatrick, discípulo de Dewey, que, no início do século XX, propõe um trabalho integrado com Projetos; Celestin Freinet, na França, que protagonizou a Pedagogia de Projetos, entendendo que a criança deve compreender o mundo com certa rigorosidade de pensamento, por meio de um trabalho de pesquisa reflexiva (OLIVEIRA, 2006).

Com a popularidade entre os professores americanos, o projeto passou a ser visto como o método da educação progressista e atenderia às exigências de uma nova psicologia educacional, que negava a passividade dos educandos diante do conhecimento e defendia o envolvimento desses em situações de aprendizagem aplicada, a fim de desenvolverem iniciativa, criatividade e capacidade de julgamento, diante das situações práticas de vida (OLIVEIRA, 2006).

Mais recentemente (1998) essa metodologia é proposta pelos PCN que sugerem o ensino por projetos como uma alternativa para o desenvolvimento de uma proposta curricular na qual são enfatizadas a interação entre as áreas do conhecimento, a contextualização dos conteúdos e a participação ativa dos professores na elaboração do currículo e no desenvolvimento da metodologia de ensino (BRASIL, 1998).

Hernández e Ventura (1998, p. 67) ressaltam que,

Métodos de projetos, centros de interesse, trabalho por temas, pesquisa do meio, projetos de trabalho/aprendizagem são denominações que se utilizam de maneira indistinta, mas que respondem a visões com importantes variações de contexto e conteúdo.

Moura e Barbosa (2013) utilizam o termo projeto de trabalho/aprendizagem e o conceituam como sendo projetos desenvolvidos por alunos em uma ou mais disciplinas, no contexto escolar, sob a orientação do professor, e têm por objetivo a aprendizagem de conceitos e desenvolvimento de competências e habilidades específicas, sendo esse o conceito que permeou as ações da presente tese.

Esta abordagem de trabalho parte de um desafio, o qual, para ser resolvido exige a incorporação de novos conteúdos pelos alunos. A partir dessa metodologia os alunos saem da posição de “sujeitos ditos passivos” e se colocam como sujeitos que querem participar, criar,

modificar, assim como leva-os a terem uma postura investigativa, tornando-os mais reflexivos e críticos. O professor transita do transmissor, centralizador, para o facilitador, sendo o mediador dos conhecimentos que serão vivenciados pelos alunos nos projetos, tendo como principal função a organização das atividades que serão realizadas (MOURA; BARBOSA, 2013).

Embora esse método seja o ideal de muitos professores, observações realizadas em contextos escolares tem evidenciado dificuldades dos mesmos para a utilização dessa estratégia em suas atividades de ensino (ELLIOTT, 2003; KRUG et al., 2014).

1.2.3 O ensino colaborativo, permeado pela metodologia de projetos, como proposta para a formação de professores

Com o fenômeno da massificação social, observado nos últimos anos, a população escolar passou a caracterizar-se por nela existirem alunos com necessidades e interesses muito distintos. Por esta razão, o professor tem que ser formado para ser capaz de dar resposta à diversidade de alunos e às exigências sociais, estruturando o ensino com situações pedagógicas que permitam aos educandos construir a aprendizagem, gerindo o currículo escolar de forma flexível, em função das necessidades e dos interesses dos seus alunos, e apostando na utilização de estratégias pedagógicas diferenciadas (SOUSA, 2010). Nesse sentido, a formação do professor deve possibilitar conhecimentos e a capacidade reflexiva, investigativa e criativa sobre as suas práticas pedagógicas (GARCIA, 2009). Para isso, é necessário que lhes proporcione os instrumentos teóricos, técnicos e práticos indispensáveis (ALONSO, 2005).

Considera-se, também, imprescindível, na formação de professores, o desenvolvimento de competências pessoais e relacionais, já que é com o trabalho colaborativo que os professores mais facilmente encontram as respostas para os diferentes desafios com que se deparam no cotidiano escolar (MORGADO, 2005). Por outro lado, a formação de professores tem que ser entendida como uma formação ao longo da vida profissional, não devendo os profissionais da educação encararem a formação inicial como suficiente para darem resposta a todos os desafios que vão encontrar ao longo da sua vida (GARCIA, 2009). Ou seja, as constantes mudanças a que se assiste na sociedade, na economia e na política fazem com que a ação dos professores tenham que ser constantemente redimensionadas, de forma a conseguirem dar resposta às exigências que lhe são feitas, garantirem a qualidade pedagógica e o maior sucesso escolar possível dos seus alunos, conseguido através de um

processo contínuo de formação e de desenvolvimento profissional do docente (FERREIRA, 2013).

Neste sentido, Charlot e Silva (2010, p. 55) afirmam que:

Hoje a formação de professores deve orientar-se pela ideia de que é cada vez mais indispensável o professor do saber, ou seja, aquele docente que consegue ensinar como procurar e ligar informações para produzir sentido, para entender o mundo, a vida, as nossas relações com os demais e conosco mesmo.

Dessa forma, levando em consideração o contexto social em que vivemos e as exigências feitas à formação de professores, parece-nos que a formação para um ensino a partir da metodologia de trabalho de projetos pode se constituir em uma das respostas pedagógicas possíveis e adequadas. Alguns estudos tem demonstrado a eficácia da metodologia de projetos na formação profissional. Dentre eles destacamos o de Manfredo (2006) que em um estudo envolvendo graduandos do curso de Licenciatura em Ciências Naturais, Habilitação em Biologia e Química de uma universidade pública no município de Marabá – Pará evidenciou aspectos relevantes dos projetos didáticos para a formação do professor de ciências, e ainda seu potencial de intervenção em problemas concretos, provocando ações, reflexões e práticas educativas que fortaleceu a identidade docente dos futuros professores.

Guimarães (2014) ao utilizar a metodologia de projetos em um curso de Graduação em Ciências Biológicas – Licenciatura e Bacharelado, de uma universidade confessional de uma cidade do interior do estado de São Paulo, também encontrou contribuições significativas para a formação dos professores, ou seja, a proposta contribuiu com o desenvolvimento de habilidades que seriam difíceis com a utilização de outras modalidades didáticas. Entre elas, a autora destaca o trabalho coletivo e o espírito de comprometimento, fortalecendo a autonomia profissional e se constituindo em um espaço importante para formação dos futuros professores.

São vários os estudos que evidenciam as contribuições da metodologia de projetos no contexto da formação inicial de professores (MANFREDO, 2006; CASTRO, 2008; FREITAS, OLIVEIRA, ZUIN, 2008; GUIMARÃES, 2014), entretanto não se encontrou nenhum estudo que abordasse tal metodologia, no contexto da formação continuada de professores. Dessa maneira, considerando que os projetos têm significado positivo tanto para quem ensina (o professor) quanto para o sujeito que aprende (o aluno), tornando assim a escola uma comunidade aprendente (ALARCÃO, 2003), levamos para a escola essa

metodologia de trabalho como uma proposta para a formação continuada de professores do ensino básico.

Para o desenvolvimento das ações formativas dos professores optamos pelo trabalho/ensino colaborativo (*Co-teaching* - termo utilizado na Língua Inglesa) proposto por autores norte-americanos Kook e Friend em 1995 por se constituir como um dos caminhos para enfrentar desafios e também porque cada vez mais se tem trabalhado o princípio de que os professores não devem trabalhar sozinhos, mas em equipes, que apresentem propostas, cujas funções tenham objetivos comuns para melhorar a escolarização de todos os alunos (FONTES, 2009).

Quando se aborda os termos aprendizagem/ensino colaborativo e aprendizagem/ensino cooperativo, alguns estudiosos consideram que esses termos, apesar de possuírem definições similares, apresentam diferenças no que diz respeito às perspectivas teóricas e práticas; outros, porém, utilizam-nos como se fossem sinônimos. Para fins didáticos, nesta tese, o termo a ser utilizado será o de ensino colaborativo. TORRES (2004, p. 50), afirma que:

uma proposta colaborativa caracteriza-se pela: participação ativa do aluno no processo de aprendizagem; mediação da aprendizagem feita por professores e tutores; construção coletiva do conhecimento, que emerge da troca entre pares, das atividades práticas dos alunos, de suas reflexões, de seus debates e questionamentos; interatividade entre os diversos atores que atuam no processo; estimulação dos processos de expressão e comunicação; flexibilização dos papéis no processo das comunicações e das relações a fim de permitir a construção coletiva do saber; sistematização do planejamento, do desenvolvimento e da avaliação das atividades; aceitação das diversidades e diferenças entre alunos; desenvolvimento da autonomia do aluno no processo ensino-aprendizagem; valorização da liberdade com responsabilidade; comprometimento com a autoria; valorização do processo e não do produto.

Para fins didáticos, nesta tese, o termo a ser utilizado será o de ensino colaborativo. Segundo Zanata (2004), o ensino colaborativo está relacionado com a maneira de tratar novas ideias, de implementar mudanças com os sentimentos de integração, de solidariedade e posturas de auto avaliação, autocrítica e de competências reflexivas coletivas. Dessa forma, entende-se o trabalho colaborativo como sendo uma estratégia de trabalho pedagógico, concebida pelo homem para desenvolver uma tarefa difícil e alcançar um resultado mais efetivo. Não há dados que comprovem quando surgiu a ideia de reunir indivíduos em prol de um objetivo comum, mas sabe-se que a concepção de equipe existe há muito tempo, desde que se começou a pensar no processo do trabalho. Entretanto, sabe-se também que essa aproximação tem sido impulsionada pela necessidade histórica do homem de somar esforços para alcançar objetivos que, isoladamente, não seriam atingidos ou o seriam de forma mais trabalhosa ou ainda, inadequada.

Nono e Mizukami (2001) salientam que o trabalho colaborativo, entre professores, favorece o desenvolvimento da destreza na análise crítica, na resolução de problemas e na tomada de decisões, assim como apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar e agir criando possibilidades de sucesso a difícil tarefa pedagógica. Ou seja, as culturas do trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, conseqüentemente, de aprendizagens, promovendo incremento nesses parâmetros (DANIELS, 2002). Mendes (2006) acrescenta que a força de trabalho das equipes colaborativas encontra-se na capacidade para fundir habilidades de educadores para promover sentimentos de interdependência positiva e apoio mútuo; para desenvolver a criatividade; e, para compartilhar responsabilidades, diminuindo as distinções de papéis existentes entre os profissionais envolvidos, a fim de que cada um possa fazer o melhor uso possível de seus saberes. Nas equipes colaborativas todos os componentes compartilham as decisões, estabelecem relações, a confiança é mútua e há corresponsabilidade pela condução das ações. Torres, Alcantara e Irala (2004) apontam para a rejeição ao autoritarismo e a promoção da socialização como os postulados principais do trabalho colaborativo.

Destaca-se, também, as contribuições da psicologia para o entendimento dos processos envolvidos no trabalho colaborativo. Segundo Vygotsky (1998) as atividades realizadas em grupo oferecem vantagens que não estão disponíveis em ambientes de aprendizagem individualizada. O autor explica que a constituição dos sujeitos, assim como seu aprendizado e seus processos de pensamento (intrapsicológicos) ocorrem mediados pela relação com outras pessoas (processos interpsicológicos).

Lave e Wenger (2002, p. 16) afirmam que:

é pelo engajamento em atividades cotidianas, desenvolvidas em seu grupo de trabalho, que ocorre a produção, transformação e mudança na identidade das pessoas, em seu conhecimento e em suas habilidades práticas.

Nesse sentido, foi proposto no presente estudo um modelo de trabalho colaborativo, compreendido como uma parceria entre o professor da escola e o professor universitário, que compartilharam planejamento, instruções e avaliações dos procedimentos de ensino do tema saúde, tanto no contexto do ensino fundamental como do ensino médio em uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Cruz Alta - RS. Esse modelo de ensino foi utilizado por concordarmos com os pressupostos de Fontes (2009) de que é muito importante a atuação de dois ou mais profissionais dando instruções em um mesmo espaço físico. Destaca-se, também que são poucos os trabalhos relacionados com este tema (trabalho/ensino colaborativo) no

Brasil, o que implica o desenvolvimento de mais pesquisas, sendo essa uma das justificativas do relato da presente experiência profissional.

Justifica-se, também, este estudo considerando as afirmações de Oliveira (2006), segundo o referido autor os professores podem encontrar no trabalho com projetos, uma proposta de educação voltada para a formação de competências, que pretende que a aprendizagem não se torne passiva, verbal e teórica, mas que tenha a participação ativa dos alunos. Ao trabalhar com essa metodologia é possível propor tarefas complexas e desafios que estimulem os alunos a mobilizar seus conhecimentos e completá-los. Assim, entende-se que o método de projetos atende às exigências de uma proposta, que nega a passividade dos educandos diante do conhecimento e defende o envolvimento desses em situações de aprendizagem aplicada, a fim de desenvolverem iniciativa, criatividade e capacidade de julgamento, diante das situações práticas de vida. Entretanto, mesmo não sendo uma proposta atual os professores, ainda, encontram dificuldades para utilização dessa estratégia de ensino. Fato esse que chama a atenção para a necessidade de um processo de formação para a docência e de qualificações que envolvam tal temática.

1.3 O PROBLEMA DE PESQUISA

O problema de pesquisa emergiu considerando as seguintes problemáticas:

- a) a saúde é uma questão social atual e urgente, e como tal, deve ser vivida e abordada na escola e em família;
- b) os jovens ocupam, durante a adolescência, a maior parte do dia na escola, e muitos comportamentos relevantes para a saúde são iniciados nesta época da vida;
- c) os professores reconhecem a importância da saúde de seus alunos como um dos aspectos fundamentais para sua qualidade de vida e seus processos de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem. Contudo os programas de educação em saúde ainda se voltam muito para o foco da doença, o que precisa ser revisado para que tenham uma perspectiva de maior participação e de melhor promoção de saúde e da qualidade de vida;
- d) as dificuldades e necessidades apontadas pelos professores para utilização de estratégias de ensino diferenciadas; e,
- e) a possibilidade de utilizar uma metodologia interdisciplinar que desperte o interesse e a participação dos alunos para uma aprendizagem mais efetiva de saúde, ou seja os projetos de aprendizagem.

Dessa forma, esse estudo pretende responder a seguinte questão norteadora: quais são as percepções de professores, alunos e acadêmicos universitários sobre as perspectivas do ensino colaborativo no desenvolvimento de projetos de aprendizagem para o ensino de saúde e da promoção da saúde no contexto escolar?

1.4 OBJETIVOS

1.4.1 Objetivo geral

Analisar a percepção de professores, alunos e acadêmicos universitários sobre as perspectivas do ensino colaborativo no desenvolvimento de projetos de aprendizagem como estratégia para o ensino de saúde e da promoção da saúde no contexto escolar.

1.4.2 Objetivos específicos

Identificar como os professores do ensino básico de uma escola de rede estadual da cidade de Cruz Alta/RS concebem o ensino de saúde na escola, a forma como trabalham e como consideram seu preparo para o ensino dessa temática.

Planejar e aplicar, de forma colaborativa com os professores do ensino fundamental, um projeto de aprendizagem com o tema saúde e avaliar as perspectivas dessa metodologia de trabalho na concepção dos professores e acadêmicos universitários envolvidos na experiência.

Planejar e aplicar, de forma colaborativa com os professores do ensino médio, um projeto de aprendizagem tendo a promoção da saúde como eixo articulador e analisar as perspectivas dessa metodologia de ensino na concepção dos professores e alunos do ensino médio e dos acadêmicos universitários envolvidos na experiência.

1.5 MATERIAIS E MÉTODOS

Quando nos dirigimos à escola como ambiente favorável para a Educação em Saúde, nos remetemos aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e percebemos que eles orientam quanto à preocupação que devemos ter em assegurar aos educandos uma aprendizagem que modifique as atitudes e os hábitos de vida do ser humano (BRASIL, 2000). Assim questionamos: quais seriam os principais atuantes nesse processo? Inicialmente, consideramos a importância do profissional de saúde inserido na escola, tentando buscar caminhos que nos

orientassem em relação a essa atuação. Porém, ao investigar essa questão, nos deparamos com a importância de quem trabalha diariamente e diretamente com os alunos, ou seja, o educador. Assim, elegemos como foco principal de atenção, neste trabalho, os professores e alunos de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Cruz Alta - RS. Constituíram-se como sujeitos do estudo, também, os acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ que desenvolviam atividades do Programa Institucional de Iniciação à Docência – PIBID/UNICRUZ, na escola em estudo. Dessa forma, constituíram-se como sujeitos do estudo professores do ensino fundamental e médio, alunos do ensino médio e acadêmicos universitários do curso de Licenciatura em Educação Física. O número de sujeitos variou em função das etapas desenvolvidas no estudo.

A escola localiza-se na periferia do município, sendo uma região considerada de fragilidade social. Muitas famílias são itinerantes devido à falta de empregos e recorrem a oportunidades de trabalho fora da cidade ou em outros bairros em determinadas épocas do ano. Assim, a transferência da escola é uma ação constante na vida de alguns alunos e professores.

A abordagem de pesquisa utilizada nos quatro artigos da presente tese foi a qualitativa. Essa abordagem de pesquisa estimula os entrevistados a pensar e falar livremente sobre algum tema, objeto ou conceito. Elas fazem emergir aspectos subjetivos, atingem motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea (TRIVIÑOS, 2009).

Quanto ao tipo de pesquisa, foram utilizadas duas caracterizações distintas, ou seja, para a identificação de como os professores do ensino básico concebiam o ensino de saúde na escola, a forma como trabalhavam e como consideravam seu preparo para o ensino dessa temática (artigos 1 e 3), utilizamos a pesquisa descritiva (LAKATOS; MARCONE, 2001). Para os demais objetivos do estudo (planejar e aplicar, de forma colaborativa com os professores do ensino fundamental e ensino médio, um projeto de aprendizagem com o tema saúde e avaliar as perspectivas dessa metodologia de trabalho na concepção dos sujeitos envolvidos na experiência; a modalidade de pesquisa utilizada foi a pesquisa-ação colaborativa (PIMENTA 2005).

A pesquisa-ação pode ser entendida como “o estudo de um determinado contexto social, realizado pelos próprios atuantes desse contexto, com vistas a promover mudanças por meio da aplicação de planos de ação” (SILVESTRE, 2008, p. 27). A pesquisa-ação colaborativa parte de uma intervenção no contexto escolar a fim de transformar as práticas vigentes (PIMENTA, 2005), cujo processo é favorecido pela reflexão do professor sobre a própria prática pedagógica que acontece em parceria com o pesquisador (ZEICHNER, 2010).

A opção por essa modalidade de pesquisa deu-se em função de a pesquisa-ação funcionar melhor com cooperação e colaboração, porque os efeitos da prática de um indivíduo isolado sobre uma organização jamais se limitam àquele indivíduo. De acordo com Burns (1999), a ação colaborativa se torna mais poderosa que a pesquisa-ação feita individualmente, por proporcionar uma forte mudança estrutural em toda a escola. Em suas palavras:

Processos de pesquisa-ação colaborativa fortalecem as oportunidades para os resultados da investigação sobre a prática voltarem para os sistemas educacionais de maneira mais substancial e crítica. Eles têm a vantagem de incentivar os professores a compartilhar problemas comuns e trabalhar cooperativamente como uma comunidade de investigadores para examinar seus pressupostos existentes, valores e crenças dentro das culturas sociopolíticas das instituições em que trabalham (BURNS, 1999, p. 13).

As ações formativas junto aos professores da escola foram desenvolvidas a partir do projeto de extensão “Construindo um futuro saudável por meio da promoção a saúde - ProSaúde¹”. O mesmo foi proposto pelo GEPEFE² e GENSQ³ e tinha como objetivo refletir sobre as necessidades e demandas de saúde dos escolares e implementar metodologias participativas e práticas educativas, que estimulassem o envolvimento da comunidade escolar na construção de projetos que melhorassem suas condições de saúde (KRUG, 2013). O mesmo teve a duração de três anos, março de 2013 a dezembro de 2015. Todas as intervenções ocorreram na escola, com periodicidade semanal.

Todos os sujeitos que participaram deste estudo assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ (CAAE: 03510912.1.0000.5322).

¹Projeto de Extensão do Programa de Bolsa de Extensão da Universidade de Cruz Alta – PIBEX/UNICRUZ.

²Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar da Universidade de Cruz Alta-RS.

³Grupo de Estudo em Nutrição, Saúde e Qualidade de Vida da Universidade Federal de Santa Maria-RS.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 ARTIGO 1

***SAÚDE NO CONTEXTO ESCOLAR:
UM ESTUDO COM PROFESSORES DO ENSINO
BÁSICO DE UMA ESCOLA ESTADUAL DA CIDADE
DE CRUZ ALTA-RS***

Aline de Oliveira Martins (UNICRUZ)

Marilia de Rosso Krug (UNICRUZ)

Félix Alexandre Antunes Soares (UFSM)

RESUMO: O ensino de Ciências congrega vários temas, como meio ambiente, recursos tecnológicos, ser humano e saúde. Nesta pesquisa destaca-se a saúde e apresenta-se a problemática a ser investigada que consiste em compreender como os professores do ensino básico concebem o ensino de saúde na escola. Para responder esse problema de pesquisa, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com dez professores atuantes nos anos finais do Ensino Fundamental, no município de Cruz Alta-RS. A Análise de Conteúdo foi utilizada para interpretar as entrevistas. Emergiram duas formas referentes às metodologias relacionadas com o ensino de saúde: uma trabalhada nas disciplinas, ficando, no entanto, restrita aos professores de ciências e outra, trabalhada na forma de projetos, desenvolvidos de forma pontual e fragmentada. Assim, conclui-se que os professores dos anos finais do ensino fundamental necessitam de uma capacitação específica e maior suporte com relação à prática da saúde escolar. Recomenda-se uma revisão dos currículos, bem como incremento de orientação na rede estadual de ensino, ampliando os conhecimentos sobre saúde e a compreensão do professor a respeito de sua participação em programas de saúde escolar.

Palavras-Chave: Educação. Saúde. Professores. Interdisciplinaridade.

***HEALTH EDUCATION IN THE CONTEXT OF SCHOOLS: A STUDY
WITH PUBLIC SCHOOL PRIMARY EDUCATION TEACHERS IN CRUZ
ALTA, STATE OF RIO GRANDE DO SUL***

ABSTRACT: The teaching of Science includes several themes, such as the environment, technological resources, human beings and health. Health is emphasized in this study and it presents the problem to be investigated, which consists in understanding how primary education teachers envisage health education. In attempting to answer this research question, semi-structured interviews were

conducted with ten teachers who are active in the last grades of Elementary School in the city of Cruz Alta, state of Rio Grande do Sul. The content analysis was used to interpret the interviews. Two forms emerged referring to the methods related to health education: one being applied to the disciplines, but restricted to science teachers; and the other applied in the form of projects, developed in both an individual and fragmented manner. Thus, we conclude that teachers active in the final years of elementary school require specific training and greater support regarding health education. We recommend a review of curricula, as well as an increase in knowledge about health and teachers' understanding about their participation in health education programs.

Keywords: Education. Health. Teachers. Inter-discipline

Introdução

O Estado, desde a República, vem se preocupando com a educação. No sentido de imprimir mudanças nas condições de democratização e na qualidade da educação básica, socializou diversas reformas na legislação do ensino, na estrutura curricular e na orientação teórica das práticas pedagógicas escolares. Dentre as reformas, destacam-se os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que foram elaborados na tentativa de suprir as exigências do mercado de trabalho, que exige um cidadão crítico, reflexivo e autônomo (SANTIAGO, 2000).

Nos PCNs (BRASIL, 1997), apontam-se os temas transversais que representaram na época a maior das novidades propostas às escolas, trazendo consigo, segundo Fernandes (2004), fatores de caráter prescritivo das atitudes e valores, possibilitando a formação de um cidadão crítico, inserido num mundo em que não está apenas como espectador, mas é parte atuante da realidade.

O foco deste estudo voltou-se para o tema transversal saúde, que vem sendo preocupação desde meados do século XVIII, com os estudos de Jonh Locke (1632-1704) sobre o conhecimento humano. Como metodologia do ensino de saúde na escola, nos últimos anos, destacamos as sugestões dos PCNs que sugerem que as estratégias de saúde na escola sejam voltadas para o exercício da cidadania, que compreende a motivação e a capacitação para o auto cuidado, assim como a compreensão da saúde como direito e responsabilidade pessoal e social (BRASIL, 1997b).

Apesar das normas existentes, o professor em suas práticas diárias não vem cumprindo de maneira eficaz o que está previsto

nos PCNs, o que se pode atribuir ao processo de formação docente. Segundo Fernandes; Rocha e Souza (2005), as escolas também não se sentem responsáveis pela prática da saúde em seus ambientes e geralmente reproduzem o paradigma de caráter assistencialista, priorizando o indivíduo e a doença, em detrimento da coletividade e da prevenção. Sendo assim, os professores não potencializam o espaço escolar para a construção de conhecimentos sobre assuntos relacionados com a saúde e nem se autorizam, mas se legitimam como educadores em saúde.

Por conseguinte, a questão central aqui apresentada é a caracterização das dificuldades de professores dos anos finais do Ensino Fundamental, de uma escola estadual, em relação ao ensino da saúde, objetivando buscar subsídios para um futuro programa de educação continuada neste tema que tem, como objetivo, auxiliar os professores no desenvolvimento de metodologias para promoção da saúde na escola. Assim, este estudo se justifica mediante o fato de que planejamentos de cursos como estes somente se adequarão à realidade do professor (e do aluno) se houver uma investigação antecipada sobre o que os docentes precisam saber e saber fazer a respeito da saúde, o que se concretizou em nosso caso pela interpretação dos discursos de uma amostra de professores.

Procedimentos Metodológicos

Foram convidados a participar deste estudo descritivo, 14 professores dos Anos/Séries Finais do Ensino Fundamental, da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen, do município de Cruz Alta-RS; entretanto, somente dez professores aceitaram participar. A referida escola está localizada no Bairro Jardim Petrópolis e abrange as comunidades que ficam em seu entorno como a dos bairros Nossa Senhora de Fátima, Jardim Primavera, Jardim Petrópolis II e os moradores do Núcleo Habitacional Santa Bárbara. Este se encontra em péssimas condições de uso, a grande maioria dos prédios está depredada e abandonada, necessitando de infraestrutura, cujo contexto é de extrema carência. O corpo discente é muito instável e muitas famílias são itinerantes, devido à falta de emprego e oportunidades de trabalho fora da cidade ou em outros bairros em determinadas épocas do ano; assim, a transferência é uma ação constante na vida de alguns alunos, conforme Projeto Político Pedagógico da escola (Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen, 2011).

Utilizou-se como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada, elaborada a partir de uma matriz de análise, tendo como questões norteadoras: como o ensino de saúde era concebido na escola e nas disciplinas específicas, assim como as dificuldades encontradas para o ensino da referida temática.

Para análise das variáveis foram utilizadas abordagens quantitativa e qualitativa. Os dados de perfil dos professores foram analisados quantitativamente por meio da frequência percentual. Nas variáveis qualitativas realizou-se a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2007), consiste em descobrir núcleos de sentido que compõem as respostas, comunicações ou temáticas e cuja presença ou frequência de aparição pode significar para o objetivo analítico proposto. A análise de conteúdo foi composta por três etapas, como propõe Bardin (2007): a pré-análise, primeira etapa, onde se realizou a organização e seleção do material; exploração do material, nessa etapa foi feita a leitura do material, codificação, escolha das categorias; na última etapa ocorreu a descrição e a análise dos dados. As falas dos professores foram transcritas na íntegra e por isso os problemas da língua não foram corrigidos.

A pesquisa foi conduzida segundo a resolução específica do Conselho Nacional de Saúde (196/96) e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – RS (CAE nº 03510912.1.0000.5322).

Resultados

Dos dez participantes deste estudo, todos eram mulheres, com média de idade de 43 ± 12 anos, com um tempo de magistério entre 11 a 15 anos e carga horária mínima de 37 horas, chegando até 60 horas semanais, em diferentes turnos; 70% trabalhavam em duas ou mais escolas, ministrando uma ou mais disciplinas. Sobre a formação acadêmica dos participantes, observou-se que 50% possuíam pós-graduação, 40% ensino superior e apenas uma (10%) não possuía o ensino superior.

Ao analisar se o tema saúde era trabalhado na escola, todas as professoras salientaram que sim. Destas, 40% afirmaram que só foi realmente trabalhado após o desenvolvimento de um projeto do governo “Saúde e Prevenção na Escola” - SPE.

Sim, através de projetos (prof. 1).

Em parte, nós temos os professores que têm dificuldade nessas coisas mais modernas, querendo ou não isso é uma coisa mais moderna na educação...., nós fizemos

parte de um projeto do Estado, foi aí que nos começamos a trabalhar realmente (prof. 6).

Em forma de projetos, como exemplo o SPE (prof. 7). Sim, através de projetos, de palestras, de parcerias (prof. 9).

As demais professoras (6 – 60%) salientaram que este tema era, também, trabalhado nas disciplinas, ficando, no entanto, restrito aos professores de ciências, como pode ser observado pelo relato de duas das professoras: “Sim, trabalhamos este tema na escola, mas só com o pessoal das Ciências” (prof. 8); “Vem, com o pessoal das Ciências, nas disciplinas” (prof. 10).

Segundo a própria professora de Ciências somente porque fazia parte do conteúdo: “Eu trabalhava separadamente com a minha disciplina de Ciências, trabalho por que faz parte do conteúdo” (prof. 3).

Somente uma professora que, embora soubesse que a saúde era trabalhada na escola, desconhecia a maneira como o mesmo era desenvolvido. “Dentro da escola sim, [...] só não sei de que maneira” (prof. 5).

Ao analisar se os professores abordavam a temática saúde em suas disciplinas, das dez professoras estudadas três não trabalhavam, apontando como justificativas: não conseguir relacionar com o conteúdo abordado na disciplina e falta de tempo para desenvolvimento do seu conteúdo específico, ou seja, interpretam o tema transversal como um novo conteúdo.

Não consigo encaixar este tema naquilo que eu tenho que dar para eles (prof. 1).

Não estou preparada para trabalhar com isto (prof. 4).

Não tenho tempo nem de trabalhar o conteúdo da minha disciplina quem dera incluir esta temática (prof. 5).

Das sete professoras que salientaram trabalhar o tema, três desenvolviam o assunto de forma superficial, por meio de diálogos ocasionais, sem planejamento, quando surgiam dúvidas dos alunos; duas limitavam os conteúdos de saúde à higiene e doenças sexualmente transmissíveis e, somente duas professoras abordavam este tema de forma integrada aos conteúdos da disciplina que ministravam. Conforme mostram os relatos:

Discuto, até por que, às vezes, tem certos alunos que criam um certo carisma pelo professor, então muitas dúvidas eles chegam e conversam...e tu vai esclarecendo (prof. 7).

Muito superficialmente, por que a gente não tem muito subsídios para trabalhar em relação a isso (prof 9).

Sim, muito. Principalmente a higiene e doenças sexualmente transmissíveis (prof. 8).

Sim, a gente trabalha bastante nessa parte de higiene com eles, mesmo não sendo da área de Ciências (prof. 10).

Eu trabalho a forma como se alimentar através de pesquisa (prof. 3).

Trabalho com mesa redonda, onde os alunos constroem e apresentam o trabalho na forma como entenderam (prof. 2).

Eu debato muito no sentido da prevenção, porque aqui na escola é um bairro atípico e precisamos alertar quanto a este aspecto (prof. 6).

Outro questionamento focalizou a existência de dificuldades em trabalhar o tema saúde no ambiente escolar. As que não abordavam frequentemente esta temática apontaram a desmotivação, pelo fato de trabalharem sozinhas, como a principal dificuldade. Outra dificuldade apontada pelas professoras foi a falta de tempo e o desconhecimento de certos assuntos, mostrando despreparo para um trabalho interdisciplinar. O fato de os alunos não darem importância ao assunto também foi colocado como dificuldade para tratar esta temática nas aulas, conforme se pode observar pelo relato das mesmas:

Com tanto tempo de serviço, dificuldade não, eu tenho um pouco de preguiça, o trabalhar sozinho te dá esse desanimo, com outra talvez te estimulasse mais (prof. 6).

Não adianta tu abordar um tema que tu não tem conhecimento, por que tu precisa de conhecimento pra ti pode passar (prof. 2).

Às vezes sinto dificuldade, pois não é tudo que a gente sabe, falta conhecimento, se informar (prof. 4, 9, 10).

Os alunos não dão importância ao assunto (prof. 1).

Os alunos acham chato, não gostam, acham que para ser saudável é necessário ter dinheiro (prof. 4).

Ao encerrar a entrevista, as professoras foram questionadas quanto ao interesse em participar de um curso de formação continuada com o objetivo de desenvolvimento de metodologias para promoção da saúde na escola. Oito delas salientaram que tinham interesse, desde que a escola proporcionasse horários para esta formação dentro da carga horária, pois a longa jornada de trabalho já limitava em muito o tempo de lazer e convívio com a família.

Discussão

Os dados do presente estudo reforçam a prevalência histórica do sexo feminino nas profissões relacionadas ao cuidado e ao ensino, como a de professor. Estudos de Barros; Mendonça e Blanco (2001) apontaram que o grau de feminização da ocupação nessa profissão é mais elevado nas regiões mais ricas, principalmente no Rio Grande do Sul, onde 97% dos professores são mulheres. De uma maneira geral, as características das professoras deste trabalho se assemelham às citadas em Fernandes; Rocha e Souza (2005), em estudo que investigou a concepção sobre a saúde escolar entre os docentes do ensino fundamental da cidade de Natal, no qual todas eram do sexo feminino, com faixa etária de maior prevalência acima de 40 anos. Resultados semelhantes foram obtidos também por Cardoso; Reis e Iervolino (2008) que pesquisaram 22 professores na cidade de Araquari/SC. Os mesmos verificaram que 18 dos entrevistados eram do sexo feminino, com média de idade de 36 anos. Puentes e Longarezi (2011), na cidade de Uberlândia, no estudo realizado com professores que atuavam no ensino médio, também evidenciaram o predomínio de professores do sexo feminino, com idade média de 41 anos. Dessa maneira, é possível observar algumas tendências entre os professores do ensino fundamental: são do sexo feminino e têm idade superior a 35 anos.

Quanto à forma como a saúde era desenvolvida na escola, os resultados obtidos no presente estudo são semelhantes aos encontrados por Gonçalves *et al.* (2008), que investigou a promoção de saúde na educação infantil no município de Fortaleza-CE, onde a maioria dos professores afirmaram que trabalhavam a saúde através de projetos, embora alguns tenham se posicionado, dizendo que nem conheciam tal proposta.

Quanto aos projetos que existiam na escola em estudo, citado pelos professores, identificou-se o projeto “Horta Escolar”, que não foi mencionado por nenhum dos professores entrevistados e o projeto “Saúde e Prevenção nas Escolas (SPE)”, mencionado por quatro professores. O primeiro projeto consistia na elaboração de uma horta, na qual alguns alunos, juntamente com acadêmicos do curso de Agronomia da Universidade de Cruz Alta, semeavam, plantavam e aproveitavam os legumes e verduras na merenda escolar, incentivando uma alimentação saudável. O projeto SPE era uma das propostas do governo federal, na qual se trabalhavam ações relacionadas à prevenção, como drogas, doenças sexualmente transmissíveis e promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes e jovens, articulando os setores de

saúde e de educação (ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA MARIA BANDARRA WESTPHALEN, 2011).

Tanto a horta escolar como o SPE, que iniciaram suas atividades em 2010, desenvolviam ações pontuais, desconectados das disciplinas e com pouco envolvimento dos professores. O SPE era de responsabilidade da coordenadora pedagógica, e dele participavam duas professoras, que não eram da escola e um profissional da área da saúde, designado pela Secretaria Municipal da Saúde. No momento em que a coordenadora pedagógica do projeto e as professoras designadas para desenvolverem as ações se afastaram da escola, o mesmo não teve continuidade, sendo abandonado definitivamente em 2011. O mesmo ocorreu com o projeto “Horta Escolar”, que, no momento em que a parceria entre a escola e universidade foi desfeita, a horta foi abandonada.

De acordo com Araújo (2003), o ensino por projetos é de extrema importância para o ensino da saúde, desde que não sejam projetos desconectados das demais atividades curriculares das classes, ou seja, que não resultem em um modo fragmentado de se trabalhar os temas transversais, como ocorreu com os dois projetos citados. Julião (2008) salienta que projetos pontuais são ineficazes, pois há um investimento maciço na implementação, possuem curta duração, visando uma resposta em curto prazo, mas dificilmente consolida uma prática e/ou uma proposta política para a área.

A outra forma de trabalhar a saúde observada neste estudo vai ao encontro dos resultados do estudo de Santos e Bogus (2007) com professores paulistas. Os mesmos também delegaram a função do ensino de saúde apenas para os professores da área de Ciências, e completaram, afirmando que o desenvolvimento de ações para esta temática deve ser de responsabilidade da direção e do coordenador pedagógico.

Nessa tendência pedagógica, as ações de ensino estão centradas na exposição dos conhecimentos pelo professor. O professor assume funções como vigiar e aconselhar os alunos, corrigir atividades e ensinar a matéria. É visto como a autoridade máxima, um organizador dos conteúdos e estratégias de ensino e, portanto, o único responsável e condutor do processo educativo (PEREIRA, 2003). Essa perspectiva de metodologia tradicional deve ser repensada para que todos possam participar do processo educativo, construindo e transmitindo conhecimentos/experiências anteriores, ou seja, há necessidade do envolvimento da comunidade escolar na definição dos assuntos relacionados ao tema proposto bem como a participação na elaboração e no desenvolvimento dos projetos.

Importante salientar que a saúde deve ser trabalhada de maneira transversal e interdisciplinar, perpassando por todas as disciplinas, o que, pelo que podemos observar, não ocorre na escola em estudo. De acordo com o Ministério de Educação e Desporto (BRASIL, 1997b), as questões sociais também podem ser trabalhadas por meio de projetos; no entanto deve-se ter cuidado com a forma como são propostos.

Através dos resultados expostos, foi possível notar que as professoras precisam refletir mais sobre a necessidade de trabalhar as temáticas sociais, como a saúde na escola, pois, conforme proposto pelo Ministério de Educação e do Desporto (BRASIL, 1997c), a saúde deve ser trabalhada por todos os professores, de forma planejada e relacionada com o conteúdo, de modo que o aluno encontre significado para sua vida diária. A partir dos relatos, percebeu-se que somente uma das professoras trazia o cotidiano do aluno para a sala de aula, por meio de uma aprendizagem significativa; entretanto, não conseguia trabalhar de forma interdisciplinar.

Isolamento profissional e falta de conhecimento do assunto foram as principais dificuldades apontadas neste estudo para o trabalho interdisciplinar da saúde na escola. Essas dificuldades também foram encontradas no estudo de Fernandes; Rocha e Souza (2005), no qual a falta de conhecimento mais profundo sobre saúde constituiu a justificativa de maior prevalência. Esses autores apontam também para a falta de material didático adequado. Esses achados chamam atenção para a necessidade de um bom processo de formação para a docência e de capacitações que envolvam temáticas de saúde. Cardoso; Reis e Iervolino (2008) já evidenciavam tal preocupação, reforçando a necessidade imediata de um processo de educação permanente, para que os professores possam ampliar seus conceitos de saúde e trabalhar com os princípios da Escola Promotora de Saúde, em prol da qualidade de vida de todos aqueles que convivem no ambiente escolar.

Com relação ao isolamento profissional, ainda encontra-se muita resistência para mudar, pois a maioria dos professores brasileiros trabalha de forma individual e isolada. Esse isolamento profissional também foi observado por Krug (2006), ao estudar professores de Educação Física no município de Santa Maria/RS. O referido autor constatou que os professores trabalham de forma individualista, o que também representa a realidade da maioria dos professores de outras disciplinas. “Nas escolas ainda encontramos professores que desenvolvem suas atividades de modo isolado, isto é, professores da mesma escola, trabalhando no mesmo turno e na mesma série, que mantêm pouco ou nenhum contato entre si” (KRUG, 2006, p.82).

Segundo Krug (2006), é a estrutura das escolas que parece provocar o isolamento profissional, pois são poucos ou quase nem existem momentos de trocas de experiências, diálogos, planejamento e projetos coletivos no sentido de melhorar a prática pedagógica. Para Krug (2006, p.83) “em virtude desse contexto, de individualismo, de isolamento, de dificuldades de reflexão que se percebe que alguns professores vivem um processo de acomodação profissional”.

Dessa forma, fica evidenciada a necessidade de um trabalho em conjunto dos professores para que possam discutir e refletir sobre a sua prática e seu planejamento, pois é no desenvolvimento de um assunto em comum que o aluno poderá entender e dar significado à aprendizagem. As professoras do presente estudo reconhecem a importância de um trabalho interdisciplinar no ensino de saúde na escola; no entanto, apontam para a falta de tempo e conhecimento necessário sobre essa estratégia de ensino como as principais dificuldades, mostrando as deficiências da formação inicial, assim como a sobrecarga de trabalho como fatores limitantes. Essas dificuldades não ocorrem somente no nível de ensino fundamental. Augusto e Caldeira (2007), ao investigarem professores do ensino médio na cidade de Bauru-SP, revelaram, além destas, outras dificuldades para um trabalho interdisciplinar, entre elas, as dificuldades de relacionamento com a administração escolar e a ausência de coordenação pedagógica entre as ações docentes, além do desinteresse e indisciplina dos alunos.

Estudos de Ricardo e Zylbersztajn (2002) apontaram que a metodologia de trabalho interdisciplinar, proposta pelos PCNs, apresentou-se de forma muito abrupta, sem a preparação dos professores, sem distribuição de carga horária e de conteúdos. Esse mesmo estudo também destacou que faltam discussões acerca de novas metodologias que possibilitem um trabalho interdisciplinar e contextualizado.

Feistel e Maestrelli (2012) reforçam que existe a necessidade de reflexões acerca da interdisciplinaridade na formação inicial de professores, uma vez que, dentre as produções acadêmicas, percebe-se que são poucos os trabalhos que discutem a temática no Ensino Superior.

Considerando que as professoras do presente estudo apresentaram um tempo médio de magistério superior a 11 anos, provavelmente não tenham tido uma abordagem interdisciplinar em sua formação inicial, já que até hoje o que predomina nos currículos é a disciplinarização, ou seja, currículos hegemônicos, da racionalidade técnica, o que dificulta o entendimento sobre esta

metodologia de ensino. Sendo assim fazem-se necessários investimentos na formação continuada.

Nesse sentido, cursos de formação continuada tornam-se de extrema importância para a compreensão dos principais conceitos e das propostas dos PCN, para eliminar ou melhorar as concepções antigas de ensino, sob uma suposta implementação da reforma pretendida, e também para não correr risco de cometer equívocos (RICARDO; ZYLBERSZTAJN, 2002).

A formação continuada é o processo crítico reflexivo sobre o saber docente em suas múltiplas determinações, sendo desenvolvida paralelamente com a atuação no magistério, e enfatiza o papel do professor como profissional, estimulando-o a desenvolver novos meios de realizar seu trabalho pedagógico com base na reflexão sobre a própria prática, ou seja, é um espaço privilegiado entre formação e socialização entre os professores, onde eles se atualizam e desenvolvem saberes e conhecimentos docentes ou realizam trocas de experiências (ZUFFI; FERREIRA, 2010).

Cardoso, Reis e Iervolino (2008) afirmam que há uma necessidade imediata de um processo de educação permanente, para que os professores possam ampliar seus conceitos de saúde e trabalhar com os princípios da Escola Promotora de Saúde, em prol da qualidade de vida de todos aqueles que convivem no ambiente escolar.

Por fim, nota-se o interesse das professoras no processo de formação continuada; no entanto, percebeu-se que a grande jornada de trabalho e as exigências de um alto nível de atenção e concentração para dar conta das tarefas pode ser um dos fatores que interferem nesse processo.

Conclusão

A maioria das professoras entrevistadas afirmou trabalhar a saúde em suas aulas, ocorrendo, no entanto, somente quando surgia a oportunidade em situações de dúvidas dos alunos, de forma descontextualizada e não planejada, e/ou delegavam o ensino da saúde apenas aos professores de Ciências. A saúde na escola também era trabalhada por meio de projetos, porém de forma pontual e não articulados aos conteúdos e, por isso, não tiveram continuidade.

O despreparo para um trabalho interdisciplinar, a desmotivação por trabalhar 'sozinha', a alta jornada de trabalho, o

desconhecimento de certos assuntos e o fato de não conseguir compreender e nem relacionar a saúde ao seu conteúdo foram as principais dificuldades citadas pelos professores para o trabalho interdisciplinar de saúde na escola.

Os resultados do presente estudo evidenciaram a necessidade de formação para o trabalho interdisciplinar e conhecimentos específicos para o ensino da saúde. Para que isso aconteça, torna-se necessário a mudança no paradigma educacional, solidificando a importância e a necessidade de formação continuada, para que possa levar a uma mudança na prática pedagógica dos professores. Uma importante reflexão também deve ser feita em relação aos currículos de formação inicial, que precisam urgentemente ser revistos.

Para contribuir com estas reflexões, o Grupo de Estudo e Pesquisa em Educação Física Escolar Universidade de Cruz Alta-RS (GEPEFE/UNICRUZ) e o Grupo de Pesquisa em Nutrição Saúde e Qualidade de Vida da Universidade Federal de Santa Maria-RS (GENSQ/UFSM) propõem, como um caminho possível para trabalhar a saúde na escola, a aprendizagem por meio de projetos, articulados às disciplinas, sendo considerados como estratégias para a construção dos conhecimentos a fim de alcançar uma versatilidade na educação.

Trazer para o cotidiano das salas de aula e dos projetos político-pedagógicos das escolas a preocupação com a educação em valores, com a busca de solução para os problemas sociais, bem como a tentativa de ligação dos conteúdos científicos e culturais com a vida das pessoas, é um caminho promissor para a transformação dos tempos, dos espaços e das relações interpessoais dentro da sala de aula.

Referências

ARAÚJO, Ulisses Ferreira de. *Temas transversais e a estratégia de projetos*. São Paulo: Moderna, 2003.

AUGUSTO, Thaís Gimenez da Silva; CALDEIRA, Ana Maria de Andrade. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de Ciências da Natureza. *Investigações em Ensino de Ciências*. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 139-154. Disponível em: <http://www.if.ufrgs.br/ienci/artigos/Artigo_ID165/v12_n1_a2007.pdf> Acessado em: 25 mar. 2013.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2007.

BARROS, Ricardo Paes de; MENDONÇA, Rosane; BLANCO, Mauricio. O mercado de trabalho para professores no Brasil. *Anais do XXIX Encontro Nacional de Economia/ANPEC*: Salvador, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos temas transversais, ética*. Brasília, 1997. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro081.pdf>> Acessado em: 15 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>> Acessado em: 26 mar. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde*. Brasília, 1997c. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>> Acessado em: 30 abr. 2012.

CARDOSO, Vanessa; REIS, Ana Paulo dos; IERVOLINO, Solange Abrocesi. Escolas promotoras de saúde. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v18n2/01.pdf>> Acessado em: 25 fev. 2013.

ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO PROFESSORA MARIA BANDARRA WESTPHALEN. *Projeto Político Pedagógico*. Cruz Alta-RS, 2011.

FEISTEL, Roseli Adriana Blümke; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. Interdisciplinaridade na formação inicial de professores: um olhar sobre as pesquisas em Educação em Ciências, *Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, Florianópolis-SC, v.5, n.1, p.155-176, 2012. Disponível em: <<http://alexandria.ppgect.ufsc.br/files/2012/05/Roseli.pdf>> Acessado em: 17 out. 2012.

FERNANDES, Marcos Henrique. *A concepção de professores do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) sobre a saúde do escolar*. 2004, 44 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) – Programa de Pós-Graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2004.

FERNANDES, Marcos Henrique; ROCHA, Vera Maria; SOUZA, Djanira Brasileiro de. A concepção sobre saúde do escolar entre

professores do ensino fundamental (1^a a 4^a séries). *História, Ciência, Saúde*, Manguinhos, v.12, n.2, p.293-291, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/hcsm/v12n2/03.pdf>> Acessado em: 25 maio 2012.

GONÇALVES, Fernanda Denardin et al. A promoção da saúde na educação infantil. *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.12, n.24, p.181-92, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v12n24/13.pdf>> Acessado em: 5 nov. 2012.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. Educação de Jovens e Adultos em situação de privação de liberdade: desafios para a política de reinserção social. *Revista de Educação de Jovens e Adultos*, Belo Horizonte, v. 2, n. 1, p. 1-116, 2008. Disponível em: <http://www.reveja.com.br/sites/default/files/REVEJ@_2_Elionaldo_Juliao.pdf> Acessado em: 15 de nov. 2012.

KRUG, Hugo Noberto. Professores de Educação Física escolar: do isolamento profissional à reflexão colaborativo. *Revista Científica Biomotriz*, Cruz Alta, v.4, n.4, p.80-93, 2006.

PEREIRA, Adriana Lenho de Figueiredo. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.19, n.5, p. 1527-1534, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csp/v19n5/17825.pdf>> Acessado em: 15 mar. 2013.

PUNTES, Roberto Valdés; LONGAREZI, Andréa Maturano. O perfil sócio demográfico e profissional dos professores de ensino médio de Uberlândia. *Revista Profissão Docente*, Uberlândia, v. 11, n.23, 2011. Disponível em: <<http://revistajuridica.uniube.br/index.php/rpd/article/view/201/574>> Acessado em 6 mai 2013.

RICARDO, Elio Carlos; ZYLBERSZTAJN, Arden. O ensino das ciências no nível médio: um estudo sobre as dificuldades na implementação dos parâmetros curriculares nacionais. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*. Florianópolis, v.19, n.3, p. 352-370. Disponível em: <http://journal.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6610/6102>> Acessado em: 27 mar. 2013.

SANTIAGO, Anna Rosa Fontella. *A viabilidade dos PCN como política pública de intervenção no currículo escolar*. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências) da Universidade Regional do Noroeste do Estado do RS – UNIJUÍ, Ijuí, 2000.

SANTOS, Kátia Ferreira dos; BOGUS, Cláudia Maria. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, São Paulo, v.17, n.3, p. 123-133, 2007. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n3/12.pdf>> Acessado em: 27 mar. 2012.

ZUFFI, Mônica Arruda; FERREIRA, Daniele Araújo. A importância da formação continuada na melhoria do ensino brasileiro, sob o âmbito da cidade de Uberlândia. *Anais do XVI Encontro Nacional de Geógrafos – ENG*: Porto Alegre, 2010.

Sobre os autores:

Aline de Oliveira Martins possui Licenciatura em Educação Física pela Universidade de Cruz Alta. É bolsista PIBIC desde agosto/2010 e bolsista PIBID desde agosto/2012. Participa do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física Escolar (GEPEFE/UNICRUZ) e do Projeto de Extensão CEEASA - Centro de Equoterapia EASA/UNICRUZ (PIBEX/UNICRUZ).

Marília de Rosso Krug é Professora M.Sc. do Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Cruz Alta - CCS/UNICRUZ; Acadêmica do Curso de Doutorado Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM

Félix Alexandre Antunes Soares é Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Realizou pós doutorado na Universidade Federal de Santa Maria em Bioquímica Toxicológica e na Universidade de Leon na Espanha na área de Biologia Molecular (2009). É professor adjunto da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Recebido em: 27/05/2013

Aceito em: 25/03/2014

2.2 ARTIGO 2

SCIENTIA PLENA
www.scientiaplenu.org.br

VOL. 11, NUM. 05

2015

Promoção da saúde na escola: um estudo com professores do ensino médio

M. R. Krug¹; R. G. P. Fernandes²; P. H. O. Pedrotti³; F. A. A. Soares⁴

¹Curso de Educação Física/Centro de Ciências da Saúde e Agrárias /Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física da Universidade de Cruz Alta – CCSA/GEPEF/UNICRUZ, 98.020-290, Cruz Alta-RS, Brasil

²Curso de Educação Física – Bacharelado/CCSA/GEPEF/UNICRUZ, 98.020-290, Cruz Alta-RS, Brasil

³Curso de Educação Física – Licenciatura/CCSA/GEPEF/UNICRUZ, 98.020-290, Cruz Alta-RS, Brasil

⁴Centro de Ciências Naturais e Exatas/Programa de Pós Graduação: Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde, Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, 97015123, Santa Maria-RS, Brasil

mkrug@unicruz.edu.br

(Recebido em 22 de novembro de 2014; aceito em 25 de abril de 2015)

Com o objetivo de analisar como os professores do ensino médio concebem o ensino de questões correlatas à saúde, foram entrevistados seis professores do ensino médio de uma escola estadual de um município do Noroeste do Rio Grande do Sul, que responderam a uma entrevista semiestruturada. As informações foram interpretadas a partir da análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram uma concepção de saúde vinculada, principalmente, as características e comportamentos individuais da pessoa. As principais estratégias/ações de ensino utilizadas eram aulas expositivas dialogadas e vídeos e pesquisa na internet. O ambiente onde a escola estava inserida, o descaso dos pais em relação a saúde de seus filhos e a falta de conhecimento específico do assunto emergiram como as principais dificuldades enfrentadas pelos professores para o ensino dessa temática. A maioria dos professores afirmou não ter tido nenhum preparo, na formação inicial, para o ensino de saúde na escola e os que tiveram declararam ter sido insuficiente, mas mesmo assim abordavam assuntos que eram de interesse dos alunos além da higiene e os relacionamentos sociais. Observou-se que os professores do ensino médio da escola estudada necessitam de uma qualificação específica e maior suporte com relação à prática da saúde escolar, já que a saúde é um dos temas transversais emergentes em nossa sociedade devendo assim estar contemplada nos conteúdos de todas as disciplinas que devem prover experiências conducentes à vida sadia.

Palavras-chave: Promoção da Saúde. Escola. Estratégias de ensino.

Health promotion in schools: a study of high school teachers

With the aim of to analyze how the teachers of high school conceive the teaching of issues related to health, were interviewed six teachers of high school of a public school in a municipality of the Northwest of Rio Grande do Sul, who responded to a semi-structured interview. The information was interpreted from the content analysis. The results showed a concept health linked, mainly, the individual characteristics and behaviors of the person. The main strategies/actions of teaching used were classes expository dialogued and videos and search on the internet. The environment where the school was inserted, the neglect of parents relative for the health of their children and the lack of specific knowledge of the subject emerged as the main difficulties faced by teachers for the teaching this subject. The most of teachers said hadn't preparation, in initial formation, for the teaching of health in school and the that had claimed have been insufficient, but still addressed issues that were of interest of the students besides the hygiene and the social relationships. It was observed that the teachers of high school of the studied school need of a specific and more qualification in relation the practice of practice of school health, since the health is one of themes cross-cutting emerging in our society should therefore be contemplated in the contents of all disciplines that should provide experiences conducive to a healthy life.

Keywords: Health Promotion. School. Teaching strategies.

1. INTRODUÇÃO

A promoção da saúde é definida como uma combinação de apoios educacionais e ambientais que visam atingir ações e condições de vida conducentes à saúde¹. Especificamente deve combinar os mais variados determinantes do comportamento humano com múltiplas

experiências de aprendizagem a partir de intervenções educativas planejadas que predisponham, possibilitem e reforcem os objetivos educativos implícitos e explícitos nas ações desenvolvidas e recomendadas. Entende-se “ação” como as medidas comportamentais adotadas por uma pessoa, grupo ou comunidade para alcançar um efeito intencional sobre a própria saúde².

O apoio educacional, foco deste estudo, refere-se a quaisquer combinações de experiências de aprendizagem delineadas com vistas a facilitar ações voluntárias referentes à saúde², sendo, entendida aqui como educação em saúde escolar.

A educação em saúde escolar, se constitui apenas em uma fração das atividades voltadas à saúde, restringindo-se especificamente à habilidade de organizar logicamente o componente educativo de programas/ações que se desenvolvem no ambiente escolar³.

As ações de educação em saúde escolar devem ser planejadas sistematicamente e levar em conta a combinação de experiências educativas recebidas anteriormente, além dos aspectos comportamentais do ser humano³. Estas necessitam, ainda, proporcionar uma ação reflexiva e crítica contendo investigações pertinentes ao contexto social dos escolares³.

Neste sentido, motivaram a realização deste estudo, questionamentos tais como: a) qual é a concepção de saúde que permeia as ações dos professores do ensino médio de uma escola estadual? b) Como tem se concretizado as ações de promoção da saúde de professores do ensino médio de uma escola estadual? E, c) como os professores de ensino médio consideram sua formação para o ensino de saúde nesta escola? Tais questões norteadoras ao serem respondidas possibilitarão reconhecer a concepção de saúde predominante em relação à realidade, bem como repercussões sobre a formação profissional.

Os resultados obtidos servirão para nortear as ações de um projeto de extensão universitária que irá desenvolver um programa colaborativo de atualização profissional com enfoque, principalmente, para as estratégias de educação em saúde escolar. Justifica-se a realização desse estudo, mediante o fato de que planejamentos de programas como este somente se adequarão à realidade do professor e do aluno se houver uma investigação antecipada sobre o que os docentes sabem/precisam saber e saber fazer a respeito da saúde.

Desta forma, este estudo buscou analisar como os professores do ensino médio concebem o ensino de saúde na escola, a forma como trabalham e como consideram seu preparo para o ensino dessa temática.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Esta pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso descritivo, sendo que o caso estudado foram os professores do ensino médio de uma escola pública estadual de uma cidade do Noroeste do Rio Grande do Sul que participavam do projeto de extensão denominado “Construindo um futuro saudável através da promoção a saúde – ProSaúde”, desenvolvido pelo Grupo de Extensão e Pesquisa em Educação Física da Universidade de Cruz Alta/RS – GEPEF/UNICRUZ. O referido projeto tem como propósito refletir sobre as necessidades e demandas de saúde da escola e implementar metodologias participativas e práticas educativas, que estimulem envolvimento da comunidade escolar na construção de projetos que melhorem suas condições de saúde⁴.

Participaram do mesmo seis docentes do ensino médio, que foram denominados pelas letras: A, B, C, D, E e F, para preservar suas identidades. Os mesmos eram responsáveis pelas seguintes disciplinas: Química e Física (prof. A); Matemática e Biologia (prof. B), História, Sociologia, Filosofia e Seminário Integrado (prof. C); Artes e Música (Prof. D); Inglês e Literatura (prof. E); e, Português e Espanhol (prof. F). Como podemos observar os docentes eram responsáveis por mais de uma disciplina. A participação dos mesmos foi voluntária e somente participaram do estudo os que assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O instrumento utilizado para a obtenção das informações foi uma entrevista semiestruturada, que consiste em fazer uma série de perguntas ao informante, seguindo um roteiro pré-estabelecido⁵.

O processo que utilizamos para compreender o pensamento docente sobre a temática da saúde referendou-se na análise de conteúdo⁶, pois através dela tornou-se possível descrever,

analisar e interpretar as ideias expressas nas entrevistas. A análise de conteúdo foi composta por três etapas: a pré-análise, onde se realizou a organização e seleção do material; a exploração do material, onde foi feita a leitura do material, codificação e escolha das categorias; e, a análise, onde ocorreu a descrição e a análise dos dados⁶.

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNICRUZ, com protocolo n. 03510912.1.0000.5322, atendendo aos trâmites legais que determinam os princípios da Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde⁷, sobre a ética das pesquisas com seres humanos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após analisar os resultados relacionados ao entendimento do tema saúde por parte dos professores, suas ações e dificuldades, bem como os conhecimentos obtidos na formação inicial para o ensino dessa temática, foram construídas três grandes categorias que se referiram: a) as concepções de saúde e promoção da saúde; b) o ensino de saúde na escola; e, c) a formação para o ensino de saúde.

Concepções de saúde e promoção da saúde escolar

A partir das respostas das entrevistas percebemos que os professores da área de Ciências (Química, Física e Biologia) e Matemática (prof. A e B) apresentaram uma concepção vinculada principalmente aos comportamentos individuais da pessoa, associando à mesma a aspectos tais como: qualidade de vida, alimentação, higiene, funcionamento do organismo e ausência de doenças, conforme podemos observar nas seguintes falas: *“saúde é uma boa qualidade de vida, alimentação adequada, uma higiene adequada, e evitar doenças”* (prof. A); *“saúde é ter as funções orgânicas normais”* (prof. B).

Os demais professores apresentaram uma concepção vinculada tanto as características e comportamentos individuais da pessoa tais como: satisfação pessoal, bem estar e saúde física (prof. C e D); pensamentos críticos e reflexivos (prof. D); e, boa qualidade de vida (prof. F), quanto aos indicadores sociais e ambientais como: bons relacionamentos (prof. C); e, condições básicas de sobrevivência e saneamento (prof. D), conforme podemos perceber na fala de um dos professores: *“saúde trata-se de condições básicas de sobrevivência, envolvendo saneamento, saúde física e bem estar”* (prof. D).

Dos seis professores estudados quatro associaram a saúde somente aos comportamentos e características individuais da pessoa esquecendo-se dos demais componentes como o ambiental e o social. Dessa forma, percebemos que os mesmos apresentaram uma concepção reduzida de saúde, principalmente quando comparamos com os pré-requisitos: paz, habitação, educação, alimentação, renda, ecossistema estável, recursos sustentáveis, justiça social e equidade, proposto pela Carta de Ottawa⁸ como os necessários para uma pessoa ser considerada saudável.

Ao indagarmos os professores sobre o que esses entendiam por promoção da saúde, constatamos que somente quatro posicionaram-se em relação a essa questão, conforme segue: *“promover saúde é levar o indivíduo a buscar informações para usufruir de saúde”* (prof. B); *“[...] a informação é a principal forma de promoção da saúde na escola”* (prof. D); *“[...] é provocar mudanças através da formação de indivíduos com pensamentos críticos e reflexivos”* (prof. E); e, *“[...] é qualidade de vida”* (prof. F).

Em síntese podemos observar que os professores entendem como requisito básico para a promoção da saúde a informação e a qualidade de vida. Esse resultado assemelha-se aos obtidos por Costa, Gomes e Zancul⁹ que estudaram as concepções de saúde de professores de Ciências e Biologia da região administrativa de Brasília. Os referidos autores encontraram termos como, informações e conceitos básicos sobre saúde, ou seja, as respostas dos professores, tanto do presente estudo, como o citado anteriormente⁹, fazem referência à promoção da saúde como sendo a mera transmissão de conhecimentos, como se estes fossem o suficiente para que o indivíduo transforme sua postura na perspectiva da manutenção da saúde e estabeleça o princípio da qualidade de vida em suas atividades cotidianas.

Segundo Gavidia¹⁰, a promoção da saúde não deve ser resumida a mera transmissão de conhecimentos. A mesma deve tratar da modificação ou o reforço de estilos de vida saudáveis e estas condutas não se desenvolvem e consolidam sem que exista um entorno que as propiciem.

O ensino de saúde na escola

Para compreender como ocorria o ensino de saúde na escola, questionamos os professores quanto aos conhecimentos/temas de saúde abordados em suas disciplinas, as estratégias de ensino utilizadas e as dificuldades encontradas para trabalhar com essa temática.

Dos seis professores, somente um não abordava o tema saúde, pois, segundo o referido professor: “[...] *difícilmente se ensina estes conhecimentos na escola, mas quando são passados por outros canais de comunicação se tornam satisfatórios*” (prof. E). Os demais professores relataram abordar assuntos tais como: higiene (prof. A, B e F), convivência e prevenção para ser feliz (prof. C). Ainda, encontramos respostas como: “[...] *assim como diversos temas, a saúde é sempre tratada com especial atenção, quando surge o tema dentro dos assuntos disciplinares*” (prof. D).

Observamos que a higiene é o tema de saúde abordado pela maioria dos professores. Importante salientar que associado ao tema higiene apareceu o “piolho”, assunto esse também presente no discurso dos professores do ensino fundamental, da mesma escola em estudo e pela equipe da Estratégia de Saúde da Família - ESF do bairro onde a escola está inserida. Esse resultado evidenciou que esse problema, específico de saúde, é de abrangência bem maior do que somente o ambiente da escola. O tema pediculose é uma questão recorrente na saúde pública, atingindo a população em geral. Na cultura brasileira mostra-se como um tema complexo, associado, com frequência, à questões de higiene, baixo grau de escolaridade e más condições de vida¹¹, como é o caso da escola em estudo.

Quando tratamos de educar para higiene corporal, há de se buscar uma prática participativa de modo que as orientações para os alunos sejam coerentes com a linguagem do próprio corpo. A presença do educador com uma nova visão se torna imprescindível e fundamental, pois é preciso que o “saber” seja extensivo a todos, é preciso facilitar para que o aluno se aproprie do conhecimento científico a respeito do próprio corpo, sobre as condições de vida da população e sobre a importância de colocar em prática certos hábitos que contribuirão decisivamente no cuidado com o corpo¹². Quando o aluno percebe que estes hábitos o ajudam a viver melhor, sem dúvida alguma, ele estará motivado a colocá-la em prática com regularidade. É nesse momento que devemos esclarecer e estimular os alunos, propondo uma tomada de consciência no que diz respeito à saúde, à limpeza corporal, à postura, etc¹².

Os demais assuntos de saúde eram tratados somente quando surgiam durante as aulas, estando condicionados aos interesses dos alunos e as situações corriqueiras do dia a dia, ou seja, os professores trabalhavam no plano do senso comum de maneira espontaneísta e sem colaborar muito para o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Esse cenário nos proporciona compreender que algumas questões de saúde eram abordadas pelos professores, mas não contavam com um planejamento apropriado, pois eram trabalhadas “em qualquer momento”, ou com um foco em ações isoladas, ou seja, não existia um planejamento e metodologia de trabalho sistematizado. Resultados esses, também evidenciados por Marinho¹³, em um estudo com professores da rede pública de Caxias do Sul-RS.

Assim, é fundamental ressaltar que existe um consenso sobre o importante papel das ações de promoção da saúde desenvolvidas nas escolas com o intuito de garantir uma formação integral dos alunos, pois os comportamentos espontâneos não asseguram a saúde das pessoas, por isso existe a necessidade da instrução formal obrigatória que incorpore a saúde entre seus objetivos¹⁰.

Corroborando com este pensamento, Mauri¹⁴ salienta que:

A função da educação escolar é o ensino de todas as dimensões relevantes do conhecimento. [...], para que os alunos tenham a oportunidade de desenvolver um conhecimento profundo e significativo dos mesmos, os professores devem planejar intencionalmente o ensino de cada uma das diferentes dimensões do saber selecionadas no currículo (p. 104).

Ainda encontramos professores que acreditam que os conhecimentos passados por outros canais de comunicação como o rádio, a televisão, o jornal, a internet entre outros, são satisfatórios, não precisando ser abordados na escola. Sabemos que a informação é um dos primeiros passos que se deve dar na formação do conhecimento, no entanto esses meios de comunicação devem ser utilizados para enriquecer as atividades propostas em salas de aula e não se configurarem como elementos únicos de transmissão do conhecimento.

Quando questionados em relação às estratégias utilizadas para trabalhar os conteúdos de saúde na escola, emergiram várias respostas, entretanto as utilizadas pela maioria dos professores foram: aulas expositivas dialogadas (seis professores), vídeos (quatro professores), pesquisa na internet e textos de revistas (três professores) e projetos (dois professores).

Observamos a partir desse resultado que a aula expositiva dialogada se constituiu na estratégia de ensino utilizada por todos os professores para o ensino de saúde na escola. Essa estratégia é uma forma propícia desde que a exposição do assunto seja clara e os alunos tenham participação ativa, devendo-se, também, levar em consideração os conhecimentos prévios dos mesmos. No entanto, essa forma de ensinar deve servir somente como ponto de partida, devendo o professor aprofundar o tema com estratégias mais adequadas¹⁵. Assim apontamos para o ensino através de projetos, estratégia essa utilizada somente por dois dos professores estudados. Segundo Hernández e Ventura¹⁶, os projetos se constituem numa das formas mais eficazes de trabalhar a promoção da saúde na escola, desde que os temas sejam escolhidos a partir das experiências dos alunos e o professor seja o orientador que especifique o fio condutor, além de fazer com o que aluno ultrapasse a barreira de aquisição de informações e as utilizem na construção de conhecimentos.

Ao serem indagados a cerca das dificuldades para trabalhar a promoção da saúde na escola, quatro professores afirmaram ter dificuldades. Desses, três (prof. A, B, C) ressaltaram a precariedade do ambiente onde os alunos viviam; um (prof. A) o descaso dos pais em relação a saúde dos alunos, principalmente em relação a alimentação e higiene e a grande diferença entre os conhecimentos prévios dos alunos e os conhecimentos científicos; e, um (prof. E) o desconhecimento dos assuntos específicos que não faziam parte da sua área de formação.

As precárias condições de vida normalmente se expressam na baixa renda da unidade familiar, no limitado poder de compra, particularmente dos alimentos; nas precárias condições de saneamento do domicílio e do meio ambiente¹⁷, condições essas observadas entre os alunos da escola em estudo. A desigualdade do ambiente social e econômico em que vivem os adolescente e sua família tem sido reconhecida como importante preditores das condições de saúde e a compreensão de como essas desigualdades conformam o quadro de saúde é fundamental para formulação, implementação e avaliação de políticas públicas, uma vez que para situações desiguais, se fazem necessárias intervenções diferenciadas¹⁸. Os indicadores de avaliação dessas intervenções podem exigir, também, parâmetros distintos que considerem a distância a ser percorrida na direção da equidade social e em saúde¹⁸. Nesse sentido, importa desvendar não só a existência das desigualdades em si, mas, sobretudo compreender seus fatores determinantes¹⁸.

O descaso/negligência dos pais em relação a saúde dos seus filhos, principalmente em relação a higiene e alimentação, encontradas no presente estudo, também foi uma das dificuldades apontadas pelos professores da cidade de Natal/RN¹⁹ e por professores do município de Soledade-Pb²⁰. Negligência é uma palavra de origem latina e significa, segundo alguns dicionários, preguiça, descuido, incúria, descaso, abandono, sendo ainda explicada como falta de cuidados, desatenção, esquecimento²¹. Dessa forma, a negligência familiar se caracteriza quando os pais ou responsáveis pelas crianças e adolescentes não agem no sentido de suprir as necessidades físicas, de saúde, educacionais e higiênicas de seus filhos as quais proporcionam um desenvolvimento biopsicossocial saudável e isento de riscos²². No entanto, essa falha/descaso dos pais só poderá ser caracterizada como negligência quando tal falha não é o resultado das condições de vida além do seu controle²².

Uma das maiores queixas dos professores dos estudos relatados anteriormente^{19, 20}, assim como os do presente estudo, é que o trabalho em saúde realizado na escola não têm continuidade dentro do ambiente familiar dos alunos em virtude, principalmente, da falta de estrutura social existente, nível educacional dos pais, falta de condições de higiene, moradia e

alimentação. Mesmo com essas adversidades os professores do presente estudo consideraram de fundamental importância a colaboração efetiva da família no ensino dessa temática e justificaram a partir dos seguintes comentários: “a família é indispensável e essencial, pois desta forma é possível intervir e juntos trabalhar os problemas que o aluno venha passar, partilhando do mesmo pensamento” (prof. E); “a família é a fonte de tudo” (prof. A, C e F); “é na família que se cria as condições para que todos fiquem esclarecidos” (prof. B). Um dos professores, ainda, questionou: “a família deve participar mais, estar mais envolvida, mas como? Se as vezes o problema de saúde vem de casa” (prof. F).

Na opinião dos professores estudados intervenções em conjunto (escola e família) devem acontecer. Corroborando com esse pensamento, Collares e Moisés²³ justificam a necessidade dessa participação tendo em vista que é a família a responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados que estão inseridos na sociedade. A mesma é responsável pela difusão de aspectos culturais, de valores, de perspectivas e de padrões de relacionamentos, servindo como uma base para todo relacionamento exterior à sua moradia²⁴.

A integração entre escola e família tem despertado o interesse de pesquisadores^{25, 26, 27}, principalmente no que se refere às implicações deste envolvimento para o desenvolvimento social e cognitivo e o sucesso escolar do aluno. A família é um dos primeiros ambientes de socialização do indivíduo, atuando como mediadora principal dos padrões, modelos e influências culturais^{26, 27}. É também considerada a primeira instituição social que, em conjunto com outras, busca assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, incluindo a proteção e o bem estar da criança e do adolescente^{26, 27}.

É no ambiente familiar que a criança e o adolescente aprendem a administrar e resolver os conflitos, a controlar as emoções, a expressar os diferentes sentimentos que constituem as relações interpessoais, a lidar com as diversidades e adversidades da vida²⁸. Essas habilidades sociais e sua forma de expressão, inicialmente desenvolvidas no âmbito familiar, têm repercussões em outros ambientes com os quais a criança, o adolescente ou mesmo o adulto interagem, acionando aspectos salutaros ou provocando problemas e alterando a saúde mental e física dos indivíduos²⁹.

Portanto, a família e a escola emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsoras ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual, emocional e social. Na escola, os conteúdos curriculares asseguram a instrução e apreensão de conhecimentos, havendo uma preocupação central com o processo ensino-aprendizagem. Já, na família, os objetivos, conteúdos e métodos se diferenciam, fomentando o processo de socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento de seus membros no plano social, cognitivo e afetivo²⁴.

A grande diferença entre os conhecimentos prévios dos alunos e os conhecimentos científicos, também foi apontada como uma dificuldade para o ensino de saúde na escola. Em muitas situações o conhecimento prévio do estudante é trazido para a aula, mas não é articulado com o conteúdo que está sendo abordado. A utilização ou articulação entre o que o estudante já sabe e o tema de aula apresentado ainda representa obstáculo para o desenvolvimento de estratégias de ensino bem sucedidas. Sabemos que o aluno estará motivado para os estudos somente quando o assunto trabalhado despertar o seu interesse, assim, ele verá na aprendizagem a satisfação de sua necessidade de conhecimento³⁰.

A falta de conhecimento específico sobre a temática de saúde, outra dificuldade mencionada pelos professores do presente estudo para o ensino de saúde na escola, também foi apontada por professores em um estudo realizado por Fernandes, Rocha e Souza¹⁹. Com relação a essa dificuldade deve-se considerar a possibilidade de criação de cursos de atualização e de extensão, organizados com o objetivo de proceder à revisão e atualização dos métodos usados em educação para a saúde e a novas conceituações e novos conhecimentos desse tema, bem como possibilitar ao professor conhecer os programas prioritários de saúde em sua área de atuação. Os próprios órgãos de saúde poderão promover esses cursos. A literatura³¹ declara ser necessária uma estreita aproximação entre os órgãos de saúde e os de educação para que a educação em saúde melhor se desenvolva.

A formação para o ensino de saúde na escola

Quanto à formação inicial para a docência de saúde os dois professores da área de Ciências e Matemática (prof. A e B) afirmaram que possuíam tal formação, entretanto, um dos professores acrescentou: “*porém de forma superficial*” (prof. B). Quanto aos professores da área de Ciências Humanas, somente um professor (C), ressaltou ter tido esse conhecimento e como ensinar essa matéria na escola. Os professores ‘D’ e ‘E’ salientaram não ter tido tal conhecimento e o professor ‘F’ argumentou: “*às vezes sim, mas poderia ter sido melhor trabalhada*”. Os resultados das entrevistas evidenciaram, também, que os professores não realizaram nenhum tipo de qualificação para o ensino de saúde na escola. Segundo os professores, por falta de incentivo e oportunidades. A partir desses resultados observamos uma deficiência na formação inicial dos professores quanto ao preparo para o ensino de saúde na escola. Essas deficiências vêm sendo apontadas desde 1992³², sendo que nessa época já se chamava à atenção para a necessidade de se repensar as formas pedagógicas utilizadas pelos professores, buscando uma maior e melhor capacitação ao focar-se a temática de saúde³².

Em 1996, outro estudo³³ também evidenciou a ausência de disciplinas que abordassem a dimensão “saúde”, ou ainda, a tentativa de algumas instituições de ensino superior de abordar toda a diversidade temática contida na área em algumas poucas disciplinas. No âmbito do material didático disponível noções de higiene, sexualidade, corpo humano, primeiros socorros, preservação do ambiente, são tratados de modo fragmentado, descontextualizado e, não raramente, preconceituoso, isto é visto de modo acrítico e reproduzido indevidamente pelo professorado em geral³⁴. Percebemos assim, a necessidade de preparo dos professores. Segundo Loureiro³³ esse preparo deve ser adquirido em cursos de formação de professores, sendo dirigido à todas as áreas de ensino e não só para aqueles que atuam nas Ciências Humanas e Sociais. Para esse preparo Misrachi *et al.*³⁴ advogam para a adoção de outras metodologias no processo de capacitação dos docentes, principalmente, no que se refere à temática da saúde.

Em síntese destacamos que para alcançar um nível adequado de saúde, as pessoas precisam saber identificar e satisfazer suas necessidades básicas. Devem ser capazes de adotar mudanças de comportamentos, práticas e atitudes, além de dispor dos meios necessários à operacionalização dessas mudanças. Nesse sentido, a educação em saúde significa contribuir para que as pessoas adquiram autonomia para identificar e utilizar as formas e os meios para preservar e melhorar a sua vida³³.

Dessa forma, torna-se necessário que a educação em saúde seja voltada para atender os alunos de acordo com sua realidade. Isto porque a mesma deve provocar conflito nos indivíduos, criando oportunidade dos mesmos pensarem e repensarem a sua cultura, e ele próprio transformar a sua realidade³⁵. Nessa perspectiva, apontamos para a estratégia de projetos como uma das propostas de ensino que melhor atende a essas peculiaridades, pois a partir dessa metodologia de ensino o aluno torna-se responsável pela construção de seu conhecimento aliado ao auxílio dos professores¹⁶. Nessa estratégia de ensino o educador deve ser um facilitador, contribuindo para a saúde dos escolares³⁵. Para tal, deve também possuir conhecimentos e habilidades sobre o tema, procurando incorporá-los ao seu fazer pedagógico. Esses conhecimentos devem ser construídos de forma transversal no ambiente escolar, garantindo a sustentabilidade das ações dentro e fora da sala de aula¹⁶.

É importante ressaltar que, para os projetos se constituírem numa forma eficaz de trabalhar a promoção da saúde na escola, os temas devem ser escolhidos a partir das experiências dos alunos, devendo o professor especificar o seu fio condutor além de fazer com o que aluno ultrapasse a barreira de aquisição de informações e as utilize na construção de conhecimentos³⁵. Outro aspecto a ser considerado para a formação de ambientes saudáveis na escola é a necessidade do desenvolvimento de projetos que contemplem ações com outros atores da comunidade escolar para assim alcançar efetivamente seus objetivos³⁶.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das respostas dadas pelos docentes podemos concluir que os mesmos têm consciência da importância de trabalhar com o tema saúde na escola, visando benefícios aos alunos e a

comunidade envolvida e dessa forma, declararam trabalhar de alguma maneira o tema. Entretanto, observamos que há falta de atualização profissional neste caso.

Detectamos dificuldades na conceituação do termo saúde, pois os conceitos apresentados envolviam basicamente questões relacionadas às características individuais dos alunos, sendo a higiene um dos temas de saúde mais abordados nas diferentes disciplinas, já que se constituía como um dos principais problemas apresentados pelos alunos.

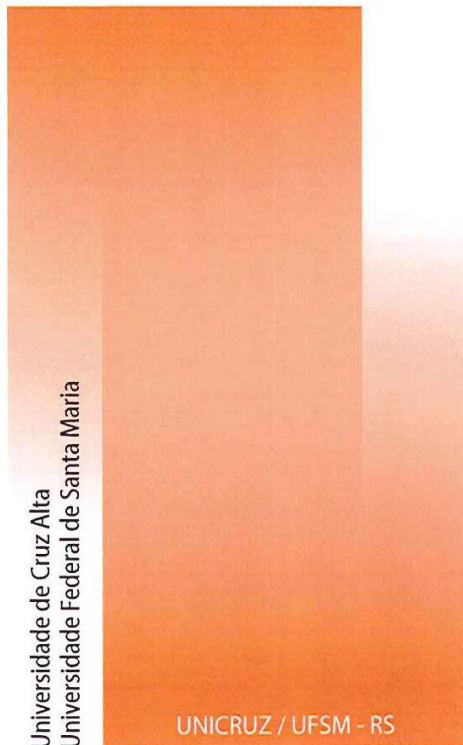
A partir dos resultados desse estudo ficou evidente, também, que os professores devem rever suas metodologias de ensino, pois a aula expositiva dialogada, que se configurou na estratégia metodológica mais empregada pelos mesmos, parece não estar surtindo resultados efetivos.

Desta forma, foi possível concluir que a questão da promoção da saúde escolar precisa ser melhor trabalhada com os docentes e com toda a escola, ou seja, os professores estudados devem ser melhor preparados para discutir os assuntos relacionados a esse tema para que o mesmo seja realizado de maneira crítica e contextualizada vinculando a saúde às condições de vida e direitos do cidadão. Para tal sugerimos que programas de formação continuada sejam ofertados aos professores estudados, já que as questões de saúde estão se tornando cada vez mais necessárias de serem discutidas no ambiente escolar, além de um maior envolvimento da família e dos profissionais da área da saúde. Estes últimos devem dar uma maior contribuição para um bom desenvolvimento das ações de saúde no ambiente escolar, em especial fornecendo um maior suporte aos educadores, elementos fundamentais no processo de construção e mudança de comportamento.

1. Candeias NMF. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. *Revista de Saúde Pública* 1997; 31(2):121-8.
2. Green LW, Kreuter MW. *Health promotion planning, educational and environmental approach*. 2nd. ed., Mountain View, Mayfield Publishing Company, 1991.
3. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
4. Krug MR, Martins AO, Nascimento BB, Nascimento KB, Soares FAA. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde. In: Encontro sobre investigação na escola: Compartilhar conhecimentos e práticas: um desafio para os educadores, XII, 2013, Santa Maria. Anais, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.
5. Andrade MM. *Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalho na graduação*. São Paulo: Atlas, 2003.
6. Bardin L. *Análise de conteúdo*. 2ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
7. Brasil, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Saúde [Internet]. 1996. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.htm. Acesso em: 03 nov. 2014.
8. Carta de Ottawa. Primeira Conferência Internacional sobre promoção da saúde; novembro de 1986; Ottawa; Ca. In: Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Políticas de Saúde. Projeto Promoção da Saúde. Declaração de Alma-Ata; Carta de Ottawa; Declaração de Adelaide; Declaração de Sundsvall; Declaração de Santafé de Bogotá; Declaração de Jacarta; Rede de Megapaíses; Declaração do México. Brasília: Ministério da Saúde; 2001. p. 19.
9. Costa S, Gomes PHM, Zancul MS. Educação em Saúde na escola na concepção de professores de Ciências e de Biologia [Internet]. 2011. Disponível em: <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0922-1.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2015.
10. Gavidia V. La educación para la salud en los manuales escolares españoles. *Rev. Esp. Salud Publica* 2003; 77(2): p.275-285.
11. Mano SMF, Gouveia FC. Catapiolho. Jogo infantil sobre pediculose. Museu da Vida, Mendes EG. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para inclusão escolar. In: Mendes EG, Almeida MA, Hayashi MCP. (Orgs.). *Temas em Educação Especial: conhecimentos para fundamentar a prática*. Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008. p.92-122.
12. Vieira AMM, Souza EP, Ribeiro GM, Guazina N, Ferreira SMS, Silva C. Aprendendo os hábitos de higiene através dos cuidados com o corpo [Internet]. s.d. Disponível em: http://www.uabrestingaseca.com.br/insight/artigos/habitos_higiene. Acesso em: 07 jan. 2015.
13. Marinho JCB, Silva JA. A temática “saúde” na concepção de professores dos anos iniciais do ensino fundamental: questões concernentes a metodologias e aprendizagem. In: Seminário de Pesquisa da Região Sul – ANPED SUL, IX, 2012, Caxias do Sul. Anais, Caxias do Sul: UCS, 2012.

14. Mauri, T. O que faz com que o aluno e a aluna aprendam os conteúdos escolares? In: Coll C. *et al.* (Orgs.). O construtivismo na sala de aula. 6 ed. São Paulo: Ática, 2009.
15. Sales GMC, Ricco AS. A educação ambiental no ensino fundamental: o auxílio dos meios de comunicação e mídias nas práticas pedagógicas, 2014. Disponível em: <http://www.pmf.sc.gov.br>. Acesso em: 03 nov. 2014.
16. Hernández F, Ventura M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
17. Blakely T, Hales S, Kieft C, Wilson N, Woodward A. The global distribution of risk factors by poverty level. *Bull World Health Organ* 2005; 83:118-26.
18. Drachler ML, Côrtes SMV, Castro JD, Leite JCC. Proposta de metodologia para selecionar indicadores de desigualdade em saúde visando definir prioridades de políticas públicas no Brasil. *Ciênc Saúde Coletiva* 2003; 8:461-70.
19. Fernandes MH, Rocha VM, Souza DB. A concepção sobre saúde do escolar entre professores do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). *Hist. cienc. saúde-Manguinhos* 2005; 12(2): 283-291. mai./ago.
20. Mamede JF. O ensino das atitudes de higiene pessoal básicas dentre os professores das escolas estaduais do município de Soledade, PB [Internet]. 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/123456789/432>. Acesso em: 01 fev. 2015.
21. Azevedo RC. Negligência, família e gênero: desvendando as representações e ações dos(as) conselheiros(as) tutelares de Fortaleza [Internet]. 2003. Disponível em: www.propgpq.uece.br/semana_universitaria/anais/anais2003/. Acesso em: 02 fev. 2015.
22. Azevedo MA, Guerra VNA. Infância e violência fatal em família: primeiras aproximações ao nível de Brasil. São Paulo: Iglu, 1998.
23. Collares CAL, Moisés MAA. Educação, saúde e formação da cidadania, educação e sociedade [Internet]. 1989. Disponível em: <http://www.coladaweb.com/pedagogia/escola,-saude-e-cidadani>. Acesso em 03 nov. 2014.
24. Dessen MA, Polonia AC. A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia* 2007; 17(36): 22-32.
25. Marques R. O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países [Internet]. 2002. Disponível em: <http://www.eses.pt/usr/Ramiro/Texto.htm>. Acesso em: 28 jan. 2015.
26. Amazonas MCLA, Damasceno PR, Terto LMS, Silva RR. Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em Estudo* 2003; 8(especial): 11-20.
27. Kreppner K. Developing in a developing context: rethinking the family's role for children development. In: Winegar LT, Valsiner J (Orgs.). *Children's development within social context* Hillsdale: Lawrence, 1992. p. 161-179.
28. Wagner A, Ribeiro LS, Arteché AX, Bornholdt EA. Configuração familiar e o bem-estar psicológico dos adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 1999; 12(1): 147-156.
29. Del Prette A, Del Prette ZAP. *Psicologia das relações interpessoais: vivência para o trabalho em grupo*. Petrópolis: Vozes, 2001.
30. Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: ciências naturais (1ª a 4ª série). Brasília: MEC/SEF, 1997.
31. Brito BNC. Educação para a saúde na escola. *Revista da FSESP* 1979; XXIV(2): 01-9.
32. Focesi, E. Formação em saúde escolar. A criança em idade escolar. *Revista Brasileira Saúde do Escolar* 1992; 2(3):137-9.
33. Loureiro CFB. A educação em saúde na formação do educador. *Revista Brasileira de Saúde Escolar* 1996; 4(3/4)25-29.
34. Mísrachi J, Clara S.M. Estratégias para que los profesores adhieran a los programas de Sapag, M. *educación escolar para la salud. Cuadernos Médico Sociales* 1994; 3:38-44.
35. Oliveira CL. Significado e contribuições da afetividade, no contexto da metodologia de projetos, na educação básica. Dissertação de mestrado, CEFET-MG, Belo Horizonte-MG, 2006.
36. Shi-Chang X, Xin-Wei Z, Shui-Yang X, Shu-Ming T, Sen-Hai Y, Aldinger C *et al.* Creating health-promoting schools in China with a focus on nutrition. *Health Promot Int* 2004; 19:409-18.

2.3 ARTIGO 3



PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL

THEMATIC PROJECTS AS AN ALTERNATIVE TO PROMOTE HEALTH IN ELEMENTARY SCHOOL

KRUG, Marília de Rosso¹
MARTINS, Aline de Oliveira²
PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes³
SOARES, Félix Alexandre Antunes⁴

RESUMO

Este estudo analisou as contribuições de intervenções colaborativas na concepção e desenvolvimento de um projeto pedagógico com foco na promoção da saúde. Realizou-se uma pesquisa-ação colaborativa numa escola pública, envolvendo quatro professores e 44 alunos. As intervenções foram realizadas durante quatro meses, uma vez por semana, com 2 horas de duração. Os instrumentos de pesquisa foram: questionário e diário de campo, sendo as informações interpretadas pela análise categorial. O método de projetos proporcionou aos alunos novas descobertas favorecendo a aprendizagem significativa. As intervenções melhoraram a qualidade do ensino apontando para a importância de difundir na escola as contribuições do ensino colaborativo e da estratégia de projetos.

Palavras-chave: Intervenções colaborativas; Método de projetos; Pediculose.

ABSTRACT

This study analyzed the contributions of collaborative interventions in the conception and development of an educational project which focuses on health promotion. It was carried out through a collaborative action research in a public school. Four teachers and 44 students took part in it. Each intervention took two hours and was developed once a week for four months. The research instruments were questionnaires and field diary, and the information were interpreted through categorial analysis. The design methodology provided students better educational opportunities, encouraging meaningful learning. Interventions improved the quality of education by emphasizing the importance of spreading the contributions of collaborative learning and the project strategy in school environment.

Keywords: Collaborative interventions; Design methodology; Pediculosis.

1 Professora da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Brasil. Aluna do curso de Doutorado em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. E-mail: mkrug@unicruz.edu.br

2 Aluna do curso de Mestrado em Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. E-mail: alinemartins_xp@hotmail.com

3 Aluno do curso de Educação Física da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), Brasil. E-mail: fernandes.rui@outlook.com

4 Professor da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Brasil. Doutor em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil. E-mail: felix@ufsm.br

PROBLEMATIZAÇÃO/SITUAÇÃO GERADORA

O presente trabalho foi organizado a partir dos dados parciais de um projeto de tese de doutorado – “Desenvolvimento de projetos tendo a promoção da saúde como eixo articulador”⁵ – que investiga como a estratégia de projetos pode contribuir para o trabalho pedagógico ao introduzir na escola o estudo de temáticas que buscam respostas aos problemas sociais, conectando a escola com a vida das pessoas. Essa investigação acompanhou, ao longo de um ano letivo, a prática pedagógica de projetos em duas classes de 3º ano do Ensino Fundamental.

O ambiente escolar, considerando sua abrangência, se torna um aliado fundamental para a concretização de ações voltadas para o fortalecimento das capacidades dos indivíduos, para a tomada de decisões favoráveis à sua saúde e à da comunidade, visando a criação de ambientes saudáveis.

A Secretaria de Políticas da Saúde/MS (BRASIL, 2002) enfatiza que é no período escolar que se deve trabalhar com o tema ‘saúde’ na perspectiva de sua promoção, pois crianças, jovens e adultos que se encontram nas escolas vivem momentos em que seus hábitos e atitudes estão sendo criados e, dependendo da idade ou da abordagem, sendo revistos. O ministério citado acima ainda reconhece que além da escola ter uma função pedagógica específica ainda tem uma função social e política voltada para a transformação da sociedade, relacionada ao exercício da cidadania e ao acesso às oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem, razões que justificam ações voltadas para a comunidade escolar a fim de proporcionar concretude às propostas de promoção da saúde.

Nesse sentido, a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN n. 9394 e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, BRASIL, 1996/1997) passaram a considerar a saúde no campo da educação como um tema transversal, expondo a necessidade de se assegurar uma ação integrada e intencional entre os campos da educação e saúde, uma vez que ambos se pautam, fundamentalmente, nos princípios de formação da consciência crítica e no protagonismo social.

Nessa perspectiva, propusemos a uma escola da rede estadual de ensino intervenções colaborativas para o desenvolvimento de um projeto tendo como eixo temático a promoção da saúde. A justificativa para esta proposição emergiu a partir de resultados de estudos preliminares (KRUG et al, 2014) realizados no mesmo contexto deste projeto, que evidenciaram duas formas de ensino sobre saúde na escola: uma em que o tema era trabalhado nas disciplinas, ficando, no entanto, restrito aos professores de ciências; e outra na forma de projetos, desenvolvidos de forma pontual e fragmentados.

O referido estudo demonstrou, também, que o isolamento profissional e a falta de conhecimento específico sobre a temática ‘saúde’ se constituíam as principais dificuldades para se trabalhar esse assunto na escola. Dessa forma, na tentativa de auxiliar esses professores, foi proposta pelos pesquisadores, a partir de intervenções colaborativas, a discussão sobre a pertinência e a relevância do ensino sobre saúde na educação básica, além de apresentados métodos de trabalho em sala de aula. Esses assuntos eram condicionados à análise e à reflexão de todo o grupo, fazendo nascer o debate e a consequente evolução das ideias a respeito da temática ‘saúde’ e como ela poderia ser trabalhada na perspectiva de projetos.

Assim, este artigo tem como objetivo avaliar a contribuição de intervenções colaborativas na concepção e desenvolvimento de um projeto pedagógico, tendo como temática principal a promoção da saúde.

⁵ Tese em desenvolvimento (2013 - 2016) no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Autora: Marília de Rosso Krug. Orientação: Prof. Dr. Félix Alexandre Antunes Soares.

PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL
 KRUG, Marília de Rosso; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O Projeto de Extensão ProSaúde – “Construindo um futuro saudável através da promoção à saúde” – é ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ - RS) e utiliza-se de intervenções colaborativas para o desenvolvimento das ações

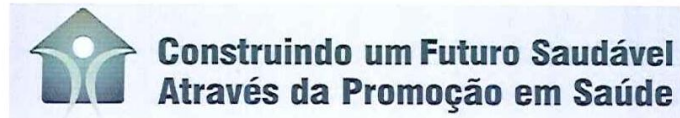


Fig. 1: Logo marca do Projeto ProSaúde desenvolvida por bolsista universitário participante do projeto.

Optou-se, nesse projeto, por uma prática educativa pautada em intervenções colaborativas em que todos os envolvidos tivessem a oportunidade de refletir coletivamente sobre suas práticas, diagnosticar os problemas através dos debates e, num trabalho de parceria entre pesquisadores e professores participantes, propor alternativas (projetos/atividades) para atenuá-los e/ou resolvê-los, o que, segundo Oliveira (2012), caracteriza-se como ações dialógicas.

Este estudo, então, caracterizou-se como uma pesquisa-ação colaborativa, a qual, segundo Pimenta, Garrido e Moura (2001), se constitui em propor uma ação no contexto escolar a fim de transformar as práticas vigentes. As intervenções colaborativas do projeto foram realizadas em uma escola pública estadual da cidade de Cruz Alta, Rio Grande do Sul. Essa instituição teve, em relação aos anos iniciais do ensino fundamental, um IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) de 4,3 na classificação da última avaliação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira - INEP, ocorrida em 2013 (BRASIL, 2013).

Os sujeitos do estudo foram duas professoras, unidocentes do terceiro ano do ensino fundamental, e suas respectivas turmas (ano de 2013), somando 44 alunos, sendo 23 da turma A e 21 da turma B. As intervenções colaborativas ocorreram entre as professoras participantes do estudo e os pesquisadores, sendo um professor pesquisador e dois alunos bolsistas do curso de Educação Física – um bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC/UNICRUZ) e o outro do Programa Institucional de Bolsa de Extensão (PIBEX/UNICRUZ).

Tanto os professores da escola quanto os acadêmicos assumiram o compromisso de participação espontânea no projeto, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); o TCLE, para a participação dos alunos, foi assinado pelos pais ou responsáveis.

Com intuito de conhecer os sujeitos e seus desafios pedagógicos, bem como elaborar, desenvolver e avaliar um plano de intervenção colaborativa, utilizou-se diferentes procedimentos em situações diversas. Para tanto, empregou-se uma sequência metodológica composta por quatro intervenções distintas: a) identificação das necessidades e demandas de saúde dos escolares; b) elaboração do projeto pedagógico; c) desenvolvimento/aplicação do projeto pedagógico; e d) avaliação das contribuições do projeto. A seguir será apresentado como essas intervenções foram organizadas.

ANÁLISE E REFLEXÕES DAS DEMANDAS E NECESSIDADES DE SAÚDE DOS ESCOLARES

Essa primeira intervenção colaborativa foi realizada a partir de conversa reflexiva, conforme propõe Ibiapina (2008), e teve como objetivo discutir a pertinência e a relevância do ensino de saúde na educação básico. Foram estudados e discutidos temas como saúde e promoção da saúde – com base nas Diretrizes de Educação em Saúde/MS (BRASIL, 2007), Secretaria de Políticas da Saúde/MS (BRASIL, 2002) e Escolas Promotoras de Saúde (BRASIL, 2006) – e estratégias de ensino, refletindo principalmente sobre a metodologia de projetos a partir dos autores Hernández e Ventura (1998), Moura e Barbosa (2006) e Araújo (2003).

A intenção dos ciclos de estudo foi proporcionar um espaço de formação para os professores, de modo a ampliar e aprofundar a discussão sobre a temática 'Promoção da Saúde' e suas aplicações em sala de aula, assim como identificar os principais problemas de saúde dos alunos. Esses ciclos ocorreram durante quatro encontros semanais de duas horas, dos quais participaram somente os acadêmicos bolsistas, já que as professoras da escola alegaram indisponibilidade de tempo.

ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

A segunda intervenção colaborativa consistiu em momentos de formulação de ações/projeto que poderiam auxiliar na busca de soluções para os problemas encontrados no contexto dos alunos. Assim, inicialmente resgatamos os conhecimentos obtidos durante os ciclos de estudo para fundamentar as atividades propostas. Essas intervenções ocorreram durante oito encontros semanais, de duas horas cada um, e participaram deles duas professoras da escola e dois acadêmicos bolsistas do projeto.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO

O objetivo dessa terceira etapa do projeto foi de acompanhar e auxiliar no processo de aplicação das ações/atividades desenvolvidas pelos professores; a colaboração dos pesquisadores aconteceu a partir de orientações e trocas de informações com os professores. Para o desenvolvimento das ações/atividades foram necessários oito encontros semanais de uma hora e trinta minutos cada um; as intervenções foram planejadas para serem desenvolvidas em duas turmas de 3º ano do ensino fundamental, sendo uma com 21 e a outra com 23 alunos.

Para avaliar o processo das intervenções citadas, utilizou-se de entrevistas, diário de campo e a observação participante. Os registros foram grafados da maneira como foram ouvidos e observados.

AVALIANDO AS CONTRIBUIÇÕES DO PROJETO

As contribuições do projeto foram avaliadas a partir da opinião dos professores da escola e dos acadêmicos bolsistas do projeto, no que se refere às contribuições para a prática docente e a formação de cada participante do projeto. Para tanto, utilizou-se de um

PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL
 KRUG, Marília de Rosso; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

questionário com questões abertas e a avaliação dos dados foi realizada a partir da análise categorial (BARDIN, 2011).

OS RESULTADOS ENCONTRADOS

Os resultados do estudo serão apresentados separadamente em função das intervenções colaborativas realizadas, ou seja, inicialmente serão apresentados os resultados relacionados à análise e reflexões das demandas e necessidades de saúde dos escolares. Na sequência apresentam-se os resultados referentes à elaboração do projeto pedagógico; após, os resultados do desenvolvimento/aplicação das atividades planejadas e, finalmente, analisa-se as contribuições das ações desenvolvidas.

ANÁLISE E REFLEXÕES DAS DEMANDAS E NECESSIDADES DE SAÚDE DOS ESCOLARES

A partir das discussões e reflexões realizadas com os professores da escola, ficou claro que a temática ‘saúde’ era trabalhada em suas aulas, porém eles sentiam a necessidade de conscientizar a família dos alunos, ampliando essa responsabilidade, além de conhecer métodos diferenciados para o ensino dessa temática que realmente propiciassem a mudança de comportamento dos alunos.

As professoras da escola destacaram a higiene com foco para a eliminação e prevenção de “piolhos” (pediculose⁴), já que este é o principal problema de saúde na escola. Nesse sentido, optou-se por trabalhar com o subtema “a higiene”, mais especificamente a questão dos “piolhos”. O objetivo era fazer com que os educadores se apropriassem do ensino através de projetos e passassem a utilizá-lo na sua prática pedagógica.

ELABORAÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO

A segunda intervenção consistiu em momentos de formulação de ações (atividades didáticas) que poderiam transformar a realidade ou procurar soluções para os problemas encontrados no contexto dos alunos. A intervenção dos pesquisadores foi a de colaborar no processo de elaboração e desenvolvimento das atividades didáticas.

O projeto elaborado teve como título “Matando piolho” e foi estruturado pelos acadêmicos bolsistas utilizando os conhecimentos e experiências vividas pelas professoras da escola para amenizar a pediculose. As sugestões eram expostas às professoras e elas adequavam conforme o nível de ensino e a realidade dos alunos. As ações do projeto foram organizadas em três atividades didáticas distintas: a) o vídeo e a brincadeira como recurso de ensino; b) a história em quadrinhos para sistematizar os conhecimentos; c) a construção de fantasias para socializar o que foi aprendido.

Na primeira atividade, o vídeo e a brincadeira como recursos de ensino foram propostos com o objetivo de sensibilizar e motivar os alunos para a participação no projeto. Para isso, foi definido pelos professores a utilização dos vídeos “Xô Piolho” (MEIRELLES, 2012) e o “Palhaço Talento: Educação em primeiro lugar” (PIOLHOS, 2012) com objetivo de transmitir informações e vivências. Da mesma forma, foi proposta uma conversa com os alunos a partir perguntas simples para verificação do seu grau de conhecimento sobre

o tema, o que valorizaria a curiosidade do grupo sobre o assunto; também houve a apresentação do vídeo “o que são piolhos” (FARMÁCIA TURCIFALENTE, 2012). Para finalizar, realizou-se uma atividade lúdica com balões representando os piolhos.

Na segunda atividade foi solicitada aos alunos a construção de histórias em quadrinhos, que teria como objetivo a sistematização dos conhecimentos do encontro anterior. Para essa atividade, os alunos receberam papel demarcado com quadros, lápis de cor, lápis preto e giz de cera.

A terceira atividade teve como objetivo a socialização com os pais e os demais alunos da escola focando os conteúdos aprendidos. Para isso, foi proposta a confecção de fantasias que representassem os personagens e objetos da temática estudada, sendo que essas fantasias deveriam ser utilizadas durante a encenação da música “Palhaço Talento: Educação em primeiro lugar” durante um recreio estendido, conforme sugestão da direção da escola.

Segundo os acadêmicos, na concepção do projeto “Matando Piolho”, a principal dificuldade foi a adequação do conteúdo à faixa etária e ao nível de aprendizado dos discentes, já que, embora estivessem no 3º ano do ensino fundamental, a maioria dos alunos da turma A ainda não sabiam ler e tinham muita dificuldade na escrita. Isso mostrou que o projeto necessitava de uma adequação no sentido a contribuir também para a aprendizagem da leitura e da escrita – grande preocupação dos professores dessa turma; todavia, a turma B já dominava essas habilidades.

DESENVOLVIMENTO DO PROJETO PEDAGÓGICO

A terceira intervenção consistiu em auxiliar os professores no desenvolvimento das atividades didáticas propostas na elaboração do projeto, as quais foram: o vídeo, a brincadeira e a história em quadrinhos como recurso didático, além da fantasia e a interpretação para encenar o aprendido. As intervenções dos pesquisadores foram no sentido de colaborar nesse processo de realização didática, o qual será descrito a seguir.

O VÍDEO E A BRINCADEIRA COMO RECURSO DE ENSINO

Nessa primeira atividade do projeto, que teve como objetivo a integração e o desenvolvimento dos conteúdos conceituais sobre a problemática, foi possível perceber muita agitação e curiosidade dos alunos, no sentido de entender o que era o “tal projeto”. Após as explicações, eles cantaram e dançaram ao ritmo da música.

Para finalizar essa primeira intervenção, abriu-se para questionamentos. Algumas crianças mostraram bastante familiaridade com o assunto, colaborando com a discussão, citando o que eram os piolhos, quanto tempo viviam, o que causavam e como combater. Apesar de o assunto não ser algo totalmente novo na vida deles, surgiram questões muito interessantes, como por exemplo: “piolho voa?”; “piolho gosta de sujeira?”; “careca pode ter piolho?”; “se eu emprestar meu boné para quem tem piolho ele pode passar para mim?”. As respostas não foram dadas diretamente aos alunos e eles foram estimulados a pesquisar sobre o assunto para obterem respostas; no encontro seguinte todas as dúvidas foram sanadas.

Segunda atividade: a história em quadrinhos para sistematizar os conhecimentos. Nesse encontro foi proposto que os alunos criassem histórias em quadrinhos baseados

PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL
 KRUG, Marília de Rosso ; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

nos conteúdos abordados na primeira atividade. Eles se mostraram bem empolgados com essa tarefa, apesar das dificuldades da turma A na escrita, precisando do intermédio dos professores, que escreviam no quadro as palavras que os alunos solicitavam. Posteriormente, foi elaborado um mural com todas as histórias, que ficou exposto na sala de aula (FIGURA 2).

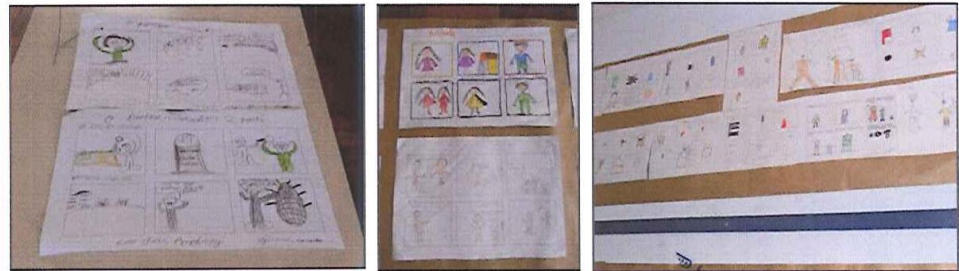


Figura 2 – As histórias em quadrinhos como recurso de ensino.

As histórias produzidas destacavam principalmente os aspectos como tratamento e prevenção, além dos conhecimentos específicos que a temática permitiu discutir com os alunos, relacionados aos conteúdos de ciências. Um dos objetivos das atividades também era de favorecer a aprendizagem da leitura, fato esse que ocorreu após três semanas de desenvolvimento do projeto. Segundo a professora da turma, eles foram muito motivados pelo interesse em aprender a música que seria cantada na apresentação.

Terceira atividade: a construção de fantasias e o teatro para socializar o aprendido. A atividade da confecção da fantasia tinha como objetivo encenar a música que era relacionada à temática estudada, a fim de socializar com os pais e demais alunos da escola. Foi possível observar que os alunos se identificavam com certas personagens relacionadas ao assunto, como a enfermeira, a médica; alguns, ainda, optaram por representar os objetos como o xampu, o pente fino, etc. A apresentação final foi realizada pelas duas turmas para os demais alunos da escola.

Nesse terceiro momento muitas dificuldades foram encontradas, principalmente as relacionadas com os equipamentos selecionados para serem utilizados no desenvolvimento das atividades do projeto, como projetor multimídia, caixa de som e computadores que estavam sempre com algum defeito; também se destaca a falta de um auditório ou ainda uma sala maior para se trabalhar com as duas turmas juntas e assim favorecer o processo de socialização e integração.

As duas professoras unidocentes, apesar de concordarem em fazer parte do projeto, inicialmente limitaram-se mais ao controle da disciplina dos alunos no desenvolvimento das atividades, sendo essa responsabilidade também assumida, na maioria das vezes, pelos bolsistas do projeto. Alguns dos termos usados pelas professoras para fugir das aulas era: “*Agora os alunos ficam com vocês, né?*”; “*Eu tenho um trabalho para fazer, depois eu volto*” (“Vocês”, referindo-se aos acadêmicos). Somente após conversa com as professoras sobre a importância da sua colaboração é que houve uma cooperação mais efetiva.

MUDANÇAS PROVOCADAS PELAS INTERVENÇÕES COLABORATIVAS

Ao questionarmos as professoras sobre as contribuições das atividades desenvolvidas e o quanto as intervenções tinham atingido os objetivos propostos, elas responderam que os resultados foram além do esperado, proporcionando conhecimentos interdisciplinares, ou seja, as

atividades desenvolveram conteúdos de Ciências, Português (leitura e escrita), assim como o ritmo e a expressão corporal.

De acordo com as professoras, os alunos se dedicaram nas atividades propostas de forma muito prazerosa; elas salientaram ainda que os alunos debatiam muito sobre o tema em sala de aula, ou seja, o método de ensino sugerido despertou nos discentes o debate e o prazer pelo aprender.

Ao questionar as professoras sobre o método utilizado no desenvolvimento das atividades e se este foi adequado aos anos iniciais do ensino fundamental, elas responderam que sim, pois o projeto levou os alunos a novas descobertas, sendo isso muito importante para o crescimento global do aluno. Ao indagar se as mesmas poderiam trabalhar com o método de projetos de forma autônoma (sozinhas) com suas turmas, as duas professoras salientaram que não, por que existe necessidade de se envolver a escola como um todo, de forma que contemple uma educação coletiva. Finalizando a intervenção, questionamos as professoras sobre os assuntos de saúde que ainda precisam ser trabalhadas na escola: higiene, saúde mental e corporal, normas de convivência, direitos e deveres foram os temas sugeridos.

Segundo os acadêmicos, as atividades propostas foram adequadas ao nível da grande maioria dos escolares que participaram do projeto, o qual conseguiu atingir todos os envolvidos, tanto os que possuíam certo conhecimento sobre o assunto proposto quanto os que não conheciam a pediculose. Sempre que era necessário, as atividades desenvolvidas eram readequadas às necessidades dos alunos, mas embora as turmas tenham compreendido a proposta de trabalho, segundo um dos acadêmicos, a intervenção foi insuficiente, pois necessitava do envolvimento da família para que realmente a pediculose fosse tratada e prevenida.

Os professores notaram muito entusiasmo e satisfação dos alunos quando trabalharam com temas diferentes e de um modo diferente, conclusão que foi obtida através do anseio das turmas em saber quando seria o próximo encontro. Nas palavras de um dos alunos: *“tem semana que vem, professor? Queremos de novo a semana que vem, professor”*. Eles apresentavam muitas dúvidas e nas atividades propostas nas aulas interligavam o assunto ‘piolho’ com os conteúdos que estavam sendo estudados.

Os acadêmicos bolsistas do projeto acreditam que esse método de ensino pode e deve ser utilizado com alunos dos anos iniciais do ensino fundamental, porque permite aos alunos um aprender significativo relacionando o conteúdo ao seu dia a dia, tornando o ensino-aprendizagem mais eficaz. Um dos professores salientou ainda que há a necessidade de que todos os professores tenham a oportunidade de realizar reuniões semanais para discutir as necessidades dos alunos e realmente elaborar um projeto interdisciplinar, relacionando os conteúdos aos temas que são de interesse da comunidade escolar.

Ao questionar os acadêmicos bolsistas sobre a possibilidade de utilizar o método de projetos nas aulas, eles responderam que sim, pois essa metodologia é eficiente e relativamente simples. Porém, isso requer um maior nível de organização e dedicação do professor, não devendo, portanto, esquecer a necessidade de articular um planejamento com os demais professores envolvidos no processo de ensino-aprendizagem dos alunos, pois com um trabalho em equipe é possível identificar as reais necessidades e desenvolver uma proposta interdisciplinar. Embora nos anos iniciais normalmente haja apenas um professor na turma (unidocente), na escola em que se desenvolveu o projeto também havia um bolsista PIBID e um professor de informática, mas não havia uma conversa entre eles,

PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL
 KRUG, Marília de Rosso ; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

necessitando o estabelecimento deste diálogo.

Na opinião dos acadêmicos, as questões de saúde que ainda precisam ser trabalhadas na escola são: a higiene pessoal, a importância de consultar um médico regularmente, a alimentação saudável e a violência, que é alarmante na vida da grande maioria das crianças participantes desse projeto. Um dos professores acrescentou a essas atividades a questão do lixo e do saneamento básico, envolvendo as políticas públicas. Também, ensinar o aluno a buscar seu direito como cidadão e a ter uma boa qualidade de vida.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As intervenções colaborativas no contexto escolar, o que ocorreu entre os alunos bolsistas do projeto, pesquisadores e professoras da escola, na construção e aplicação das atividades em sala de aula, contribuíram para a problematização das práticas docentes desses participantes e, em última instância, auxiliaram na construção do processo de formação reflexiva dos alunos.

Segundo Mendes (2006), o poder das equipes colaborativas encontra-se na capacidade de desenvolver habilidades criativas sobre resolução de problemas, promover apoio mútuo e compartilhar responsabilidades. Dessa forma, o trabalho colaborativo pode diminuir distinções de papéis existentes entre os profissionais envolvidos, a fim de que cada um possa fazer o melhor uso possível de seus saberes. Nesse caso, isso se concretizou pela colaboração entre professores da escola, acadêmicos do curso de Educação Física e pesquisadores, mostrando a importância da universidade nesse contexto.

Os focos das intervenções colaborativas eram auxiliar os professores na construção e desenvolvimento de projetos que contribuíssem para o ensino de saúde na escola. Os PCN (BRASIL, 1998) têm um papel preponderante como instrumento de apoio às reflexões sobre educação em saúde. O texto relativo às séries iniciais define claros objetivos de ensino: conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva. Dessa forma, consideramos bastante relevante o desenvolvimento da temática “piolhos”, já que, na opinião das professoras participantes do estudo, esse tema estava se apresentando como um dos principais problemas de saúde na escola em que aconteceu o projeto.

A pediculose é uma questão recorrente na saúde pública, atingindo a população em geral, com maior incidência em crianças pela facilidade que elas têm de ter contato com o ambiente natural, o que facilita a sua transmissão. Segundo Mano e Gouveia (2007), na cultura brasileira, esse problema se mostra como um tema complexo, associado, com frequência, a questões de higiene, baixo grau de escolaridade e más condições de vida, como é o caso da escola em estudo.

A atividade “Matando Piolho” foi desenvolvida pelos professores e pesquisadores por sua importância para a saúde infantil e consequente necessidade de se desenvolver estratégias para se abordar abertamente o tema, desmistificando-o e diminuindo o preconceito existente e, dessa forma, facilitando o controle da doença. Esse objetivo parece termos atingido, considerando que seis meses depois, ao retornar à escola e ao conversar com algumas crianças que fizeram parte do projeto, uma delas respondeu, quando questionada sobre seus piolhos: “*não tenho mais nenhuzinho, tô usando xampu toda semana*”.

As características dos insetos foram abordadas ao se explorar o “ciclo de vida do piolho” e conceitos básicos como a reprodução por meio de ovos ou o conceito de “ninfas” (o inseto jovem, que não chegaram a fase reprodutiva) foram explorados como características relevantes para a diferenciação entre os filos (famílias) de animais como os insetos e os mamíferos. A consciência de que o piolho é um parasita humano e as formas de se lidar com parasitoses foram o mote para a reflexão sobre o corpo humano como um ambiente que deve ser cuidado e observado atentamente ao longo de uma vida saudável.

A opção pela utilização do vídeo com um dos recursos didáticos utilizados no projeto, para apresentação do conteúdo aos alunos, partiu do princípio de que o material audiovisual é um importante aliado no processo de ensino e aprendizagem de conceitos; segundo Vasconcelos et al (2008), isso acontece devido à dinamização da prática pedagógica. Vale lembrar que quando utilizamos os meios de comunicação estamos usando sua linguagem e sua aplicação e que esta é a base do processo de conhecer.

O meio audiovisual não é apenas um recurso didático, mas através dele pode-se criar uma nova forma de ajudar a (re)construção do conhecimento (LEÃO, 2004; VASCONCELOS et al, 2008). Segundo Lima (2001), este processo é possível devido ao vídeo ser um recurso que possibilita a síntese entre imagem e som, gerando as mais diversas sensações dependendo do que é transmitido, deixando de ser apenas som e imagem, mas também uma forma de expressão.

O uso da história em quadrinhos vem sendo utilizada como estratégia de ensino para aprendizado em ciência e educação em saúde. Embora estudo como o de Negrete (2002) não tenha mostrado diferenças ao comparar a utilização de histórias em quadrinhos com textos tradicionais de literatura científica, para memorização de conceitos e aprendizado científico o referido autor verificou que a história em quadrinhos é muito mais atrativa no aprendizado. Fato esse, também, observado no presente estudo, cujas histórias produzidas foram muito criativas e expressaram a realidade em que os alunos viviam.

Segundo Reis (2000), as histórias em quadrinhos podem ser utilizadas no sentido de confrontar ideias e gradualmente orientar a criança na descoberta do seu ser enquanto autor de sua própria história. Ao utilizarmos a história em quadrinhos nas aulas podemos levar as crianças a perceber como ocorre o envolvimento social dos personagens e a visualizar melhor o meio em que estão inseridos.

A utilização da estratégia de construir fantasias para encenar os conceitos aprendidos teve como principal objetivo estimular a criatividade dos alunos. Segundo Vygotsky (1998), o estímulo à capacidade criadora infantil no âmbito da educação escolar é de extrema relevância. Segundo ele, os processos criadores infantis se refletem sobretudo no faz de conta porque nele as crianças (re)elaboram a experiência vivida em seu meio social, edificando novas realidades de acordo com seus desejos, necessidades e motivações.

Vygotsky (1998) nos explica também que a imaginação ou fantasia nutre-se de materiais tomados da experiência vivida pela pessoa. O referido autor salienta ainda que quanto mais rica for a experiência humana, tanto maior será o material colocado à disposição da imaginação. Dessa forma, chega-se à importante conclusão pedagógica de que devemos ampliar a experiência cultural da criança, caso se pretenda fornecer-lhe uma base suficientemente sólida para que ela venha a desenvolver amplamente sua capacidade criadora.

Neste sentido, a escola pode oferecer experiências significativas aos educandos, que os afetem na esfera emocional, social, motora e cognitiva; que os motive a buscar e conquistar muito mais que conteúdos. Um dos caminhos pode ser o de se trabalhar com a arte.

Também foi possível observar e confirmar através da opinião das professoras, que as atividades propostas (vídeo, história em quadrinhos e o teatro), desenvolvidos a partir das intervenções colaborativas, foram realizadas pelos alunos de uma forma muito prazerosa, levando ao constante debate em sala de aula. Ainda no entendimento das professoras, essas atividades levaram os alunos a novas descobertas, sendo isso muito importante para o crescimento global do discente.

Para que as ações fossem mais efetivas, sentiu-se a necessidade do envolvimento da família; segundo uma das professoras, “*a proposta foi adequada, porém necessitava um envolvimento da família*”. Schünemann, Duarte, Bessa e Carneiro (2012) salientam que as famílias das escolas públicas são normalmente consideradas pelo corpo docente como negligentes e desinteressadas pela escolarização dos filhos. Essa crença é ainda mais intensa quando se refere às classes populares, que são vistas pelo senso comum como desatentas para com seus filhos, pois com frequência são feitas afirmações a respeito da desestruturação das relações familiares nas quais vivem os alunos das escolas públicas.

As questões sobre o envolvimento entre família e escola também têm despertado o interesse dos pesquisadores (BOST; VAUGHN; BOSTON; KAZURA; O’NEAL, 2004; FERREIRA; MARTURANO, 2002), principalmente no que se refere às implicações para o desenvolvimento social e cognitivo do aluno e suas relações com o sucesso escolar.

A família e a escola, de acordo com Polônia e Dassen (2005), emergem como duas instituições fundamentais para desencadear os processos evolutivos das pessoas, atuando como propulsores ou inibidoras do seu crescimento físico, intelectual e social. Não negamos essa importância, no entanto, ao envolver a família no processo educativo, surgem algumas dificuldades, sendo as principais: a necessidade de trabalho para o sustento familiar – destaque, principalmente, a escola em estudo, que se caracteriza por extrema pobreza – e o desinteresse pelas atividades desenvolvidas na escola dos filhos. Tentamos chamar os pais para a socialização das atividades, mas tivemos a presença somente de uma mãe no dia da apresentação.

Vários pesquisadores (ANTUNES, 2003; BOCK, 2003; FERREIRA; MARTURANO, 2002; MARQUES, 2002; SILVEIRA, 2003) têm discutido os diferentes mecanismos e estratégias de integração entre pais e escola, reconhecendo suas peculiaridades e apontando os pontos que favorecem e dificultam tal relação.

Concordamos com Polônia e Dassen (2005), quando afirmam que os pais devem participar ativamente da educação de seus filhos, tanto em casa quanto na escola; devem envolver-se nas tomadas de decisão e em atividades voluntárias, sejam esporádicas ou permanentes, dependendo de sua disponibilidade. Assim, cada escola, em conjunto com os pais, deve encontrar formas peculiares de relacionamento que sejam compatíveis com a realidade das famílias, professores, alunos e direção, a fim de tornar este espaço físico e psicológico um fator de crescimento e de real envolvimento entre todos os seguimentos.

Embora a participação da família não tenha sido efetiva, o uso de estratégias diferenciadas para trabalhar a temática “piolho” proporcionou, segundo as professoras do estudo, um aprender significativo. A utilização do método de Projetos como estratégia de aprendizagem, com temas geradores, de acordo com Freire (2002), proporciona um ambiente motivador e propício ao ensino. Não se pode esperar que haja conhecimento onde o aluno é convidado a “memorizar” os conteúdos “narrados” pelo professor. O professor precisa atuar como mediatizador do conhecimento, utilizando práticas problematizadoras, possibilitando que atos de cognoscentes se renovem constantemente (FREIRE, 2002).

Segundo Barbosa, Gontijo e Santos (2004), o método de projetos tem se destacado por possibilitar uma formação que busca integrar teoria e prática, pois possuem um tipo de organização e planejamento do tempo e dos conteúdos que envolvem uma situação-problema e têm como objetivo articular propósitos didáticos e sociais, ou seja, construir a aprendizagem juntamente com um produto final. Segundo Moço (2011), cada projeto pode ser considerado

uma estratégia de trabalho em equipe, a qual favorece a articulação entre os diferentes temas das áreas do conhecimento escolar, na solução de um dado problema focado na aprendizagem de conceitos, procedimentos e valores, durante o desenvolvimento das aulas.

Behrens e José (2001) defendem que a opção por um ensino baseado em projetos proporciona a possibilidade de uma aprendizagem pluralista e permite articulações diferenciadas de cada aluno envolvido no processo. Ao alicerçar projetos, o professor pode optar por um ensino com pesquisa, com uma abordagem de discussão coletiva crítica e reflexiva que oportunize aos alunos a convivência com a diversidade de opiniões, convertendo as atividades metodológicas em situações de aprendizagem ricas e significativas. Esse procedimento metodológico propicia o acesso a maneiras diferenciadas de aprender e, especialmente, de aprender a aprender.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após analisar os resultados do presente estudo envolvendo o ensino colaborativo, foi possível perceber que estratégias didáticas desenvolvidas conjuntamente têm potencial para melhorar a qualidade do ensino regular. Quanto às perspectivas de atuação em sala de aula, os resultados apontaram que é preciso difundir nos contextos escolares a contribuição do ensino colaborativo, garantindo que os momentos vivenciados entre as professoras/participantes do ensino básico, auxiliadas pelos acadêmicos, possam ser refletidos em práticas futuras.

Envolver professores atuantes e em formação fortalece o saber docente de ambos com a troca de informações e auxilia na resolução de problemas, favorecendo o processo de aprendizagem dos alunos. Entretanto, neste estudo ficou evidente a necessidade de um maior envolvimento dos demais professores, como o professor de informática, bem como a supervisão da escola e as famílias.

Também foi possível concluir que ensinar a partir de projetos torna o aprender mais motivante e significativo. A pediculose foi foco nesse estudo em virtude de ser um dos principais problemas de saúde enfrentados pelas professoras e alunos, mas a partir desse método pode ser abordada qualquer outra temática, desde que parta da realidade dos alunos.

A pediculose, tema do projeto desenvolvido na escola, é um problema social atual e as comunidades devem participar de atitudes preventivas e ações de controle da infestação. A escola precisa contar com a ajuda de seus docentes, discentes, pais e da comunidade para melhorar os índices de infestação, bem como esclarecer questões sobre este tema, o qual deve estar dentro do programa curricular proposto no início de cada ano letivo. Há muitas deficiências de trabalhos educativos na área de saúde pública, os quais devem ser estabelecidos por meio de informação objetiva e eficaz à população.

O método de projetos utilizado nesse estudo proporcionou um crescimento global do aluno, levando-o a novas descobertas e favorecendo a aprendizagem significativa. Como novas necessidades e demandas de saúde foram encontradas nesse estudo, novas propostas de trabalho devem ser articuladas por essas professoras. Dessa forma, a universidade irá permanecer por mais tempo nesse contexto escolar, no sentido de proporcionar maior segurança aos professores envolvidos, incentivar o desenvolvimento dos conteúdos a partir do método de projetos, bem como estimular outros professores a aderirem a essa proposta.

Torna-se fundamental ressaltar a importância da parceria entre a escola e a Estratégia da Saúde da Família⁶, já que estes profissionais possuem contato com o contexto familiar do aluno. Portanto, a partir deles pode haver a aproximação da família ao ambiente educacional, o que poderá contribuir para a eficácia do ensino sobre saúde na escola.

6 A Saúde da Família é entendida como uma estratégia de reorientação do modelo assistencial, operacionalizada mediante a implantação de equipes multiprofissionais em unidades básicas de saúde. Estas equipes são responsáveis pelo acompanhamento de um número definido de famílias, localizadas em uma área geográfica delimitada. As equipes atuam com ações de promoção da saúde, prevenção, recuperação, reabilitação de doenças e agravos mais frequentes, bem como na manutenção da saúde desta comunidade (PORTAL DA SAÚDE. Disponível em: <http://dab.saude.gov.br/portaldab/ape_esf.php>. Acesso em: 28 mai. 2015).

PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL
 KRUG, Marilda de Rosso ; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

APOIO

- Pró Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão da Universidade de Cruz Alta – UNICRUZ.
- E. E. E. M. Prof. Maria Bandarra Westphalen da cidade de Cruz Alta – RS.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Mitsuko Aparecida Maquino. Psicologia e educação no Brasil: um olhar histórico-crítico. In: MEIRA, Mariza Eugênio Mellilo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias e críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, p. 139-168.
- ARAÚJO, Ulisses. **Temas transversais e a estratégia de projetos**. São Paulo: Moderna, 2003.
- BARBOSA, Eduardo Fernandes; GONTUJO, Alberto de Figueiredo; SANTOS, Fernanda Fátima dos. O método de projetos na educação profissional: ampliando as possibilidades na formação de competências. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 40, p. 182-212, dez. 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEHRENS, Marilda Aparecida; JOSÉ, Eliane Mara Age. Aprendizagem por projetos e os contratos didáticos. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 2, n. 3, p. 77-96, jan./jun. 2001.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas; GAMBOA, Sílvio Ancézar Sanchez. A metodologia da problematização com o Arco de Maguerez: uma perspectiva teórica e epistemológica. **Filosofia e Educação (Online)**, v. 3, n. 2, out. 2011/ mar. 2012.
- BOCK, Ana M. Bahia. Psicologia e educação: cumplicidade ideológica. In: MEIRA, Mariza Eugênio Mellilo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino (Orgs.). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2003. p. 70-104.
- BOST, Kelly; VAUGHN, Brian; BOSTON, Ada; KAZURA, Kerry; O'NEAL, Colleen. Social support networks of African-American children attending a Head Start: a longitudinal investigation of structural and supportive network characteristics. **Social Development**, n. 13, p. 393-412, 2004.
- BRASIL. **Instituto Nacional Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP 2011, IDEB 2013. Pesquisa: "Escola Estadual Ensino Médio Profa. Maria Bandarra Westphalen, 4ª série / 5º ano, Cruz Alta - RS". Disponível em:** <<http://ideb.inep.gov.br/resultado/home.seam?cid=1161636>> Acesso em: 05 jun. 2014.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, MEC/SEF, 1996.
- _____. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Saúde. **Escolas Promotoras de Saúde. Política nacional de Promoção da saúde**. Brasília 2006. Disponível em: < http://www.prosaude.org/publicacoes/diversos/esc_prom_saude_Brasil.pdf>. Acesso em: 09 set. 2014.
- _____. Projeto Promoção da Saúde Secretaria de Políticas de Saúde/MS. A promoção da saúde no contexto escolar. **Revista de Saúde Pública**, v. 36, n. 2, p. 533-535, 2002.
- _____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais/Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FARMÁCIA TURCIFALENSE. **Piolhos e lêndeas**, 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=4znlCdojekw>>. Acesso em: 20 mar. 2014.
- FERREIRA, Marlene de Cássia Trivellato; MARTURANO, Edna Maria. Ambiente familiar e os problemas de comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 15, p. 35-44, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Instituto Paulo Freire/Programa De Educação Continuada. Inter-transdisciplinaridade e transversalidade. Projetos e Textos**. Disponível em: <http://www.inclusao.com.br/projeto_textos_48.htm>. Acesso em: 07 mai. 2014.
- GABANI, Flavia Lopes; MAEBARA, Clarice Martins Lima; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Pediculose nos centros de educação infantil: Conhecimentos e práticas dos trabalhadores. **Esc Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 14, n. 2, p. 309-317, abr./jun. 2010.
- HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Mont Serrat, Ventura. Os projetos de trabalho: uma forma de organizar os conhecimentos escolares. In: _____. **A organização do currículo por Projetos de Trabalho**. 5. Edição. Porto Alegre: Artmed, 1998.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimento.** São Paulo: Liber Livro, 2008.

KRUG, Marília de Rosso; MARTINS, Aline de Oliveira; NASCIMENTO, Bianca Bueno do; NASCIMENTO, Karine Bueno do; SOARES, Félix Alexandre Antunes. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde. In: ENCONTRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA: Compartilhar conhecimentos e práticas: um desafio para os educadores, XII, 2013, Santa Maria. **Anais**, Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2013.

KRUG, Marília de Rosso; NASCIMENTO, Bianca Bueno do; MARTINS, Aline de Oliveira; NASCIMENTO, Karine Bueno; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; PEREIRA, Adriano Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde: resultados preliminares. In: SOUZA, Cejane Baiocchi (Org.). **Temas contemporâneos em extensão das instituições de ensino superior comunitárias** - Extensão, direitos humanos e formação da cidadania. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014. p. 119-132.

LIMA, Artemilson Alves de. **O uso do vídeo como instrumento didático e educativo em sala de aula.** Um estudo de caso do CEFET-RN, 2001. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

MAGALHÃES, Maria Cecília Camargo. O professor de línguas como pesquisador de sua ação: a pesquisa colaborativa. In: GIMENEZ, Telma. **Trajetórias na formação de professores de línguas.** Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2002. p. 39-55.

MANO, Sônia Maria Figueira; GOUVEIA, Fábio Castro. Catapiolho. Jogo infantil sobre pediculose. Museu da Vida, Mendes EG. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para inclusão escolar. In: MENDES, Enicéia Gonsalves; ALMEIDA, Maria Amélia; HAYASHI, Maria Cristina Picenbatolnnocteni. (Orgs.). **Temas em Educação Especial: conhecimentos para fundamentar a prática.** Araraquara: Junqueira & Marin Editores, 2008. p. 92-122.

MARQUES, Ramiro. **O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países, 2002.** Disponível em: < <http://www.eses.pt/usr/ramiro/Texto.htm>>. Acesso em: 16 mar. 2014.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Melillo. **Psicologia escolar: teorias críticas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MENDES, Enicéia Gonsalves. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, Eduardo José (Org.). **Inclusão e acessibilidade.** Marília: ABPEE, 2006. p. 29-41.

MOÇO, Anderson. Tudo o que você sempre quis saber sobre projetos. **Nova Escola**, São Paulo, n. 241, abr. 2011.

MOURA, Dácio Guimarães; BARBOSA, Eduardo Freitas. **Trabalhando com projetos** – planejamento e gestão de projetos educacionais. Petrópolis: Vozes, 2006.

NEGRETE Aquiles. Science via fictional narratives: communicating science through literary forms. **Ludus Vitalis**, v. 18, p. 197-204, 2002.

OLIVEIRA, Ana Larissa Adorno Marciotto. Pesquisa-ação colaborativa e a prática docente localmente situada: dois estudos em perspectiva. **Revista Unisinos Calidoscópico**, São Leopoldo, v. 10, n. 1, p.58-64, jan./abr. 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.101.06>> Acesso em: 20 fev. 2014.

PIMENTA, Selma Garrido; GARRIDO, Elza; MOURA, Manoel Orosvaldo. Pesquisa Colaborativa na Escola Facilitando o desenvolvimento profissional de Professores. **24ª Reunião Anual da ANPEd**, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001.

POLONIA, Ana da Costa; DASSEM, Maria Auxiliadora. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola: relações família escola. **Psicologia Escolar Educacional**, v. 9, n. 2, p. 303-312, 2005.

REIS, Márcia Santos Anjos. A revista em quadrinhos como recurso didático no ensino de ciências. **Ensino em Re-vista**, v. 9, n. 1, p. 105-114, jun./jul. 2000/2001.

SCHÜNEMANN, Haller Elimar Stach; DUARTE, Enios Carlos; CARNEIRO, Maria Carolina. Família e escola pública: contribuições familiares para o êxito escolar. **Revista Educação em questão**, Natal, v. 44, n. 30, p. 62-87, set./dez. 2012

SILVEIRA, Luiza Maria de O. Braga. A família a escola e a (pós)modernidade: GUARESCHI, Pedrinho A.; PIZZINATO, Adolfo; KRÜGIER, Liara Lopes; MACEDO, Mônica Medeiros Kotter (Orgs.). **Psicologia em questão: reflexões sobre a contemporaneidade.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p. 123-132.

TALENTO, Palhaço. **Piolho.** Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=IBh4SKt2-ZI>>. Acesso em: 20 mar. 2014

VASCONCELOS, Flávia Cristina Gomes Catunda de; LEITE, Bruno Silva; ARAÚJO, Rodrigo Venício Gonsalves de; LEÃO, Marcelo Brito Carneiro. O podcasting como uma ferramenta para o ensino-aprendizagem das reações químicas. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE INFORMÁTICA EDUCATIVA, 2008, Caracas. **Anais Eletrônicos**, Caracas, 2008. Disponível em: <http://www.niee.ufrgs.br/eventos/RIBIE/2008/pdf/podcasting_erramienta.pdf> Acesso em: 01 mai. 2014.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ZEICHNER, Kenneth M. **A formação reflexiva de professores: ideias e práticas.** Lisboa: EDUCA, 1993.



PROJETOS TEMÁTICOS COMO ALTERNATIVA PARA A PROMOÇÃO DA SAÚDE NO ENSINO FUNDAMENTAL

KRUG, Marília de Rosso ; MARTINS, Aline de Oliveira; PEDROSO, Rui Guilherme Fernandes; SOARES, Félix Alexandre Antunes.

Artigo recebido em:
18/11/2014

Aceito para publicação em:
29/06/2015

2.4 ARTIGO 4

PROJETOS DE APRENDIZAGEM: PERCEPÇÕES DE PROFESSORES E ALUNOS QUANTO SUA EFICÁCIA COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO

Work projects: perceptions of teachers and students as effective as your education strategy

Marilia de Rosso Krug; Phillip Vila Nova Ilha; Félix Alexandre Antunes Soares

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar o processo de desenvolvimento e aplicação de um projeto de trabalho, tendo a promoção da saúde como eixo articulador, assim como a percepção de professores e alunos sobre sua eficácia como estratégia de ensino. Para contemplar os objetivos citados foi realizado um estudo, por meio da pesquisa-ação colaborativa. Os sujeitos do estudo foram 10 professores e 12 alunos do ensino médio de uma escola da rede estadual de ensino de um município do interior do Rio Grande do Sul e dois universitários do curso de Educação Física. Para o desenvolvimento do projeto foram realizados encontros semanais de duas horas, durante um ano letivo. O projeto de trabalho foi desenvolvido em cinco etapas: definição da situação geradora; problematização e objetivos; atividades/tarefas; socialização dos resultados e avaliação. Os dados foram produzidos a partir das observações durante a experiência e do conteúdo dos relatórios de pesquisa e questionários, sendo agrupados em dois eixos: relato da experiência no contexto local; e, as percepções dos sujeitos envolvidos quanto à eficácia dos projetos de aprendizagem como metodologia de ensino. Os resultados apontaram para: o aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, o crescimento profissional, a motivação e a reflexão sobre a prática pedagógica, para os professores; o melhor entendimento do assunto, a motivação para o aprender, uma maior valorização da escola e a importância do trabalho em equipe, para os alunos; a busca por aprendizagens novas, a melhora do seu desempenho profissional; e, o aprender a trabalhar em equipe, para os universitários pesquisadores. Pode-se concluir que o projeto de trabalho se constituiu como uma estratégia efetiva para todos os envolvidos apontando para a sua eficácia enquanto estratégia metodológica de ensino.

Palavras-chave: Projeto de trabalho. Professores. Ensino Médio.

Abstract

This study aims to analyze the development and implementation of a work project, and the promotion of health as a pivotal point, as well as the perception of teachers and students about its effectiveness as a teaching strategy. To address the above goals we conducted a case study, through collaborative action research. The study subjects were 10 teachers and 12 high school students from a state school education of a city in the interior of Rio Grande do Sul and two university students from the Physical Education course. To develop the project weekly meetings were held two hours during a semester, and the same developed in five distinct steps: definition of the generating situation; questioning and objectives; activities/tasks; socialization of results and evaluation. The data was produced from observations during the experiment and content of research reports and questionnaires, being grouped into two areas: reporting experience in the local context; and the perceptions of those

involved as its contribution as a teaching methodology. The results showed: learning to work in an interdisciplinary way, professional growth, motivation and reflection on the pedagogical practice for teachers; a better understanding of the subject, the motivation to learn, a greater appreciation of the school and the importance of teamwork for students; the search for new learning, the improvement of their professional performance; and learning to work in teams, to academic researchers. Despite some difficulties in the implementation of this proposal, it can be concluded that the design work was constituted as a significant strategy for everyone involved in the proposal, pointing to its effectiveness as a teaching methodology.

Keywords: Project work. Teachers. High school.

Problematização/situação geradora

Essa investigação acompanhou, ao longo de um ano letivo, a prática pedagógica de um projeto de trabalho em uma classe de 2º ano do ensino médio. No ano de 2013, desenvolvemos uma proposta semelhante nos anos iniciais do ensino fundamental, “Projetos temáticos como alternativa para a promoção da saúde no ensino fundamental” (artigo três da presente tese), fundamentados na metodologia de projetos de aprendizagem o que resultou, na percepção dos professores envolvidos, para uma melhora na qualidade do ensino. Os professores também apontaram para a importância de se difundir na escola as contribuições de intervenções colaborativas a partir da extensão universitária.

Em 2014, já inseridos na escola, passamos a vivenciar as dificuldades que os professores enfrentavam para o processo de implementação da nova proposta pedagógica para o ensino médio, designada pelo governo do Rio Grande do Sul/RS, através da Secretaria de Educação como “Proposta pedagógica para o ensino médio politécnico e educação profissional integrada ao ensino médio - 2011-2014”. A referida proposta tem como objetivo que o Ensino Médio não se torne apenas mera continuação do Ensino Fundamental e principalmente que o aluno tenha conhecimento interdisciplinar para o trabalho. O professor tem como papel acompanhar o aluno no desenvolvimento de seu projeto, contemplando o mundo do trabalho e as práticas sociais que o instigará a pesquisa associada a um olhar crítico dentro da perspectiva interdisciplinar e com a articulação de várias áreas do conhecimento (RS, 2011).

Ao refletirmos sobre um projeto com características interdisciplinares e que contemplasse os objetivos da proposta citada anteriormente, pensamos sobre a possibilidade de obter sucesso com um plano de atividades, cuja centralidade estivesse em uma disciplina que abrangesse a docência conjunta das demais disciplinas. Assim nosso foco voltou-se para o Seminário Integrado que tem como propósito realizar a articulação das várias áreas do conhecimento (RS, 2011).

Nessa perspectiva, optamos pelos projetos de aprendizagem, pois os mesmos permitem uma aproximação da identidade e das experiências dos alunos e um vínculo dos conteúdos escolares entre si e com os conhecimentos e saberes produzidos no contexto social e cultural, assim como com problemas que dele emergem (MOURA; BARBOSA, 2013). Optamos por essa estratégia metodológica considerando que o trabalho por meio dos projetos tem se mostrado um dos caminhos mais promissores para a organização do conhecimento escolar, desde que organizado a partir de problemas que emergem das necessidades dos alunos.

Os projetos de aprendizagem são desenvolvidos por alunos em uma ou mais disciplinas ou conteúdos curriculares, sob a orientação do professor e implicam o desenvolvimento de atividades práticas, de estratégias de pesquisa, de busca e uso de diferentes fontes de informação, de sua ordenação, análise, interpretação e representação. Implicam igualmente atividades individuais, de grupos/equipes e de turma(s), da escola, tendo em vista os diferentes conteúdos trabalhados (atitudinais, procedimentos, conceituais), as necessidades e interesses dos alunos. São considerados uma metodologia de trabalho pedagógico que valoriza a participação do educando e do educador no processo ensino/aprendizagem (MOURA; BARBOSA, 2013).

Considerando, principalmente, a dificuldade “falta de tempo” salientada pelos professores da escola para participarem de cursos de formação (KRUG, et al., 2015), levamos para a escola a pesquisa-ação numa perspectiva de colaboração, ou seja, pesquisadores e professores atuando juntos na sala de aula. Simão *et al.* (2009) também compactuam da ideia de trabalhar com práticas colaborativas nas escolas. Segundo os referidos autores, o desempenho mais individualista do professor, típico do ensino disciplinar contrapõe-se a necessidade do trabalho em equipe.

Segundo Damiani (2008) o trabalho colaborativo entre professores apresenta potencial para enriquecer sua maneira de pensar, agir e resolver problemas, criando possibilidades de sucesso à difícil tarefa pedagógica. Na colaboração, todos os integrantes do grupo trabalham juntos e se apoiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo. Ou seja, as relações tendem à não-hierarquização, a liderança é compartilhada, a confiança é mútua e deve ocorrer a co-responsabilidade pela condução das ações (COSTA; LINS, 2010). Zanata (2004) reforça que o trabalho colaborativo entre docentes constitui-se em excelente espaço de aprendizagem, permitindo a identificação de suas forças, fraquezas, dúvidas, necessidades de reconstrução, a socialização de conhecimentos, a formação de identidade grupal e a transformação de suas práticas pedagógicas, evidenciando a importância dessa forma de trabalho.

Partindo deste contexto, e das dificuldades evidenciadas pelos professores de uma escola estadual em articular projetos interdisciplinares (MARTINS, KRUG, SOARES, 2014; KRUG, *et al.*, 2015), justifica-se essa proposta que pretende analisar o processo de desenvolvimento e aplicação de um projeto de trabalho, tendo a promoção da saúde como eixo articulador, assim como a percepção de professores, alunos e universitários sobre sua eficácia como estratégia metodológica de ensino.

Procedimentos metodológicos

Este estudo caracterizou-se como uma pesquisa-ação colaborativa. Nesse tipo de pesquisa, segundo Pimenta et al. (2001), todos os integrantes do grupo trabalham juntos e se apoiam mutuamente, visando atingir objetivos comuns negociados pelo coletivo do grupo. Ou seja, as relações tendem à não-hierarquização, a liderança é compartilhada, a confiança é mútua e deve ocorrer a co-responsabilidade pela condução das ações (COSTA; LINS, 2010). A pesquisa colaborativa tem por objetivo criar, nas escolas, uma cultura de análise das práticas que realiza, a fim de possibilitar que os seus professores, auxiliados pelos professores da universidade, transformem suas práticas vigentes (PIMENTA *et al.*, 2001).

A colaboração, no presente estudo, ocorreu entre a equipe do projeto de extensão, “Construindo um futuro saudável por meio da promoção a saúde⁴” - ProSaúde, da Universidade de Cruz Alta-RS - UNICRUZ, que se constituiu por um professor pesquisador e dois universitários do curso de Educação Física (bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Extensão e do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica); 10 professores e todos (12) os alunos de uma turma de 2º ano do Ensino Médio de uma escola estadual, também, da cidade de Cruz Alta. A escolha desta escola deu-se em função de os pesquisadores já estarem inseridos na mesma e já terem realizado um estudo que evidenciou a vontade dos professores para a realização de ações que os qualificassem para um ensino interdisciplinar (KRUG et al, 2015).

A experiência foi realizada durante um ano letivo (março a novembro) do ano de 2014. As intervenções ocorreram uma vez por semana, durante os períodos de aula do Seminário Integrado (SI). Os pesquisadores juntamente com o professor coordenador do SI, conduziram o projeto num processo de corresponsabilidade, diminuindo as distinções de papéis existentes entre os envolvidos. Dessa forma, os mesmos organizaram as atividades que foram realizadas, sendo os mediadores dos conhecimentos vivenciados pelos alunos que foram colocados como sujeitos participativos.

O projeto foi desenvolvido considerando os quatro pilares fundamentais propostos por Moura e Barbosa (2013): a liberdade de escolha do tema, a formação de grupos, a visão de um laboratório aberto e a socialização dos resultados. Nesta perspectiva, os alunos foram envolvidos no problema, eles investigaram, registraram dados, formularam hipóteses, tomaram decisões, resolverem o problema, tornando-se sujeito de seu próprio conhecimento. O professor deixou de ser o único responsável pela aprendizagem e tornou-se um pesquisador, o orientador do interesse de seus alunos. Levantou questões e tornou-se um parceiro na procura de soluções dos problemas, gerenciou todo o processo de desenvolvimento do projeto, coordenou os conhecimentos específicos de sua área de formação com as necessidades dos alunos de construir conhecimentos específicos. Na presente proposta, esse papel foi compartilhado entre o professor e os pesquisadores envolvidos no projeto

Dessa forma, e considerando os pressupostos orientadores da metodologia de projetos de aprendizagem proposta pelos autores referidos anteriormente, organizamos o desenvolvimento do projeto em cinco etapas, pois acrescentamos a avaliação nas diretrizes propostas por Moura e Barbosa (2013), dessa forma as mesmas ficaram assim definidas: a) situação geradora; b) problematização e objetivos; c) atividades/tarefas; d) socialização dos resultados; e, e) avaliação.

Situação Geradora

A definição do eixo articulador do projeto de aprendizagem, “Prevenção e Promoção da Saúde”, surgiu de vários pressupostos, como: ser tema de pesquisa dos universitários; estar dentro dos eixos temáticos transversais, sugeridos na proposta pedagógica do Rio Grande do Sul 2011-2014, para o ensino politécnico integrado ao ensino médio e; pelo contexto da comunidade na qual a escola está inserida, com carência de recursos estruturais básicos como esgoto e moradia, pessoas de baixo poder aquisitivo, ficando a prevenção e promoção da

⁴Projeto de Extensão financiado pelo Programa Institucional de Bolsa de Extensão da Universidade de Cruz, Alta. – PIBEX/UNICRUZ, 2013 – 2016.

saúde, normalmente, para segundo plano. Também partimos do princípio de que o período escolar é fundamental para se trabalhar saúde na perspectiva de sua promoção, desenvolvendo ações para a prevenção de doenças e para o fortalecimento dos fatores de proteção.

Partindo do eixo articulador, os alunos foram instigados a definirem o tema norteador, tendo como ponto de partida suas curiosidades, dúvidas, desejos e vontade. Nessa etapa realizamos um encontro com os atores do processo (professores, alunos e universitários), onde refletiu-se sobre os principais problemas de saúde que afetam a população mundial, enfocando resultados de pesquisas e solicitando que se manifestassem sobre o que sabiam a respeito da temática abordada. Na sequência foi evidenciado o conceito ampliado de saúde, proposto pela Organização Pan-Americana da Saúde (BRASIL, 2007) e suas várias possibilidades de estudo. Ao final das reflexões os alunos foram instigados a escolherem o tema que eles tinham interesse em estudar. Entre os temas que surgiram, aids, câncer e diabetes, foi elencado, pela maioria dos alunos, “câncer” como tema norteador.

Problematização e objetivos

Nessa segunda etapa, os alunos expressaram suas ideias, crenças, conhecimentos e questões sobre o tema escolhido. Após discussões e reflexões solicitou-se aos mesmos que falassem sobre as suas dúvidas em relação ao assunto para definição das questões norteadoras, que ficaram assim configuradas: o câncer tem cura? Quais são os principais tipos de câncer que afetam a comunidade da cidade onde moro? O câncer é hereditário? Quais são os principais sintomas do câncer? Quais são os tipos de câncer mais comum entre homens e mulheres? Qual e como é o tratamento do câncer? As pessoas podem nascer com câncer ou ele se desenvolve somente depois? O câncer pode passar da mãe para o filho durante a gestação?

Com esta atividade, buscamos trazer à luz os conhecimentos prévios dos alunos (certezas) e as lacunas que eles mesmos detectaram em seus conhecimentos (dúvidas). A partir das questões problematizadoras, foram definidos os objetivos do projeto, sendo eles: conhecer o que é câncer e seus principais sintomas; identificar os tipos de câncer mais comum entre os moradores do bairro onde a escola estava inserida; entender suas características, como os principais genes envolvidos nos tipos de câncer hereditário; destacar a relação entre o diagnóstico precoce e um melhor prognóstico para a doença; conhecer os principais tratamentos e suas consequências para quem o faz e para seus familiares; e analisar as possibilidades de diagnóstico e prevenção.

Atividades/tarefas.

Após o grupo ter construído o suporte lógico que contemplou o que já sabiam e o que queriam compreender melhor, passamos a planejar as estratégias e os instrumentos a serem utilizados para a busca das informações. Com relação a este aspecto partimos das recomendações de Moura e Barbosa (2013) que sugerem a utilização de múltiplos recursos no desenvolvimento dos projetos incluindo aqueles que os próprios alunos podem providenciar junto a outras fontes, como a comunidade em geral. Dessa forma, as atividades/tarefas foram assim sistematizadas: a) pesquisa na internet, sendo o principal site de busca o do Instituto Nacional do Câncer (INCA); b) entrevistas com a equipe da Estratégia de Saúde da Família - ESF do bairro onde a escola estava inserida; c) palestra com as integrantes da Liga Feminina de Combate ao Câncer; d) seminários realizados pelos alunos, em pequenos grupos, a partir

das pesquisas realizadas na internet e entrevistas; e) aulas com os professores das disciplinas abordando conteúdos relacionados ao tema.

Com relação a última atividade, tivemos a contribuição de várias disciplinas, que desenvolveram durante o projeto conteúdos relacionados ao tema, tais como: produção textual sobre os tipos de câncer (Língua Portuguesa); termos científicos da área em estudo e vocabulário de alimentos (Língua Inglesa); exploração das possibilidades terapêuticas da música durante o tratamento dos pacientes e restabelecimento da harmonia do ambiente (Artes/Música); produção de alimentos, espaço e qualidade de vida, índices de incidência de câncer na população e tratamento com fitoterápicos (Geografia); incidência de câncer no negro - resgate da colonização, doenças, contextualização do desenvolvimento da humanidade: doenças comuns e prevenção (História); quimioterapia e radioterapia (Física); reconhecimento dos diferentes tipos de soluções e suas aplicações no cotidiano, prevenção de doenças em relação ao meio ambiente e medicamentos (Química); código genético, erros na molécula, doenças causadas pela alimentação e o ambiente (Biologia); frequência absoluta e relativa, porcentagens, análise e comparação de dados (Matemática).

Socialização dos resultados.

A socialização dos resultados, do projeto de trabalho, ocorreu em diversos níveis de comunicação, ou seja, na sala de aula, na escola e na comunidade.

Socialização com a sala de aula - Criação de um grupo no facebook, denominado pelos alunos por “ProSaúde”. A criação desse grupo teve como objetivo principal a comunicação entre os atores do processo bem como o registro das tarefas/ações que eram desenvolvidas pelo grupo. Realização de seminários a partir das informações pesquisadas na internet, palestras e entrevistas. Para a sistematização das informações obtidas a partir dos instrumentos utilizados pelos alunos, optamos por dividir a turma em grupos menores, considerando, principalmente que o trabalho com um único tema, sendo realizado por um grupo muito grande facilita a dispersão. Assim do tema câncer foram definidos três estudos/subprojetos: “Câncer: conceito, características e sintomas”; “Câncer: diagnóstico e prevenção”; e, “Câncer: tratamento e seus efeitos”. Os temas eram apresentados, discutidos e refletidos e ao final foram elaborados resumos simples para serem encaminhados para apresentação e publicação em anais de eventos científicos.

Socialização com a escola e comunidade – Programamos a culminância do projeto com apresentações dos trabalhos de pesquisa, inicialmente, para a comunidade escolar, em um evento denominado “I Semana de Promoção da Saúde: Câncer alerta de prevenção” e após em um evento científico (XIX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão), promovido pela Universidade de Cruz Alta. Os alunos, também, participaram de um programa de televisão, “Ciência e Saúde”, promovido pela universidade, parceira do projeto, que foi ao ar diariamente durante dois meses. A matéria produzida pelo grupo abordava principalmente os objetivos do projeto e as ações que estavam sendo desenvolvidas na escola e com a comunidade.

A proposta da I semana de promoção da saúde teve como principal objetivo tornar público os resultados dos trabalhos, assim como realizar algumas intervenções de saúde com a comunidade escolar. A mesma foi pensada e organizada pela equipe do projeto tendo toda a colaboração da escola. Também buscou-se parceria junto a outras instituições, tais como: Programa de Educação Tutorial – PET Saúde e os cursos de Educação Física e Enfermagem

da universidade parceira do projeto; Estratégia de Saúde da Família – ESF do bairro da escola; Liga Feminina de Combate ao Câncer; Cozinha Solidária (prefeitura municipal), ainda, contamos com o apoio de duas grandes empresas que se localizam no mesmo bairro da escola como patrocinadoras. Para a divulgação do referido evento os alunos elaboraram um folder que foi distribuído para a comunidade, durante uma caminhada pelo bairro.

Para socializar os resultados, fora do âmbito escolar, os alunos participaram do XIX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão: Ciência e Sustentabilidade, promovido pela UNICRUZ. Nesse evento os alunos apresentaram, na forma de Pôster, os três resumos elaborados a partir dos seminários em sala de aula.

Além dos conhecimentos específicos relacionados com o tema dos projetos os alunos, ainda, tiveram a oportunidade de aprender a utilizar os recursos tecnológicos como o computador e datashow. Os mesmos realizaram apresentações de trabalhos com o uso do PowerPoint, elaboraram banners, panfletos e organizaram banco de dados a partir da planilha do Excel. Para a definição dessas atividades partimos dos pressupostos de Moura, Barbosa e Moreira (2010), para esses autores o cidadão deste século necessita saber pensar e refletir sobre tudo o que chega até ele através das novas tecnologias de informação e comunicação, saber pesquisar e selecionar as informações para, a partir delas e da própria experiência, construir o conhecimento.

Avaliação

Para Moran, Masetto, Behrens (2001) a fase de avaliação coletiva do projeto contempla os momentos de reflexão sobre a participação dos alunos e do professor no processo. Enfim, o orientador do projeto deve estar atento aos avanços/dificuldades dos alunos em cada etapa do trabalho e a partir das observações deve promover discussões com o grupo de forma a replanejar as ações. A auto avaliação do aluno, a avaliação do professor e do grupo são essenciais para promover a eficácia do projeto. Nesse sentido as atividades/ações eram sempre planejadas, executadas e avaliadas por todo o grupo do projeto.

Para obtenção das informações sobre o desenvolvimento do projeto e as percepções dos sujeitos envolvidos, utilizou-se o diário de campo, relatórios de pesquisa, observação participante e questionários. No diário de campo foram registrados os momentos observados, com uma descrição dos sujeitos, espaços, acontecimentos e conversas, bem como as reflexões e ideias dos participantes da pesquisa. Os registros foram realizados em forma de descrição real, ou seja, grafados da maneira como foram ouvidos e observados e da mesma forma como nossos participantes os expuseram. As observações participantes deram-se pelo registro e interpretações do pesquisador sobre os observados, suas ideias, reflexões e conversas; Os questionários foram realizados para identificar a contribuição do projeto para: a prática pedagógica, visão dos professores; na aprendizagem, percepções dos alunos e para a formação profissional, na percepção dos universitários, bolsistas do projeto. Sendo assim, foram realizados três questionários distintos compostos de perguntas abertas e fechadas.

A interpretação das informações foi realizada através da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Cruz Alta – CEP/UNICRUZ (CAEE: 03510912.1.0000.5322).

Resultados e discussões

O processo de aplicação do projeto de trabalho

A partir das informações registradas no diário de campo foi possível perceber que a problematização deu-se por questões que estavam presentes no cotidiano dos alunos e instigavam sua curiosidade. Ou seja, o tema “câncer” se constituía numa das doenças mais frequente entre os familiares dos alunos o que justifica o interesse pela temática escolhida. De acordo com Miranda (2008) frequentemente o sentido de novidade, de adentrar-se nas informações e problemas que normalmente não se encontram nos programas escolares, mas que o aluno conhece através dos meios de comunicação ou por estar vivenciando no seu dia a dia, conduz a uma busca em comum da informação, abrindo múltiplas possibilidades de aprendizagem, tanto para os alunos como para os professores.

Moura, Barbosa e Moreira (2010) comentam resultados de pesquisa sobre condições de engajamento de estudantes na realização de projetos. Segundo os referidos autores estudos de caso com estudantes de Iniciação Científica Jr. mostram uma importante relação entre a escolha do tema e nível de engajamento. Assim ao definir pela temática, deve-se estar atento para que a mesma seja: autêntica, real; relevante e significativa para cada um dos participantes; possível de ser investigada; admitir vários caminhos de resolução; refletir vários ramos do saber, e; ser suscetível de ser formulada através de um conjunto de questões (MENDES, 2008). Fagundes (2002) também salienta a importância das questões norteadoras serem formuladas pelos alunos. Segundo o referido autor: “é a partir do seu conhecimento prévio, que o aprendiz vai se movimentar, interagir com o desconhecido ou com novas situações” (p. 16).

Averiguou-se ainda, que os objetivos do projeto foram embasados no que os alunos gostariam de aprender. A respeito disso, Prado (2003) salienta que o projeto de aprendizagem deve permitir que o aluno aprenda-fazendo e reconheça a própria autoria naquilo que produz por meio de questões de investigações ou questões problemas, que lhes impulsionem a contextualizar conceitos já conhecidos e a descobrir outros que emergem durante o desenvolvimento do projeto.

Em relação às atividades/tarefas propostas, notou-se que os alunos tiveram, inicialmente, dificuldade em selecionar as informações na internet. Matos (2009) em uma investigação sobre metodologia de projetos, também evidenciou dificuldades dos mesmos para selecionar as informações a partir dessa ferramenta. Segundo o referido autor um dado importante nesta etapa é a intervenção do professor, que traz maior riqueza às discussões e o seu confronto favorece o exercício da autonomia e da responsabilidade no educando, pois dele depende sua própria aprendizagem. Moran (2001) reforça que a aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Nas demais atividades, principalmente nas que os alunos mudavam de ambiente, ou seja, saíam da escola, como por exemplo a entrevista com a equipe da ESF, observou-se grande interesse e motivação. Os alunos ficaram, por aproximadamente, duas horas fazendo perguntas para a médica e enfermeiro da ESF e não se limitaram as perguntas previamente elaboradas, demonstrando autonomia na condução da atividade. Evidenciaram muito interesse, também, durante a palestra com as integrantes da Liga Feminina de Combate ao Câncer. A

sugestão de trazermos as representantes da liga para conversar com a turma surgiu de um dos alunos que tinha passado por esse problema em sua família e encontraram na liga um apoio de extrema relevância em todos os sentidos (psicológico e financeiro). Matos (2009), em um estudo semelhante, também, percebeu o desenvolvimento da autonomia nos alunos à medida que pesquisavam em fontes diversas, bem como o interesse em buscar respostas aos questionamentos, sem a solicitação do professor.

Na etapa de socialização dos resultados observou-se grande motivação dos alunos na participação e apresentação dos trabalhos no XIX Seminário Interinstitucional de Ensino, Pesquisa e Extensão da UNICRUZ. Motivação essa não só entre os alunos, mas também entre os professores e dirigentes da escola que deu todo o apoio para inscrição e transporte até o local do evento. Em relação à elaboração dos trabalhos observou-se que havia grupos mais integrados e alunos que estavam em níveis diferentes em relação às habilidades de pesquisa e sistematização das ideias para a elaboração dos resumos. Entretanto, ao longo do trabalho os alunos adquiriam confiança e passaram a atuar mais efetivamente na elaboração dos mesmos. Sendo poucos os que apresentaram resistência ao envolvimento nessa ação. À medida que os alunos iam desenvolvendo seus trabalhos, assumindo responsabilidades, interagindo com os colegas para confrontar e melhorar suas produções, a classe se tornava mais cooperativa, logo percebíamos o envolvimento deles como co-autores de suas aprendizagens.

Importante ressaltar que elaboração de trabalhos para apresentação em eventos científicos não se constitui no cotidiano dos professores. Entretanto essa prática pode e deve mudar. Moura, Barbosa e Moreira (2010) enfocam no estudo “Aluno pesquisador” as tendências de incentivo ao desenvolvimento de projetos de pesquisa por parte dos alunos no contexto escolar. Segundo os autores a formação do aluno pesquisador se apoiam, em geral, numa crítica que se tem feito à escola tradicional que é a de estar se limitando a formar alunos para dominar determinados conteúdos e não alunos que saibam pensar, refletir, propor soluções para problemas e questões atuais, trabalhar e cooperar uns com os outros.

Durante as apresentações dos trabalhos no seminário da UNICRUZ notou-se que os alunos ficaram tensos, mas ao mesmo tempo, sentiam-se visivelmente entusiasmados com seu tema e com o que aprenderam, eles relataram as dificuldades e os avanços no desenrolar do projeto, apontando o que precisava melhorar para o próximo. Fonseca, Moura e Ventura (2004) também observaram sentimentos de tensão e entusiasmo dos alunos ao apresentarem seus projetos para a comunidade.

Na socialização dos resultados com a comunidade, ocorrida durante a “I Semana de Promoção da Saúde: Câncer alerta de prevenção”, teve a participação de, aproximadamente, 200 pessoas que, além de assistirem as apresentações dos alunos e a palestra da Liga Feminina de Combate ao Câncer, sobre a temática estudada, realizaram diversas avaliações tais como: glicemia de jejum, estado nutricional, pressão arterial, autoexame de mama, perfil de estilo de vida, anamnese e exame físico. O referido evento ocorreu durante dois dias em diferentes turnos (manhã e tarde), para assim abranger um maior número de pessoas da comunidade. Os alunos do projeto sentiram-se importantes e demonstraram muito entusiasmo como protagonistas do evento.

As contribuições do projeto

Para os professores

Ao analisarmos as respostas dos professores observamos que o projeto contribuiu tanto para a sua prática pedagógica quanto para seu crescimento profissional, conforme extratos do questionário:

Para mim, foi e está sendo um trabalho maravilhoso e enriquecedor, porque desenvolvi juntamente com as demais professoras a interdisciplinaridade, incentivando-as a desenvolverem em seus conteúdos os temas propostos no projeto (Professor A). Com certeza, fez com que eu crescesse muito profissionalmente (Professor B). Me motivou muito (C).

A interdisciplinaridade da qual o professor se refere pode ser compreendida como uma forma de trabalhar em sala de aula, no qual se propõe um tema com abordagens em diferentes disciplinas (PRADO, 2003). É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensar fragmentado. Para isso se concretizar é fundamental, de acordo com Fazenda (2002), o papel de um interlocutor que vá ajudando a pessoa a se perceber, que vá ampliando as possibilidades de leitura de sua prática docente e da prática docente de outros colegas. O que em nosso estudo foi mediado pelos pesquisadores.

Outro resultado importante, obtido a partir das observações, foi a motivação do professor em refletir sobre sua prática pedagógica e essa motivação teve relação direta com o comportamento dos alunos frente às atividades que estavam sendo desenvolvidas, ou seja, a motivação, o interesse e a dedicação dos alunos, pelas atividades propostas despertaram no professor a necessidade e importância de refletir sobre sua prática pedagógica. Esses resultados vão ao encontro de pesquisas realizadas no Brasil (FONTES, 2009; CAPELLINI, 2004; ZANATA, 2004) que apontam para o trabalho colaborativo como importante estratégia para levar os professores a refletirem sobre as suas práticas, aprendendo novas formas de enfrentar as dificuldades e tornando-se mais autoconfiantes. Além disso, segundo Matos (2009) a metodologia de projetos rompe com o tradicionalismo do ensino, apontando para um professor mais reflexivo, com uma postura pedagógica que reflete uma concepção de conhecimento como produção coletiva.

Para os alunos

As contribuições para os alunos participantes do estudo foram avaliadas a partir da percepção dos professores, dos universitários e dos próprios alunos.

De acordo com os professores as diferentes atividades/tarefas propostas no projeto proporcionaram aos alunos, entre outras atitudes, muita motivação na busca do conhecimento. Sendo esta atitude também apontada pelos universitários bolsistas do projeto.

O projeto proporcionou muita motivação (professor C) interesse, atuação, integração e responsabilidade dos alunos (Professor B). Com esse método de ensino os alunos demonstraram muito interesse e motivação (Universitário A).

A motivação dos alunos para a aprendizagem tem sido o centro das atenções no processo educacional, nos últimos anos, uma vez que este reconhece que a aprendizagem é

um processo pessoal, reflexivo e sistemático que depende do despertar das potencialidades do educando, de maneira sozinha ou com a ajuda do educador. Corroborando Tapia e Fita (2006) acrescentam que cabe ao professor criar contextos significativos que afetem a motivação e a aprendizagem e foi esse contexto proporcionado pelo projeto que provavelmente tenha estimulado não só a motivação, como também os demais atributos evidenciados pelos alunos.

Outro aspecto observado, pelos universitários, com o decorrer dos encontros foi a maior participação e autonomia dos alunos na realização das ações, conforme podemos observar pelo relato de um dos universitários:

O modo de trabalhar com projetos foi muito significativo uma vez que os alunos tornaram-se sujeitos do processo, percebeu-se também que quando os alunos tornaram-se ativos na construção de seu conhecimento ficaram mais independentes e muito mais participativos nas atividades (Universitário A).

Percebe-se nos relatos o poder de observação empreendido pelos universitários bolsistas sobre o comportamento dos alunos, que se mostraram interessados no tema, com vontade de aprender, receptivos, participativos. E isso denota a ação do professor como mediador/orientador do trabalho, promovendo essa motivação e a vontade incessante de aprender dos alunos, possibilitando um ensino para a vida concreta, e com isso exercita sua própria sede de conhecimentos e constrói sua experiência docente, seu desenvolvimento profissional (ALARCÃO, 2003).

Quando questionamos os alunos sobre o que eles acharam das atividades/tarefas planejadas e desenvolvidas no projeto em relação as que eles tinham cotidianamente na escola, em uma escala de respostas: a) gostei mais dessas aulas; b) achei igual as outras aulas; c) não consegui aprender\entender com essas aulas; d) consegui aprender\entender melhor com essas aulas; e, e) prefiro as outras aulas expositivas, dos doze alunos que participaram do estudo, oito responderam a letra “d” e quatro a letra “e”, ou seja, a maioria dos alunos apontaram para o aprender/entender melhor o conteúdo. Esse resultado explica a motivação dos alunos no desenvolvimento das atividades do projeto e confirma a percepção dos professores de que o projeto favoreceu um entendimento maior sobre o assunto, conforme podemos observar pela fala de um dos professores:

[...]os alunos aprenderam, buscaram e desenvolveram o conhecimento através das diferentes atividades propostas no projeto o que favoreceu um entendimento maior sobre o assunto... (Professor A).

Em relação às aprendizagens obtidas a partir do projeto, as respostas dos alunos evidenciaram tanto conhecimentos conceituais como uma compreensão melhor do processo de tratamento, diagnóstico e prevenção do câncer, como atitudinais, aprender a compartilhar conhecimento e a tomar mais cuidado em relação aos fatores de risco dessa doença, conforme podemos observar a partir de algumas respostas:

Aprendi muito sobre os tipos de câncer e alguns aprendi até como diagnosticar (Aluno 3). Aprendemos coisas que eu nem fazia ideia que poderia acontecer com pessoas que tem câncer e agora que eu sei tomarei mais cuidado e saberei ajudar de uma forma correta as pessoas que precisarem (Aluno 7). Aprendi bastante,

compartilhei conhecimento, sanei minhas dúvidas e quero passar para meus amigos (Aluno 11).

As ações do projeto proporcionaram aos alunos o conhecimento sobre a importância da prevenção, bem como a necessidade de compartilhar tais conhecimentos, recontextualizando o que aprenderam. Do ponto de vista de aprendizagem no projeto de trabalho, Prado (2003) destaca a possibilidade de o aluno recontextualizar aquilo que aprendeu, bem como estabelecer relações significativas entre conhecimentos. Nesse processo, o aluno pode ressignificar os conceitos e as estratégias utilizadas na solução do problema de investigação que originou o projeto e, com isso, ampliar o seu universo de aprendizagem.

As ações desenvolvidas no projeto também favoreceram a valorização da escola. Em uma conversa reflexiva realizada com os alunos registramos o seguinte depoimento que foi transcrito na íntegra:

Nós íamos todos trocar de escola, pois a nossa escola não é bem vista na sociedade. Os alunos das outras escolas têm medo de nós, porque nossa escola é pobre e localiza-se em um bairro perigoso. Depois do projeto e das ações que desenvolvemos, principalmente, com as apresentações do projeto que ocorreram na universidade e em outras escolas, passamos a ser respeitados, a escola passou a ser importante e ganhou destaque na sociedade. Vocês nos mostram que somos importantes, assim vamos continuar na escola, pois queremos continuar fazendo parte do projeto, queremos continuar aprendendo (Aluno 7).

Destaca-se que em virtude da escola estar localizada em um bairro de extrema vulnerabilidade, os alunos assim como a comunidade em geral são estigmatizados como “perigosos” para a sociedade. Em função desse fato, após o 2º ano do ensino médio, a grande maioria dos alunos transfere-se para outras escolas, acreditando que assim estariam mais preparados para o mercado de trabalho e seriam mais respeitados pelos outros.

Outro depoimento que evidenciou as contribuições do projeto e que reforça a importância do trabalho em equipe, foi registrado, por um dos alunos, no grupo PróSaúde, no *facebook*, conforme segue:

Quero agradecer muito vcs... por terem feito tudo isso pela nossa turma, por terem confiado em nós e ajudar a melhorar a imagem da escola... Vcs são demais, mas só são demais com todos juntos..... Mas neh, obrigado tbm aos meus amigos (colegas) por estarem sempre ativos nas atividade e nos programas... Não quero ver ninguém indo pro Annes Dias ano q vem, pq vcs sao daqui, senão a maioria, quase todos se criaram aqui nessa comunidade... Agora sim eu tenho orgulho de dizer: EU ESTUDO NA ESCOLA MARIA BANDARRA... E tudo isso graças a vocês, valeu demais mesmo, ate ano q vem.

Bezerra (2010) reforça que ações escolares devem ser consolidadas em um contexto participativo, integrador de todos seus segmentos, sincronizadas com o contexto atual, que requer uma política educacional capaz de contribuir na condução do país ao pleno desenvolvimento, em conformidade com os princípios democráticos em evolução.

Nossos resultados, em relação aos alunos, reforçam o posicionamento de Hernández (1998) e Oliveira (2006), os quais salientam que, na prática do trabalho com projetos, os

alunos adquirem a habilidade de resolver problemas, articular saberes adquiridos, agir com autonomia diante de diferentes situações que são propostas, desenvolver a criatividade e aprender o valor da colaboração.

Para os Universitários

Para analisar as percepções dos universitários estabelecemos duas categorias de análises em relação as contribuições do projeto: a primeira que se referiu às contribuições para a sua formação profissional e a segunda que se configurou na dificuldade de trabalhar com projetos de caráter interdisciplinar.

Para a formação profissional, as contribuições foram: a busca por aprendizagens novas; a melhora do seu desempenho profissional e o aprender a trabalhar em equipe, conforme podemos observar pelas falas dos mesmos:

O projeto me proporcionou trabalhar na escola, onde tive muito contato com os alunos, até então eu era muito tímido, e diversas vezes tive que falar em público e isso me fez perder um pouco da timidez [...]. Peguei gosto pela leitura, despertou um interesse maior em querer aprender mais, de não me acomodar, levantei questionamentos e aprendi onde saná-los, me motivou muito e abriu portas para minha vida pessoal e profissional (Universitário 1).

De acordo com Oliveira e Moura (2005) ao abordar o trabalho com projetos na construção do conhecimento escolar, valoriza-se uma prática pedagógica que estimula o saber ouvir e expressar-se, o falar em público e o pensamento autônomo. Contribuições essas evidenciadas no presente estudo, tanto para os alunos da escola quanto para os universitários.

Observou-se também, pelos relatos tanto dos professores como dos universitários a importância da parceria entre a universidade e a escola.

[...] a integração entre a escola e a universidade foi e está sendo importante..., [...]através do conhecimento acadêmico muitas respostas foram dadas (Professor A). Iniciativas assim devem ser estimuladas e realizadas sempre, pois beneficia inúmeras pessoas e une ainda mais a comunidade, isso faz com que eu queira continuar aprendendo e tentando ao máximo ajudar as pessoas (Universitário 2).

Os estudos recentes sobre formação inicial de professores aprovam uma relação mais estreita entre universidade e escola (GARCIA, 2009; NÓVOA, 2009) como uma forma de melhorar a qualidade da formação de licenciandos, impulsionando iniciativas de políticas públicas de formação a promover essa aproximação, a exemplo, no Brasil, do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID e que no presente estudo se efetivou a partir de um projeto de extensão.

Um aspecto que dificultou o desenvolvimento do projetos, salientado pelos universitários foi a pouca participação dos professores que tinham, inicialmente se comprometido em participarem efetivamente do projeto. Esse resultado aponta para as dificuldades de um ensino interdisciplinar num contexto escolar com ensino disciplinar.

Embora os professores do presente estudo tivessem colaborado com o projeto a partir de suas aulas, esse processo, ainda, foi muito individualizado. Sempre que tentávamos um planejamento conjunto os professores apontavam para a falta de tempo para se reunirem. Augusto e Caldeira (2007) também evidenciaram tal dificuldade em um estudo com

professores da rede pública de Bauru. Segundo os autores supracitados o termo interdisciplinaridade está cada vez mais presente nos documentos oficiais e no vocabulário de professores e administradores escolares, contudo, a construção de um trabalho genuinamente interdisciplinar na escola ainda encontra muitas dificuldades.

Para Kleiman e Moraes (2002) as dificuldades no desenvolvimento de projetos com esse caráter é decorrente dos professores terem sido formados dentro de uma visão positivista e fragmentada do conhecimento, ele não consegue pensar interdisciplinarmente porque toda a sua aprendizagem realizou-se dentro de um currículo compartimentado.

Rivarossa de Polop (1999) salienta os principais obstáculos que devem ser vencidos para a implantação da interdisciplinaridade nas salas de aula, obstáculos estes que persistem até os dias de hoje, sendo eles: a formação muito específica dos docentes, que não são preparados na universidade para trabalhar interdisciplinarmente; a distância de linguagem, perspectivas e métodos entre as disciplinas; a ausência de espaços e tempos nas instituições para refletir, avaliar e implantar inovações educativas. Ou seja, os currículos de formação profissional devem ser revisados, deve ocorrer, também, uma aproximação/conversa entre as disciplinas e a gestão escolar, se quisermos realmente ter sucesso com uma proposta de ensino interdisciplinar na escola.

Muitas são as propostas que têm surgido na tentativa de sanar esses obstáculos, destacando-se a educação continuada dos educadores. Os cursos de formação de professores são os ambientes propícios nos quais pode e deve haver profundas mudanças epistemológicas quanto à construção do conhecimento. Como menciona Perrenoud (2002, p. 15) “A qualidade de uma formação depende, sobretudo, de sua concepção”. Demo (2002) sugere a formação de equipes interdisciplinares de profissionais cujo diálogo ocorra de maneira intensa, possibilitando a cooperação qualitativa entre os especialistas de cada área.

Desse modo, vemos que as barreiras para a implantação de ações interdisciplinares na escola existem e ainda estão longe de desaparecerem. Contudo, elas não são intransponíveis (TRINDADE, 2004; AUGUSTO; CALDEIRA, 2007).

Embora os universitários tenham elencado algumas dificuldades no processo de desenvolvimento das ações do projeto, as contribuições do mesmo se sobressaíram. Ou seja, o projeto favoreceu aos universitários à motivação para a docência; crescimento profissional e pessoal; vontade de continuar aprendendo; e, aprender a trabalhar de forma interdisciplinar. Esses resultados reforçam, mais uma vez, a importância da extensão universitária no processo educativo.

A extensão quando realizada de forma integrada com a iniciação científica permite ao aluno de graduação despertar a vocação para a pesquisa científica e desenvolver um espírito ético e profissional, estimulando a aprendizagem de métodos e técnicas científicas, bem como o desenvolvimento do pensar cientificamente e da criatividade decorrentes das condições criadas pelo confronto direto com os problemas de pesquisa (BASTOS, 2010). Com certeza o despertar pela pesquisa científica ocorreu, durante a participação dos alunos no projeto foram elaborados, apresentados e publicados quatro resumos simples em evento internacional; um resumo expandido em evento nacional e a publicação de um artigo em periódico indexado.

Considerações finais

No processo de aplicação do projeto foi possível concluir que quando a situação geradora, bem como, a problematização são pautadas em pressupostos que estão presentes no cotidiano dos alunos, instigam sua curiosidade e os motivam para o desenvolvimento do mesmo. Também foi possível concluir que a medida que os alunos iam desenvolvendo seus trabalhos, assumindo responsabilidades, interagindo com os colegas a classe se tornava mais cooperativa e integrada.

O aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, o crescimento profissional, a motivação, o refletir sobre a atuação pedagógica se constituíram como as principais contribuições, da presente proposta, para os professores. Para os alunos observou-se: maior interesse na busca do conhecimento; maior responsabilidade, motivação, integração e participação na realização das tarefas; o gosto pela aula; a valorização da escola; e, a vontade de continuar os estudos após o ensino médio. Para os universitários o projeto favoreceu: a motivação para a docência; o crescimento profissional e pessoal; a vontade de continuar aprendendo; o aprender a trabalhar em equipe; a busca por aprendizagens novas; e, a melhora do seu desempenho profissional.

Outro aspecto relevante do estudo foi a importância da integração entre a universidade e a escola atribuída, tanto pelos professores como pelos alunos e universitários do projeto.

Nesse sentido, percebeu-se que a parceria/integração entre a escola e a universidade, a partir de um projeto de trabalho desenvolvido em contexto colaborativo, proporcionou resultados importantes para os três seguimentos envolvidos no mesmo. Assim, se pretendemos implantar metodologias de ensino, objetivando alunos mais motivados, mais integrados e com mais interesse para a aprendizagem, os projetos, desenvolvidos em contexto colaborativo se apresentam como uma excelente alternativa.

Referências

- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003.
- ALMEIDA, M. E. B. de. Como se trabalha com projetos (**Entrevista**). Revista TV ESCOLA. Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, nº 22, março/abril, 2002.
- AUGUSTO, T. G. S.; CALDEIRA, A. M. A. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de ciências da natureza. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 12, n. 1, p.139-154, 2007.
- AVELAR, A. C. A. Motivação do aluno no contexto escolar. Anuário de produções acadêmico-científicas dos discentes da faculdade Araguaia. **Sistema Integrado de Publicações Eletrônicas da Faculdade Araguaia – SIPE** v.3, p. 71-90, 2015.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 2. ed. São Paulo: Edições 70, 2011. 85p.
- BASTOS, F.; MARTINS, F.; ALVES, M.; TERRA, M. LEMOS, C.S. A importância da iniciação científica para os alunos de graduação em Biomedicina. **Revista Eletrônica Novo Enfoque**, v. 11, n. 11, p. 61 66, 2010.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil/Ministério da Saúde, Organização Pan-Americana da Saúde**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2007. 304 p. – (Série Promoção da Saúde; n. 6).
- CAPELLINI, V. L. M. F. **Possibilidades da colaboração entre professores do ensino comum e especial para o processo de inclusão escolar** [Tese de Doutorado]. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos; 2004.

- COSTA, M. L. C.; LINS, A. F. Professores de matemática vivenciando a experiência de um grupo de estudos: explorando individualidades In: **Anais do XIV Encontro Brasileiro de Estudantes de Pós-Graduação em Educação Matemática EBRAPEM**, 2010, Campo Grande, MS. Educação Matemática: diversidades e particularidades no cenário nacional, 2010.
- DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008.
- DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 5. ed. Campinas: Autores Associados, 2002.
- FAGUNDES, L. C. Aprendizizes do futuro, as inovações começaram. **Coleção informática para a mudança na educação**. Estação palavra. 2002. 57p.
- FAZENDA, I. C. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2009.
- FONSECA, N. A.; MOURA, D. G.; VENTURA, P. C. S. Os projetos de trabalho e suas possibilidades na aprendizagem significativa: relato de uma experiência. **Educ. Tecnol.**, Belo Horizonte, v.9, n.1, p.13-20, jan./jun. 2004.
- FONTES, R. S. **Ensino colaborativo uma proposta de educação inclusiva**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores; 2009.
- GARCIA, M. C. Desenvolvimento Profissional Docente: passado e futuro. **Revista de Ciências da Educação**. n. 8, jan-abril, 2009.
- HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 199p.
- KLEIMAN, A. B.; MORAES, S. E. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2002. 198p.
- KLEIN, J. T. Ensino interdisciplinar: didática e teoria. In: FAZENDA, I. C. A. (org.). **Didática e interdisciplinaridade**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2001, 109-132p.
- KRUG, M.R.; NASCIMENTO, B.B. do; MARTINS, A.O.; NASCIMENTO, K.B.; PEDROSO, R.G.F.; PEREIRA, A.F.; SORES, F.A.A. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde: resultados preliminares. In: SOUZA, Cejane Baiocchi (Org.). **Temas contemporâneos em extensão das instituições de ensino superior comunitárias - Extensão, direitos humanos e formação da cidadania**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2014. p. 119-132.
- KRUG, M.R.; FERNANDES, R.G.P.; PEDROTTI, P. H. O; SOARES, F. A. A. *Promoção da saúde na escola: um estudo com professores do ensino médio*. **Scientia Plena**, v. 11, n. 05. p. 02-09, 2015.
- MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. 3. ed. São Paulo: Escrituras, 2000. 158p.
- MARTINS, A.O.; KRUG, M.R.; SOARES, F.A.A. Saúde no contexto escolar: um estudo com professores do ensino básico de uma escola estadual da cidade de Cruz Alta-RS. *Revista Eletrônica Pesquiseduca*, Santos, v. 06, n. 12, p. 457-471, jul./dez., 2014.
- MATOS, M. A. E. Metodologia de projetos, a aprendizagem significativa e a educação ambiental na escola. **Ensino, Saúde e Ambiente**, v.2, n.1, p 22-29 abril 2009.
- MENDES, E. G. Caminhos da pesquisa sobre formação de professores para inclusão escolar. In: MENDES, E. G; ALMEIDA, M. A.; HAYASHI, M. C. P. I. Orgs. **Temas em Educação Especial: conhecimentos para fundamentar a prática**. Araraquara: Junqueira & Marin Editores; 2008. p. 92-122.
- MIRANDA, G. L. **Leitura comentada do texto "O método de Projeto" de W. Kilpatrick (2007/1918)**. p. 1-9, 2008.
- MORAN, J. M. Novos Desafios na Educação. In: PORTO, T. M. E. **Saberes e Linguagens de Educação e Comunicação**. Pelotas: Editora da UFPel. 2001.
- MORAN, J. M., MASETTO, M. T., BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 4ª edição. São Paulo: Papirus, 2001. 173 p.

- MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F.; MOREIRA, A. F. O aluno pesquisador. In: XV Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, Belo Horizonte - **Painel:** Iniciação científica na educação básica: níveis de engajamento, o aluno pesquisador e concepção de egressos sobre o trabalho. Disponível em www.fae.ufmg.br/endipe, 2010. Acesso em: 06 jul 2015.
- MOURA, G. D.; BARBOSA, E. F. **Trabalhando com projetos:** planejamento e gestão de projetos educacionais. 6. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 20013. 294p.
- NÓVOA, A. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista Educacion.** Madrid: 2009.
- OLIVEIRA, C. L. **Significado e contribuições da afetividade, no contexto da Metodologia de Projetos, na Educação Básica.** 2006. Dissertação de mestrado. CEFET-MG. Belo Horizonte, 2006.
- OLIVEIRA, C. L.; MOURA, D. G. de. Metodologia de projetos em ambientes não formais de aprendizagem: indício de eficácia no processo de ensino de biologia. V Encontro nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – V ENPEC – **Atas.** Baurú: ABRAPEC, 2005.
- PERRENOUD, P. A formação de professores no século XXI. In. As competências para ensinar no século. **Anais do XXI:** a formação de professores e o desafio da avaliação. PERRENOUD, Philippe. et al. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PIMENTA, S. G. et al. Pesquisa Colaborativa na Escola Facilitando o desenvolvimento profissional de Professores. In: 24ª Reunião Anual da ANPED, São Paulo, SP. **Anais...** São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2001. 01-21p.
- PRADO, M. **Pedagogia de Projetos.** Série “Pedagogia de Projetos e Integração de Mídias” - Programa Salto para o Futuro, Setembro, 2003.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação do Estado. **Proposta Pedagógica Para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (2011-2014).** Disponível em: http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf. Acesso em 22/05/2014.
- RIVAROSSA DE POLOP, A. El área de ciencias naturales: concepciones epistemológicas y diálogo pedagógico. **Cuartas jornadas nacionales de enseñanza de la biología.** Memorias. Córdoba: Asociación de Docentes de Ciencias Biológicas de la Argentina, 1999, 46- 59p.
- SANTOS, B. S. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 2001. 134p.
- SILVA, O. D. **O que é extensão universitária?** Disponível em: <http://ecientificocultural.com/ecc2/artigos/oberdan9.html>, 1994. Acesso em: 29 mar. 2015.
- SIMÃO, A. M. V.; FLORES, M. A.; MORGADO, J. C; FORTE, A. M.; ALMEIDA, T. F. **Formação de Professores em contextos colaborativos:** Um projecto de investigação em curso. 8, jan./abr. 2009.
- TAPIA, J. A.; FITA, E. C. **A motivação em sala de aula:** o que é, como se faz. São Paulo: 7 ed. São Paulo: Loyola, 2006. 153p.
- TRINDADE, I. L. **Interdisciplinaridade e Contextualização no “Novo Ensino Médio”:** conhecendo obstáculos e desafios no discurso dos professores de ciências. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.
- ZABALZA, M. A. **Diários de aula:** um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed; 2004.
- ZANATA, E. M. **Planejamento de práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa.** Tese (Doutorado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

3 DISCUSSÃO

Os artigos apresentados no capítulo desenvolvimento nos permitem muitas possibilidades de discussões, entretanto a mesma será permeada pelos resultados que nos fundamentaram para responder a questão problema proposta no início deste estudo que foi: “quais são as percepções de professores, alunos e acadêmicos universitários sobre as perspectivas do ensino colaborativo no desenvolvimento de projetos de aprendizagem para o ensino de saúde e da promoção da saúde no contexto escolar?”

Para respondermos a questão problemática anteriormente explicitada partimos de uma prática educativa pautada no trabalho colaborativo, onde todos os envolvidos tiveram a oportunidade de refletir coletivamente sobre suas práticas, diagnosticar os problemas através dos debates e, num trabalho de parceria entre pesquisadores, professores e alunos participantes, propor alternativas (projetos/atividades) para atenuá-los e/ou resolvê-los, o que, segundo Oliveira (2012), caracterizam-se como ações dialógicas.

Nossas reflexões iniciais, apresentadas tanto na introdução como nos artigos um e dois, da presente tese, e que nortearam nossas ações, nos remetem para uma discussão sobre a necessidade de formação continuada de professores que os auxiliem no trabalho com o tema transversal saúde e promoção da saúde bem como para o trabalho interdisciplinar. Lervolino (2000) em um estudo semelhante com professores da rede municipal de ensino de Vargem Grande Paulista, também, evidenciou o reconhecimento do despreparo dos professores para atuar como agentes de promoção da saúde na escola e concluiu que a formação continuada pode atuar como ferramenta poderosa de transformação de pessoas e de seus locais de trabalho. Diniz, Oliveira e Schall (2010) e Nonose e Braga (2008) reforçam a necessidade de qualificação dos professores nessa temática, para que o mesmo possa assumir sua responsabilidade de agente transformador. Os referidos autores afirmam, ainda, que o despreparo dos professores nessa área de conhecimento, a falta de qualidade da maioria dos livros didáticos disponíveis e a escassez de materiais alternativos, representam indicadores negativos para a efetiva educação em saúde na escola.

Importante ressaltar que a formação continuada em saúde na escola deve ser entendida como uma estratégia para auxiliar profissionais para planejar, desenvolver, avaliar e reestruturar suas práticas vigentes, tendo uma visão integral do ser humano, considerando-o em seu contexto familiar, comunitário e social, segundo a Oficina Sanitária Panamericana (OPAS, 1996). De acordo com Gomes et al. (2010), esse processo precisa, ainda, atender às necessidades de coerência e continuidade daquilo que eles já fazem cotidianamente nas suas

intervenções de ensino, além de dar amparo às inseguranças, às dúvidas e aos problemas que, certamente, surgem no percurso.

Foi com o propósito mencionado anteriormente, ou seja, com o objetivo de colaborar com os professores para planejar, desenvolver, avaliar e reestruturar suas práticas, principalmente em relação ao ensino de saúde que a Universidade levou para a escola o Projeto de Extensão “Construindo um Futuro Saudável por meio da Promoção à Saúde (ProSaúde), tendo como proposta o desenvolvimento de um curso de formação continuada de professores. Nossa sugestão e por definição da direção da escola o mesmo deveria ser desenvolvido no período destinado a hora atividade do professor. A maior dificuldade encontrada, inicialmente, para o desenvolvimento das ações propostas no curso foi a não adesão, da grande maioria dos professores da escola, tendo como principal justificativa a “falta de tempo”, pois a hora atividade já encontrava-se sobrecarregado de tarefas. Outro aspecto revelado no discurso dos professores foi a “resistência a mudanças”, principalmente por estar próximo à aposentadoria.

Nossos achados vão ao encontro aos resultados encontrados por Cristino e Krug (2008) em um estudo com professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria/RS. Segundo os referidos autores, a falta de tempo se constituiu como grande impedimento ao engajamento em mais atividades de formação continuada. Ou seja, “com o preenchimento quase total das cargas horárias e o atendimento a um grande número de turmas, fica difícil dispensar os alunos a cada formação que surge” (p. 8), reforçando as péssimas condições de trabalho dos professores.

Quando se fala das condições de trabalho dos professores, fica difícil não mencionar o fenômeno chamado “precarização do trabalho docente” (LIMA, HOBOLD, 2013). Sampaio e Marim (2004) analisam a precarização do trabalho dos professores e concluem que esse problema ocorre em diferentes facetas que o caracterizam. Dentre essas facetas destacam, também, a carga horária de trabalho e de ensino, além de outros fatores tais como: tamanho das turmas e razão entre professor/alunos, rotatividade/itinerância dos professores pelas escolas e as questões sobre carreira no magistério. Importante destacar que os problemas ligados à precarização do trabalho escolar não são recentes no país, mas constantes e crescentes, e cercam as condições de formação e de trabalho dos professores.

Nesse sentido, nos últimos anos, diversas instituições tanto públicas quanto privadas implantaram as chamadas “horas atividade”, destinadas ao planejamento das aulas, a correção de trabalhos de alunos, de apoio aos alunos nas atividades extracurriculares e de formação em serviço para os próprios professores, definidas como horário de trabalho pedagógico coletivo

(SAMPAIO; MARIN, 2004). A implantação da hora atividade talvez represente uma das mais importantes ações de ensino voltada à melhoria das condições de trabalho dos professores nos últimos anos (SAMPAIO; MARIN, 2004). Entretanto, Lourencetti (2004) destaca:

os horários de trabalho pedagógico coletivo raramente são utilizados para rever, debater ou obter auxílios coletivos relativos a questões de efetivação do currículo, e sim como tempo dedicado a questões administrativas;

as horas-atividade de grande parte dos professores são utilizadas individualmente e fora do ambiente escolar, portanto, sem a garantia de que de fato constituam tempo de estudo para atualização ou busca de soluções aos problemas enfrentados na prática de sala de aula (p. 1214).

Sampaio e Marim (2004) apontam para outras condições de trabalho como as responsáveis por esse comportamento do professor tais como as relacionadas a salário, tendo em vista o número de escolas em que trabalham e o número de horas/aula que assumem, que às vezes trespobram a jornada em redes diferentes de ensino, tendo professores, ainda que dobrem a jornada assumindo carga horária em escolas de redes públicas diferentes – estadual e municipal – ou em escolas públicas e privadas. Fatores esses, também, observados entre os professores do presente estudo. Observa-se, dessa forma, que a intensificação do trabalho docente representa uma das formas tangíveis pelas quais os privilégios da atividade docente, tais como a permanência em uma única escola e horas-atividade suficientes para estudo, planejamento e avaliação, são degradados.

A resistência às mudanças, evidenciado nas falas dos professores do presente estudo, foi outro fator dificultador do processo de envolvimento em ações formativas. Aspecto esse, também salientado por Pierson e Souza (2005) em um estudo com professores de Física. Segundo as referidas autoras esse fato tem se constituído em outro fator que dificulta a implantação de novas alternativas no ensino, tendo em vista que toda mudança gera desconforto, necessita de maior tempo de estudo, coloca o professor em conflito. Assim, os professores acabam frequentemente utilizando didáticas reprodutivistas e desatualizadas, que pouco contribuem para a melhoria do ensino.

Nesse sentido, a formação continuada de professores tem merecido destaque tanto em ações governamentais, quanto de instituições diretamente relacionadas com essa questão. Segundo Diniz; Campos e Kühn (2006) as universidades, por exemplo, nas últimas três décadas, envolveram-se em projetos que objetivam atingir o professor que está na sala de aula que, via de regra, é o profissional que tende a se distanciar das inovações tanto no campo dos conteúdos específicos de sua área de atuação, quanto no campo dos conteúdos pedagógicos.

Distanciamento esse fortemente influenciado pela estafante rotina de trabalho que a maioria desses profissionais enfrenta no seu cotidiano (DINIZ; CAMPOS; KÜHL, 2006).

Além da formação continuada atingir o professor que está na sala de aula, é importante que a escola assuma a reponsabilidade de formação do professor e que esta atividade esteja incluída na carga horária dos educadores e não no seu tempo livre o que o fará abdicar, muitas vezes, do convívio familiar e do seu tempo de lazer. Segundo Alarcão (2001) quando a escola passa a assumir sua formação, também se responsabiliza, junto com os professores e alunos, à instituição de ações concretas, encaminhando a reflexão sobre novas configurações organizativas do cotidiano da escola, tornando-a uma organização aprendente, com desenvolvimento para si mesma e para cada um dos que a constituírem.

A formação continuada nas perspectivas colocadas por García (1999), Alarcão (2001) e Krug (2004), vão ao encontro das propostas deste estudo e sugerem a necessidade de contemplar um programa que inclua um conjunto de recursos diversos, não apenas cursos, seminários, simpósios, congressos, etc., mas também, trabalho pedagógico coletivo, estudos individuais, de maneira concatenada e ao longo da vida profissional. Entendemos que a reflexão sobre essas questões pode trazer contribuições para a organização de propostas de formação em que as decisões sejam realmente compartilhadas não ficando somente nas mãos de universidades e secretarias de educação.

Dessa forma, percebe-se a necessidade de considerar o espaço escolar como o lócus privilegiado para o desenvolvimento profissional do professor. Essa ideia implica a noção de que a formação precisa estar vinculada ao desenvolvimento organizacional da escola, aquilo que Barroso (1997, p.74) identifica como “formação centrada na escola”, ou seja, “[...] uma formação que faz do estabelecimento de ensino o lugar onde emergem as atividades de desenvolvimento dos seus profissionais, com o fim de identificar problemas, construir soluções e definir projetos”.

Tardif e Raymond (2000), também, evidenciam a importância da escola como contexto de construção de saberes e da identidade profissional dos professores. Segundo os referidos autores, a escola é o espaço de socialização onde o professor aprende os modos de ser e agir na profissão. Esses saberes se desenvolvem durante a vida profissional, num processo de longa duração, que passa por fases e mudanças e compreende dimensões identitárias e de socialização profissional.

Considerando os pressupostos supracitados, assim como por termos percebido a necessidade de considerar o espaço escolar como o lócus privilegiado para o desenvolvimento profissional do professor, reestruturamos o projeto de extensão e propomos a escola uma

metodologia pautada na colaboração, contemplando o professor no seu espaço maior de trabalho, ou seja, a sala de aula.

Nesse contexto, o projeto de extensão ProSaúde propôs suas ações formativas, tendo não só a escola como palco para suas ações, mas principalmente a sala de aula. Ao apresentar a proposta na escola, a direção da mesma, por considerar os professores dos terceiros anos do ensino fundamental os que mais necessitavam de ações formativas na temática proposta, nos direcionou aos respectivos professores que aceitaram voluntariamente a participar do projeto.

Assim, nossa primeira experiência de trabalho colaborativo ocorreu tendo como sujeitos dois professores do terceiro ano do ensino fundamental, assim como dois bolsistas do PIBID/UNICRUZ Educação Física. Os resultados dessa primeira intervenção, apresentados e discutidos no terceiro artigo “Projetos temáticos como alternativa para a promoção da saúde no ensino fundamental”, sugerem, que envolver professores atuantes e em formação, em um trabalho colaborativo, fortalece o saber docente e auxilia na resolução de problemas, favorecendo o processo de aprendizagem dos alunos, tornando o aprender mais motivante. Almeida e Ribeiro (2005), em um estudo com professores de uma escola da cidade de Afogados da Ingazeira-PE, também encontraram resultados semelhantes ao analisar as contribuições de um projeto temático, ou seja, para a maior parte dos professores, as atividades do projeto propiciaram aos alunos um maior envolvimento no processo de ensino-aprendizagem, o que representa importante fator para a aprendizagem significativa. Não podemos afirmar que tal aprendizagem ocorreu entre os alunos do nosso estudo, pois a mesma não foi avaliada, entretanto, na percepção dos professores, assim como dos bolsistas envolvidos no projeto tal resultado foi obtido.

Outro resultado relevante do projeto temático desenvolvido na escola em estudo, na percepção dos professores envolvidos na experiência, foi a contribuição do trabalho colaborativo, na melhora da qualidade do ensino. Glazer e Hannafin (2006) salientam que o crescimento profissional dos professores aumenta quando é valorizado um trabalho colaborativo, em que existe uma constante interação que permite a partilha de experiências de sucesso e a aprendizagem com os erros dos seus pares.

Ao retornarmos à escola em 2014 para darmos prosseguimento as ações do ProSaúde, com as professoras e aprofundar as ações formativas não as encontramos mais, como salientamos anteriormente, a transferência era uma constante na vida tanto dos professores como dos alunos da escola. Entretanto, nos deparamos com uma grande dificuldade por parte dos professores do ensino médio, no desenvolvimento de projetos interdisciplinares, metodologia essa sugerida na proposta pedagógica do governo do Rio Grande do Sul (RS,

2011), para o ensino médio. A maior dificuldade era em relação a sistematização do Seminário Integrado (SI).

O SI tem como propósito realizar a articulação das várias áreas do conhecimento promovendo a interdisciplinaridade através de projetos conectando os alunos com o mundo do trabalho. Essa metodologia de ensino requer que o aluno, para além de adquirir determinadas informações e desenvolver habilidades para realizar certas tarefas, aprenda a aprender em um processo contínuo e motivador de conhecimento. A proposta, a princípio é inovadora e instigante, no entanto diante disso, segundo Schein e Leite (2014) está o professor, o profissional responsável em colocar em prática as novas propostas educacionais. Nesse contexto, reconhecemos que há um abismo existente entre a teoria e as práticas desenvolvidas pelos professores, o que conseqüentemente instiga-os a pensar acerca de sua formação e constituição como profissionais da educação bem como a forma em que as reformas educacionais são implantadas.

Segundo Schein e Leite (2014) a observação do cotidiano escolar, através de um olhar reflexivo, possibilita a constatação de que muitas das práticas exercidas são contraditórias, em relação ao discurso do professor. A ideia que se percebe da prática realizada nas escolas no componente curricular Seminário Integrado é a de que a grande maioria dos professores apresenta dificuldades em trabalhar a pesquisa, pois ele próprio sente-se limitado. Neste contexto, passamos a desenvolver um trabalho colaborativo junto a essa disciplina, no sentido de auxiliar o professor no desenvolvimento de projetos interdisciplinares, tendo a promoção da saúde como eixo articulador. Os resultados dessa metodologia de trabalho, descritos no artigo quatro “Projetos de aprendizagem: percepções de professores e alunos quanto sua eficácia como estratégia de ensino”, apontaram para: o aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, o crescimento profissional, a motivação e a reflexão sobre a prática pedagógica, levando-nos a concluir que os projetos de aprendizagem, desenvolvidos colaborativamente, se constituem como um método importante para a formação do professor no que se refere às estratégias para ensinamentos interdisciplinares.

De acordo com Irala (2005) essa prática estimula uma socialização no processo de ensino-aprendizagem, em que indivíduos agrupados solucionam problemas em comum e, acima de tudo, constroem conhecimento socialmente relevante. Lave e Wenger (2002) afirmam que é pelo engajamento em atividades cotidianas, desenvolvidas em seu grupo de trabalho, que ocorre a produção, transformação e mudança na identidade das pessoas, em seu conhecimento e em suas habilidades práticas. Nessa mesma perspectiva, Torres e Irala (2014) salientam que o trabalho colaborativo têm potencial de promover uma aprendizagem mais

ativa estimulando o pensamento crítico, o desenvolvimento de capacidades de interação, negociação de informações e resolução de problemas e, o desenvolvimento da capacidade de autorregulação do processo de ensino-aprendizagem.

Freitas e Freitas (2003) elencam os resultados de pesquisas sobre trabalho colaborativo que apontam para: melhoria das aprendizagens na escola; melhoria das relações interpessoais; melhoria da autoestima; melhoria das competências no pensamento crítico; maior capacidade em aceitar as perspectivas dos outros; maior motivação intrínseca; maior número de atitudes positivas para com as disciplinas estudadas, a escola, os professores e os colegas; menos problemas disciplinares, uma vez que mais tentativas de resolução dos problemas de conflitos pessoais; aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros; e, menos tendência para faltar à escola. Dessas contribuições, observou-se entre os alunos que participaram da experiência, na percepção das professoras, principalmente: a melhoria das aprendizagens, das relações interpessoais e da autoestima; maior motivação intrínseca; menos problemas disciplinares; e, aquisição das competências necessárias para trabalhar com os outros.

Nossos resultados, também, evidenciaram contribuições importantes para os professores e acadêmicos universitários envolvidos no projeto com ênfase para: o aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, o crescimento profissional, a motivação e a preparação para o futuro. Daniels (2002) argumenta que as culturas de trabalho colaborativo são importantes ambientes para a promoção de trocas de experiência e, conseqüentemente, de aprendizagens, reforçando nossos achados. Nono e Mizukami (2001) também apontam para o trabalho colaborativo como uma importante forma de favorecer o desenvolvimento da destreza de análise crítica, na resolução de problemas e na tomada de decisões.

Os depoimentos dos professores, alunos e universitários e a análise do conjunto dos estudos apresentados na presente tese mostraram que a permanência da equipe colaborativa, constituída pelos pesquisadores e os universitários bolsistas do projeto de extensão, deram sustentação à dimensão coletiva e promoveram a integração dos “novos” aos valores e objetivos da escola, tornando-se fundamental para o desenvolvimento dos projetos. Isso sugere que a existência de grupos mais estáveis nas escolas, a convivência e a interação entre eles por meio de relações que se dão ao longo do tempo, é um fator fundamental na constituição do trabalho coletivo nas escolas. Porém, como afirmam Tardif e Raymond (2000), o tempo cronológico não é suficiente para que se construa o compromisso com a instituição; a existência de condições profissionais favoráveis é também fundamental nesse processo.

Essas considerações nos levam a refletir sobre o papel da universidade na formação continuada de professores. Como observam Tardif; Lessard e Gauthier (s/d, p.29) a formação contínua exige um entrosamento muito mais estreito com a profissão “[...] fundamentando-se nas necessidades e situações vividas pelos participantes”. Nesse sentido, de acordo com os autores, o formador da universidade deixa de desempenhar um papel de transmissor de conhecimentos, tornando-se um parceiro, alguém que ajuda e apoia os professores no seu processo de formação e autoformação.

Outros resultados do projeto ProSaúde têm sido divulgados em congressos nacionais e internacionais, principalmente pelos bolsistas, professores e alunos do projeto, fortalecendo nossos resultados quanto à contribuição do ensino colaborativo e da metodologia de projetos na formação do aluno pesquisador, tais como:

- Estudo dos valores pressóricos e índice de massa corporal de alunos participantes do projeto Construindo um futuro saudável através da promoção à saúde (PEDROTTI, PEDROSO; KRUG, 2014);
- Câncer: conceito, características e sintomas (MACHADO *et al.*, 2014);
- Câncer: diagnóstico e prevenção (ABREU *et al.*, 2014);
- Câncer: tratamento e seus efeitos: um estudo por alunos do ensino médio (CORRÊA *et al.*, 2014);
- Não se estresse: avaliando e cuidando da saúde de uma comunidade de periferia (LIMA *et al.*, 2015);
- Análise dos hábitos alimentares da comunidade da Escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen (CÉZAR *et al.*, 2015);
- Hábitos de atividade física: um estudo com os participantes da I Semana da promoção da saúde (DE PAULA, *et al.*, 2015);
- Construindo um futuro saudável por meio da promoção à saúde: o câncer como tema (KRUG *et al.*, 2015b).
- Perfil do estilo de vida individual: um estudo descritivo com alunos do ensino médio (KRUG *et al.*, 2015c).
- O papel do ensino colaborativo no desenvolvimento de projetos de promoção da saúde: um estudo com alunos do ensino médio (PEDROTTI; PEDROSO; KRUG, 2015).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os anos de 2013 e 2014 a Universidade, a partir da extensão universitária, levou para a escola ações colaborativas, com o intuito de favorecer a utilização da metodologia de projetos de aprendizagem como estratégia de ensino de saúde e da promoção da saúde na escola, colaborando com o desenvolvimento profissional dos professores do ensino básico que, conforme observamos, ainda que tenham apresentado algumas limitações, proporcionaram situações efetivas de aprimoramento tanto para os professores quanto para os universitários e alunos que se envolveram com a proposta.

Consideramos que a perspectiva adotada de integração dos conteúdos específicos (promoção da saúde) com os conteúdos pedagógicos (trabalho colaborativo e metodologia de projetos) e a realidade da sala de aula tenha sido uma opção adequada de trabalho. Primeiramente por entendermos que um dos papéis sociais da escola seja o de garantir aos estudantes acesso aos conhecimentos historicamente produzidos. Em segundo lugar, pela percepção de que a prática pedagógica dos professores da educação básica nas escolas públicas exige cada vez mais investimentos no sentido de superação das dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos professores. Por fim, por julgarmos que o próprio professor tem um papel fundamental na busca de equacionamento dessas dificuldades e que, para tanto, a discussão da dimensão pedagógica seja crucial.

Nesse sentido e após analisar e discutir os resultados obtidos com a presente experiência profissional chegamos às considerações finais de que:

- a) embora o tema saúde esteja incluído entre os temas transversais a serem desenvolvidos pelos professores em todas as disciplinas e em todos os níveis escolares o mesmo ainda é desenvolvido de forma pontual, e normalmente delegado aos professores da área de ciências;
- b) a interdisciplinaridade, metodologia, sugerida pela literatura para trabalhar com o tema saúde na escola, ainda é de difícil compreensão por parte dos professores;
- c) a falta de tempo e a resistência a mudanças são as principais dificuldades para os professores se envolverem em ações formativas;
- d) o desenvolvimento de intervenções colaborativas, que ocorram dentro da sala de aula, onde pesquisadores, professores e alunos, possam planejar, desenvolver e avaliar as ações conjuntamente se constituem como importante estratégia para os professores reestruturarem suas práticas vigentes e vencerem a dificuldade “tempo”

para sua formação. Reforçando a importância da universidade num processo colaborativo de ensino;

- e) a extensão universitária tem papel relevante na medida em que pode tornar o professor universitário um parceiro, alguém que ajuda e apoia os professores no seu processo de formação e autoformação;
- f) a metodologia de projetos de aprendizagem, desenvolvida de forma colaborativa no ensino fundamental, tem potencial, na percepção dos professores, para fortalecer o saber docente e auxiliar na resolução de problemas, estimulando a aprendizagem dos alunos;
- g) a metodologia de projetos de aprendizagem, desenvolvidos de forma colaborativa, no ensino médio podem se constituir como uma importante estratégia para: o aprender a trabalhar de forma interdisciplinar, na percepção dos professores; para o crescimento profissional, a motivação e a preparação para o futuro, na percepção dos universitários; e, para o melhor entendimento do assunto, a motivação para o aprender, uma maior valorização da escola e a importância do trabalho em equipe, para os alunos.

Portanto, a contribuição do ensino colaborativo caminha rumo ao pensamento pedagógico da inclusão escolar, pois permeia questões do cotidiano, do desempenho do professor regular e resgata atitudes que permitem a parceria e a colaboração conjunta. Dessa forma, a proposta de tal ensino é um caminho viável e gratificante, tornando todos os envolvidos construtores do seu próprio processo de ensino e aprendizagem. No entanto, ainda, há a necessidade de mais propostas de trabalhos e de efetivação desta colaboração num processo de formação permanente.

Destaca-se que a proposta aqui apresentada se constituiu, também, em importante fator na formação do professor e aluno pesquisador, pois durante os dois anos foram vários os resumos e trabalhos completos apresentados e publicados em anais de eventos pelos professores e alunos envolvidos na experiência, assim como também foram publicados três artigos em periódicos científicos e um capítulo de livro que envolveu os bolsistas do projeto, fortalecendo a importância da extensão universitária permeada pelo trabalho colaborativo no desenvolvimento profissional docente.

Com relação aos elementos que apareceram no processo de implementação dos projetos não podemos deixar de citar: a necessidade dos programas de formação continuada se efetivarem tendo o espaço escolar como *locus*; assim como, a reorganização da dinâmica de trabalho dos professores com previsão de horas para sua formação continuada. Não havia por

parte da equipe diretiva um esforço para direcionar e redirecionar as discussões, tentando resgatar os problemas enfrentados pelos professores, sendo esse o principal fator para a pouca adesão por parte dos professores. Entretanto, ressalta-se que embora poucos tenham se envolvido efetivamente com a proposta do projeto essa ocorreu de forma espontânea.

Outro aspecto importante a ser destacado, diz respeito ao potencial da universidade na efetivação de ações formativas, bem como a receptividade dos professores participantes dos projetos. Vale ressaltar, contudo, que tais reflexões tenderam a privilegiar dimensões metodológicas e técnicas (formas e recursos para a abordagem do conteúdo), em detrimento de abordagens mais amplas, capazes de problematizar, além das dimensões citadas, outras como, por exemplo, a lógica de organização e distribuição dos conteúdos escolares, e os condicionantes gerais (sociais, políticos e econômicos), que influenciam a ação didática do professor.

Através dos resultados obtidos, com o presente estudo e da experiência vivenciada pelos pesquisadores, poder-se-á avançar para novas propostas, necessárias para aprimorar o trabalho com a metodologia de projetos interdisciplinares, assim como as perspectivas do trabalho colaborativo como estratégia de favorecimento para o desenvolvimento profissional do professor. Buscar-se-á, em um segundo momento, ampliar o público alvo da pesquisa, abrangendo todas as escolas de rede estadual de ensino do município de Cruz Alta/ RS, bem como todos os professores, considerando que a promoção da saúde enquanto tema transversal precisa ser trabalhado em todas as disciplinas e em todos os níveis de ensino. Dessa forma, propomos como perspectiva futura incentivar projetos de extensão e pesquisa universitária, permeados pelo trabalho colaborativo para o desenvolvimento de projetos interdisciplinares de promoção da saúde para os profissionais da educação básica e analisar sua efetividade na formação profissional.

Outros estudos, que serão realizados a partir dos dados já coletados e armazenados no banco de dados do projeto, direcionam-se a analisar as contribuições da estratégia de projetos de aprendizagem na formação de alunos pesquisadores, assim como analisar o papel da pesquisa e da extensão na formação do aluno da graduação.

REFERÊNCIAS

- ABREU, G. R. et al. Câncer: diagnóstico e prevenção. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, XIX., 2014, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2014. Disponível em: <http://seminario/anais/2014/GRADUA%20c7%20c3O/Resumo%20Simples%20%20Biol%20f3gicas%20e%20da%20Sa%20fade/>. Acesso em: 12 jul. 2015.
- ALARCÃO, I. A escola reflexiva. In: ALARCÃO, I. (Org.). **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001. p.15-30.
- ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2003. 89 p.
- ALONSO, L. Questões críticas acerca da construção de um currículo formativo integrado. In: PORTUGAL, G.; PEREIRA, L. A. (Org.). **Actas simpósio nacional de educação básica: pré-escolar e primeiro ciclo. Formação de professores e educadores de infância. Questões do presente e perspectivas futuras, I**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005, p. 2-17.
- ALMEIDA, N. P. G.; RIBEIRO, A. E. Projetos temáticos como alternativa para um ensino contextualizado das ciências: análise de um caso. **Enseñanza de las Ciencias**, n. extra, 2005.
- AUGUSTO, T. G. da S.; CALDEIRA, A. M. de A. Dificuldades para a implantação de práticas interdisciplinares em escolas estaduais, apontadas por professores da área de Ciências da Natureza. **Investigações em Ensino de Ciências**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 139-154, 2007.
- ASSIS, S. S. et al. Educação em saúde – proposta de utilização de um modelo no ensino de ciências. **REMPEC - Ensino, Saúde e Ambiente**. São Paulo: v.3, n. 2, p.108-120, Ago. 2010.
- BARROSO, J. **Formação, projeto e desenvolvimento organizacional**. Formação e situações de trabalho, Portugal: Porto, 1997. 215 p.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 12 jul. 2015.
- _____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Saúde**. Brasília, 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/saude.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.
- _____. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, MEC/SEF, 1998.
- _____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio)**. Brasília: MEC, 2000.

_____. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. **Escolas promotoras de saúde: experiências do Brasil**, Brasília: 2007. (Série Promoção da Saúde; n. 6).

_____. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde - PNPS**, 2014. Disponível em: <<http://www.blog.saude.gov.br/570-perguntas-e-respostas/34641-ministerio-lanca-politica-nacional-de-promocao-da-saude.html>>. Acesso em: 17 dez. 2014.

BRESSAN, A.; MEDEIROS, D. C. A. Promoção da saúde na escola. **Revista Pátio**, Porto Alegre, n. 69, mar. 2014.

BURNS, A. **Collaborative action research for English language teachers**. Cambridge: CUP, 1999. 234 p.

BUSS, P. M.; CARVALHO, A. I, de. Desenvolvimento da promoção da saúde no Brasil nos últimos vinte anos (1988-2008). **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2305-2316, 2009.

CARDOSO, V.; REIS, A. P.; IERVOLINO, S. A. Escolas promotoras de saúde. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 107-115, 2008.

CASEMIRO, J. P.; FONSECA, A. B. C. da; SECCO, F. V. M. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 829-840, 2014.

CASTRO, W. **A pedagogia de projetos como estratégia para a formação de professores para uso do computador na educação**. 2013. 87 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3790/1/Dissert_Wanessa%20de%20Castro.pdf>. Acesso em 22 set. 2013.

CÉZAR, E. F. V. et al. Análise dos hábitos alimentares da comunidade da escola Estadual de Ensino Médio Professora Maria Bandarra Westphalen. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVII., 2015, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2015. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

CHARLOT, B.; SILVA, V. A. De Abelardo até à classificação de Xangai: as universidades e a formação de docentes. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 37, p. 39-58, maio/ago. 2010.

CORRÊA, P. S. et al. Câncer: tratamento e seus efeitos - um estudo por alunos do ensino médio. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, XIX. 2014. Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2014. Disponível em: <<http://seminario/anais/2014/GRADUA%c7%c3O/Resumo%20Simple%2020Biol%fcgicas%20e%20da%20Sa%fade/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

COSTA, S; GOMES, P. H. M.; ZANCUL, M. S. **Educação em Saúde na escola na concepção de professores de Ciências e de Biologia**. 2011. Disponível em: <<http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/viiienpec/resumos/R0922-1.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

CRISTINO, A. P. R.; KRUG, H. N. Um olhar crítico-reflexivo sobre a formação continuada de professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Santa Maria (RS). **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 01, p. 63-83, jan./abr. 2008.

DANIELS, H. **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002. 365 p.

DE PAULA, D. W. F. et al. Hábitos de atividade física: um estudo com os participantes da I semana da promoção da saúde. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVII, 2015, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2015. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

DINIZ, R. E. S.; CAMPOS, L. M. L.; KÜHL, L. W. Os novos conhecimentos no campo da Biologia e a sala de aula: proposta de formação continuada de professores. In: PINHO, S. Z.; SAGLIETTI, J. R. C. (Orgs.). **Unesp – escola: Núcleos de Ensino**. Universidade Estadual Paulista, Pró-Reitoria de Graduação: Editora da UNESP, 2006. p. 264-278.

DINIZ, M. C. P.; FIGUEIREDO, B. G.; SCHALL, V. T. Hortênsia de Hollanda: a arte da educação em saúde para prevenção e controle das endemias no Brasil. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 533-556, abr./jun. 2009.

DINIZ, M. C. P.; OLIVEIRA, T. C.; SCHALL, V. T. S. Saúde como compreensão de vida: avaliação para inovação na educação em saúde para o ensino fundamental. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 119-144, jan./abr. 2010.

ELLIOTT, J. A docência como aprendizagem. In: CARBONELL, J. S. (Org.). **Pedagogias do século XX**. Tradução Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FAZENDA, I. C. A. Desafios e perspectivas do trabalho interdisciplinar no Ensino Fundamental: contribuições das pesquisas sobre interdisciplinaridade no Brasil: o reconhecimento de um percurso. **Interdisciplinaridade**, São Paulo, v. 1, n. 1, out. 2011.

FERREIRA, C. A. Os olhares de futuros professores sobre a metodologia de trabalho de projeto. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 48, p. 309-328, abr./jun. 2013.

FERREIRA, C. A. Metodologia de Trabalho de Projecto na Formação de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico. In: FERREIRA, J.; SIMÕES, A. R. (Orgs.). **Complexidade: um novo paradigma para investigar e intervir em educação?** Actas do XV Colóquio Afirse/ Secção Portuguesa. Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa/ Afirse- Secção Portuguesa, 2008.

FONTES, R. S. **Ensino colaborativo uma proposta de educação inclusiva**. Araraquara: Junqueira e Marin, 2009. 85 p.

FREITAS, L. V.; FREITAS, C. V. **Aprendizagem cooperativa**. Porto: Edições Asa, 2003. 95 p.

FREITAS, D.; OLIVEIRA, H. T.; ZUIM, V. G. **Metodologia de projetos na formação inicial de professores/res: contributos para a aprendizagem de conhecimentos e habilidades requeridas na atuação de educadoras/res comprometidas/os com as questões ambientais**. 2008.

Disponível em: <http://www.ufscar.br/~ciecultura/denise/evento_1.pdf>. Acesso em: 13 mar. 2014.

GLAZER, E. M.; HANNAFIN, M. J. The collaborative apprenticeship model: situated professional development within school settings. **Teaching and Teacher Education**, Madson, v. 22, n. 2, p. 179-193, 2006.

GARCÍA, C. M. Desenvolvimento profissional dos Professores. In: _____. **Formação de professores: para uma mudança educativa**. Lisboa: Porto Editora, 1999. p. 133-258.

GOMES, R. et al. Integralidade como princípio ético e formativo: um ensaio sobre os valores éticos para estudos sobre o trabalho em equipe na saúde. In: PINHEIRO, R.; BARROS, M. E. B.; MATTOS, R. A. (Orgs.). **Trabalho em equipe sob eixo da integralidade: valores, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Cepesc-IMS/Uerj, 2010.

GOULART, R. R. et al. Os desafios da prática pedagógica interdisciplinar para a formação do professor de Educação Física. **DO CORPO: Ciências e Artes**, Caxias do Sul, v. 1, n. 2, jul./dez. 2011.

GUIMARÃES, S. S. M. **A utilização de metodologias alternativas na formação dos professores de biologia: a questão dos projetos**, n 2014. Disponível em: <http://www.fe.ufg.br/up/248/o/Simone_Sendin_Moreira_Guimar___es.pdf>. Acesso em: 21 set. 2014.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. 200 p.

IRALA, E. A. F. **A comunicação mediada por computador no ensino-aprendizagem da língua inglesa: uma experiência com o programa AMANDA de discussões eletrônicas**. 2005. 250 p. Dissertação (Mestrado educação) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, PR, 2005.

KRUG, H. N. **Rede de auto-formação participada como forma de desenvolvimento do profissional de Educação Física**. 2004. 220 f. Tese (Doutorado em Ciência do Movimento Humano) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2004.

KRUG, M. R. et al. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde. In: ENCONTRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA: COMPARTILHAR CONHECIMENTOS E PRÁTICAS: UM DESAFIO PARA OS EDUCADORES, XII, 2013, Santa Maria/RS. **Anais...** Universidade Federal de Santa Maria, 2013. p. 01-06.

KRUG, M. R. et al. Construindo um futuro saudável através da educação em saúde: resultados preliminares. In: SOUZA, C. B. (Org.). **Temas contemporâneos em extensão das instituições de ensino superior comunitárias - Extensão, direitos humanos e formação da cidadania**. Goiânia: PUC Goiás, 2014. p. 119-132.

KRUG, M. R. et al. Avaliação e orientação da saúde do escolar: um estudo com os professores da rede estadual de Cruz Alta-RS. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVII, 2015a, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz

Alta, 2015. p. 01-08. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

KRUG, M. R. et al., Construindo um futuro saudável por meio da promoção a saúde: o câncer como tema. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVII, 2015b, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2015. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

KRUG, M. R.; PEDROTTI, P. H. O.; PEDROSO, R. G. F.; SOARES, F. A. A. Perfil do estilo de vida individual: um estudo descritivo com alunos do ensino médio. **Revista de Educação Física, Desporto e Saúde**, Portugal, n. especial, p. 65, 2015c. Disponível em <http://reafes.ululofona.pt/wp-content/uploads/2015/11/Livro-de-Resumos-Congresso_11.2015.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2015.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos metodologia científica**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001. 320 p.

LAVE, J.; WENGER, E. Prática, pessoa, mundo social. In: DANIELS, H (Org.). **Uma introdução a Vygotsky**. São Paulo: Loyola, 2002.

LEITE, E.; MALPIQUE, M.; SANTOS, M. R. **Trabalho de projecto 1**. Aprender por projectos centrados em problemas. 4. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2001. 225 p.

LERVOLINO, S. A. **Escola promotora de saúde**: um projeto de qualidade de vida. 2000. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de saúde Pública, Universidade de São Paulo, SP, 2000.

LIMA, F.; HOBOLD, M. S. Condições de trabalho dos professores dos anos finais do ensino fundamental: situações de intensificação do trabalho docente. **Revista Cocar**, Belém, v. 7, n. 13, p. 33-42, jan./jul. 2013.

LIMA, C. M. C. et al. Não se estresse: avaliando e cuidando da saúde de uma comunidade de periferia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVII, 2015, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2015. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

MACHADO, A. R. et al. Câncer: conceito, características e sintomas. In: SEMINÁRIO INTERINSTITUCIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO, XIX., 2014, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2014. Disponível em: <<http://seminario/anais/2014/GRADUA%20c7%20c3O/Resumo%20Simples%20%20Biol%20f3gicas%20e%20da%20Sa%20fade/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

MANFREDO, E. C. G. metodologia de projetos e formação de professores: uma experiência significativa na prática de ensino de ciências naturais. **Experiências em Ensino de Ciências**, Mato Grosso, v. 1, n. 3, p. 45-57, 2006.

MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. da. A temática “saúde” na concepção de professores dos anos iniciais do ensino fundamental: questões concernentes a metodologias e aprendizagem. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DA REGIÃO SUL – ANPED SUL, IX, 2012, Caxias do Sul/RS. **Anais...** Universidade de Caxias do Sul, 2012.

- MARINHO, J. C. B.; SILVA, J. A. da; FERREIRA, M. A educação em saúde como proposta transversal: analisando os Parâmetros Curriculares Nacionais e algumas concepções docentes. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 429-443, abr./jun. 2015.
- MARTINS, A. O.; KRUG, M. R.; SOARES, F. A. A. Saúde no contexto escolar: um estudo com professores do ensino básico de uma escola estadual da cidade de Cruz Alta/RS. **Revista Eletrônica Pesquiseduca**, Santos, v. 6, n. 12, p. 457-471, jul./dez. 2014.
- MENDES, E. G. Colaboração entre ensino regular e especial: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. (Org.). **Inclusão e acessibilidade**. Marília: ABPEE: 2006. p. 29-41.
- MOURA, D. G.; BARBOSA, E. F. **Trabalhando com projetos** – Planejamento e gestão de projetos educacionais. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. 225 p.
- MORGADO, J. C. Mudança das Práticas Curriculares: Realidades e Perspectivas. In: MORGADO, J. C.; ALVES, M. P. (Orgs.). **Mudanças educativas e curriculares... e os educadores/professores?** Braga: Centro de Investigação em Educação - Universidade do Minho, 2005. p. 265- 280.
- NONO, M. A.; MIZUKAMI, M. DA G. N. Aprendendo a ensinar: futuras professoras das séries iniciais do ensino fundamental e casos de ensino. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPEd, 24., 2001, Caxambu/MG. **Anais...** Caxambu, 2001. p. 1-6.
- NONOSE, E. R. S.; BRAGA, T. M. S. Formação do professor para atuar com saúde/doença na escola. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 3. 2008. Curitiba/PR. **Anais...** Paraná: Pontífice Universidade Católica. Disponível em: <http://www.pucpr.breventos/educere/educere2008/anais/pdf/407_455.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2015.
- OLIVEIRA, C. L. **Significado e contribuições da afetividade, no contexto da metodologia de projetos, na educação básica**. 2006. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação e Tecnologia) – Centro de Ensino Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais - CEFET-MG, Belo Horizonte - MG, 2006.
- OLIVEIRA, A. L. A. M. Pesquisa-ação colaborativa e a prática docente localmente situada: dois estudos em perspectiva. **Revista Unisinos Calidoscópico**, São Leopoldo, v.10, n.1, p.58-64, jan./abr., 2012. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2012.101.06>> Acesso em: 20 mai. 2014.
- OPAS. Oficina Sanitária Panamericana. **Escuelas promotoras de salud: modelo y guía para la acción**. Washington (DC); 1996. p. 1-19.
- PEDROTTI, P. H. O.; PEDROSO, R. G. F.; KRUG, M. R. Valores pressóricos e IMC de alunos participantes do projeto Construindo um futuro saudável através da promoção à saúde In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO NO MERCOSUL, XVI, 2014, Cruz Alta/RS. **Anais...** Universidade de Cruz Alta, 2014. Disponível em: <<http://unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2014/>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

- PIERSON, A. H. C.; SOUZA, C. R. As contribuições do processo de implementação do projeto para o ensino de ciências “abc na educação científica - a mão na massa” para o desenvolvimento profissional de uma professora de pré-escola. In: VIII. UNESP, 2005, São Paulo. **Anais...** Universidade Estadual Paulista - Pro-reitoria de Graduação. 2005.
- PIMENTA, S. G. Pesquisa-ação crítico-colaborativa: construindo seu significado a partir de experiências com a formação docente. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 521-539, set./dez. 2005.
- RICARDO, E. C.; ZYLBERSZTAJN, A. O ensino das ciências no nível médio: um estudo sobre as dificuldades na implementação dos parâmetros curriculares nacionais. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 352-370. Disponível em: <<http://journal.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6610/6102>> Acesso em: 27 mar. 2013.
- RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação do Estado. **Proposta Pedagógica Para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (2011-2014)**. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_proposta.pdf>. Acesso em 22 maio 2014.
- SAMPAIO, M. M.; MARIN, A. J. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação e Sociedade**, Campinas: CEDES, v. 25, n. 89, p. 1203-1225, set./dez. 2004.
- SANTOS, K. F. dos; BOGUS, C. M. A percepção de educadores sobre a escola promotora de saúde: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano**, São Paulo, v.17, n.3, p. 123-133, 2007. Disponível em: <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rbcdh/v17n3/12.pdf>> Acesso em: 27 mar. 2014.
- SANTOS, A. “Pedagogia” ou “método” de projetos? Referências transdisciplinares. **Terceiro Incluído**, NUPEAT–IESA–UFG, v.1, n. 2, p.101 –123, jul./dez. 2011.
- SCHEIN, D.; LEITE, F. A. N. Seminário politécnico: a pesquisa no ensino médio para a formação de alunos e professores. In: SALÃO DO CONHECIMENTO; CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO SOCIAL, 2012 Ujuí. **Anais...** Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Unijuí, 2012.
- SILVA, J. O. **Educação e saúde**: palavras e atos. Porto Alegre: DACASA; 2001 (Série Pesquisa em Saúde 14). 85 p.
- SILVESTRE, V. S. V. A **pesquisa-ação colaborativa na formação universitária de quatro professoras de inglês**. 2008. 102 p. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento Científico de Saúde Escolar. **Cadernos de Escolas Promotoras de Saúde – I**. s.d. Brasília. Disponível em: <http://www.sbp.com.br/img/cadernosbpfinal.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2016.
- SOUSA, F. **Diferenciação Curricular e Deliberação Docente**. Porto: Porto, 2010. 187 p.

STANGA, A. C.; REZER, R. Concepções de saúde, trabalho docente e o Pró-Saúde: nos caminhos da hermenêutica... **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 593-614, 2015.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPEd, n. 13, jan./abr. 2000.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; GAUTHIER, C. **Formação dos professores e contextos sociais**. Porto, Portugal: Rés, s/d. 137 p.

TARDIF, M.; RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 21, n. 73, Dez. 2000.

TORRES, P. L.; ALCÂNTARA, P. R.; IRALA, E. A. F. Grupos de consenso: uma proposta de aprendizagem colaborativa para o processo de ensino-aprendizagem. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n.13, p. 129-145, 2004.

TORRES, P. L.; IRALA, E. A. F. Aprendizagem colaborativa: teoria e prática. In: Torres, P. L. (Org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: Senar, 2014. p. 61-93.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 175 p.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. 182 p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION - WHO. **The Ottawa Charter for Health Promotion**. Geneva, Switzerland. 1986. Disponível em: <<http://www.who.int/healthpromotion/conferences/previous/ottawa/en/index.html>>. Acesso em: 06 nov. 2014.

ZANATA, E. M. **Planejamento de práticas pedagógicas inclusivas para alunos surdos numa perspectiva colaborativa**. 2004. 123f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.

ZEICHNER, K. Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 3, p. 479-504, set./dez. 2010.